UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ANE TALITA DA SILVA ROCHA

Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana

(VERSÃO CORRIGIDA)

São Paulo

Dezembro de 2013

ANE TALITA DA SILVA ROCHA

Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título do Mestre em Antropologia Social. **Esta é uma versão corrigida, o exemplar original encontra-se no CAPH da FFLCH.**

De acordo:

_____

Prof. Dra. Heloisa Buarque de Almeida

(orientadora)

(Versão Corrigida)

São Paulo

2013

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Rocha, Ane Talita da S.

Md Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana / Ane Talita da Silva Rocha; orientadora Heloisa Buarque de Almeida – São Paulo, 2013.

Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

1. Antropologia. 2. Juventude. 3. Estilo. 4. Sexualidade. 5. Gênero. 6. Diferença. 7. Ane Talita da Silva Rocha. I. Almeida, Heloisa Buarque de, orient. II. Título.

Ane Talita da Silva Rocha

Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana

(versão corrigida)

Banca Examinadora

Profa. Dra. Heloisa Buarque de Almeida (FFLCH – USP)

Dra. Regina Facchini (PAGU – UNICAMP)

Prof. Dr. Julio Assis Simões (FFLCH – USP)

Para Zuleide, João e Ludmila por serem minha base. E para Alex por construir junto comigo. Todo amor para vocês.

Agradecimentos:

Sempre tive um especial apreço em ler agradecimentos de dissertações e teses. A primeira coisa que faço ao ter contato com um novo trabalho é ir para a parte dos agradecimentos. A impressão que tenho é que estas páginas devolvem a humanidade e a esfera afetiva deste ofício, que muitas vezes se torna tão solitário e "sisudo". Pois bem, chegou a minha vez! Já adianto aos/às leitores/as que minha intenção é que estas páginas transbordem amor e gratidão, portanto, caso queiram algo mais formal, pule-as.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, pelo apoio e financiamento a esta pesquisa, sem os quais não seria possível sua realização.

Gostaria de agradecer a todos/as meus/minhas interlocutores/as pela maneira como dividiram suas histórias comigo e pelo interesse no desenvolvimento da pesquisa. Aqui gostaria de expressar minha gratidão com Andréia Rocha, cuja generosidade foi fundamental para o estabelecimento dos primeiros contatos para a formação da rede de colaboradores/as. Muito obrigada, querida!

Agradeço a todos/as os professores/as que durante estes anos fizeram parte da minha formação acadêmica, em especial à Heloisa Buarque de Almeida, que desde os idos de 2007 me orienta de forma generosa e estimulante. Seu acolhimento e apoio me levaram a caminhos que eu nunca havia imaginado... E pensar que a procurei para estudar mídia, mas a partir das suas aulas nunca mais me afastei dos temas ligados a gênero e sexualidade.

Agradeço à Sylvia Caiuby cujo apoio e confiança foi essencial em vários momentos da minha trajetória acadêmica; à Ana Claudia Marques, cujas aulas desde a graduação sempre me motivaram; à Marta Amoroso, Renato Sztutman e Paula Montero, que durante as disciplinas da pós-graduação de alguma forma dialogaram com este trabalho; à Laura Moutinho pelo interesse e disposição em dialogar; à Regina Facchini e Júlio Simões pela leitura generosa e apontamentos precisos durante o exame de qualificação e pela disposição em participar da banca de defesa.

Agradeço à Mariana Vanzolini, pelas conversas, pelos puxões de orelha, mas sobretudo pelo incentivo e por me fazer acreditar que o carinho e a amizade podem

florescer de onde não esperamos. Ao Renato Barboza, que para além de supervisor de estágio, tornou-se um companheiro e um incentivador para a vida toda.

Às companheiras de orientação, em especial à Michele Escoura, Marisol Marini, Renata Guedes Mourão, Marcela Betti, Isabela Venturoza e Beatriz Accioly Lins; pelas leituras compartilhadas e angústias divididas. Agradeço também aos colegas do Núcleo de Pesquisa sobre os Marcadores Sociais da Diferença, o NUMAS, pelo empenho com o qual se dedicam para que as discussões e eventos ocorram. Gostaria de fazer um agradecimento especial ao Gustavo Saggese, primeira pessoa a debater um trabalho meu, a pesquisa de iniciação científica que é a semente desta dissertação. Agradeço também a todos/as os/as colegas que em algum momento discutiram este trabalho em eventos e congressos.

Acredito que alguns encontros estão programados para acontecer em nossas vidas e a minha breve passagem pelo Ministério Público do Estado de São Paulo teve como fim meu encontro com Luciana Leite, a quem agradeço pelo incentivo e amizade em momentos de desânimo e cansaço.

Agradeço a toda equipe do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo, o CDHEP, por me acolherem tão bem e por me darem a oportunidade de unir o conhecimento adquirido na vida acadêmica com a realidade cotidiana enfrentada por mulheres jovens e moradoras da periferia. Gostaria de agradecer especialmente à Mariana Pasqual, Milena Mateuzi e Joseh Silva pelas discussões entusiasmadas e pela vontade em comum de fazer a diferença nesta realidade. À Natália Landolpho Francisco, companheira de trabalho que se tornou parceira para a vida, não há agradecimentos suficientes. Nestes meses finais de escrita seu apoio e amizade foram fundamentais. Agradeço também a todas as jovens participantes do projeto "Construindo uma nova narrativa com jovens mães moradoras do Capão Redondo: empoderamento, ação comunitária e educação em Direitos Sexuais e Reprodutivos", a convivência com cada uma de vocês me faz enxergar o quão complexa são as questões que envolvem gênero e sexualidade e quanto não podemos nos contentar em "fazer teoria".

Às queridas e queridos do PPGAS, especialmente a turma de 2011 com a qual pude compartilhar mais de perto as dores e as delícias da aventura antropológica e com alguns/mas as cantorias nas nossas saudosas sessões de karaokê. Agradeço à Patrícia

Ferreira; Weslei Estradiote; Tatiane Klein; Jacqueline de Moraes Texeira; Arieh Wagner e Ramon Reis. À Natália Lago, Camila Mainardi e Marina Barbosa pelas saídas e histórias divididas (e pelas não também...); à Denise Pimenta pelo carinho nos pequenos gestos; à Bruna Triana pela amizade e carinho sem fim; à Bianca Chizzolini pelos interesses em comum e afeto compartilhado; à Mayã Martins, caçulinha da turma que virou irmã de coração; ao Eduardo Garcia, pela amizade desde o primeiro ano de graduação, pelas histórias compartilhadas e pelas que ainda viveremos.

Agradeço também à todos/as que fizeram parte Comissão Editorial da Revista Cadernos de Campo no ano de 2011: Bruna Triana, Diana Mateus, Marina Barbosa, Mayã Martins, Milena Estorniolo, Raphael Sabaini, Rebeca Campos e Renato Martelli Soares. Foi um ano de muita aprendizagem com todos/as vocês.

Às amigas e amigos que desde os tempos de graduação tornam minha vida na Pauliceia mais doce e divertida: Aruanda Leonel (e o nosso Toninho!), Elisa Pereira Castro, Alice Buratto, Grazi Rissato, Nathalie Ferreira, Bruno Cambal, Vanessa Passos, Camila Fink, Guilherme Clemente, Zé Dias, Guilherme H. Maruyama e Carolina Scheidecker. Cada um/a faz parte da minha história de uma maneira muito especial.

Às amigas de longa data: Gabriela Hengles, querida com quem sempre dividi o sonho de "entrar na USP" e muitos outros; Thais Facci, "minha pequena" que mesmo estando longe está perto do coração; Camila Emílio, de uma importância fundamental no primeiro ano em São Paulo e em todos os outros da minha vida. E Natália Lopes, cuja amizade cultivamos desde o jardim de infância: "Só enquanto eu respirar...".

Agora os agradecimentos mais do que especiais: ao Alex Magri, não sei nem como começar... Cinco anos de companheirismo, aprendizagem, respeito e amor. Obrigada pelas inúmeras vezes que me acompanhou ao campo; por acreditar (e me fazer lembrar) no meu potencial; por cuidar de mim; por me apoiar. Aguentou firme e forte meus momentos de desespero, nos quais eu achava que não chegaria até o fim; me deu clareza para entender que tudo isso fazia parte do processo, mas que eu era forte o suficiente para conseguir; me escutou durante meses falando sobre um único assunto (a pesquisa), sem que eu ao menos lhe desse a chance de falar como se sentia... Fomos aprendendo pelo meio do caminho e acredito que saímos de tudo isso mais fortalecidos do que quando começamos. Com você aprendi que é possível viver um amor no qual cada um pode ter seus sonhos e onde os dois somam para que algo maior e mais bonito floresça.

E o melhor eu deixo para o final: agradeço à minha família, que não é perfeita, mas é a melhor que eu poderia ter. À minha mãe, Zuleide Araújo, todo o amor do mundo. Ela é meu exemplo de mulher: guerreira, que não desiste e não me deixa desistir. Obrigada pelos afagos enquanto eu chorava sem saber se daria conta de todos os compromissos e por mesmo sem entender muito bem o que é uma dissertação, se interessar pelo andamento da pesquisa. Ao meu pai, João Rocha, pela torcida e incentivo incondicionais, me lembrando a cada momento vacilante do quanto eu sou capaz e que eu sempre terei para onde voltar. Te amo. E à minha irmã, Ludmila Rocha, pelos sonhos e expectativas divididas mesmo que os de cada uma sejam tão diferentes... Pelo amor que é maior do qualquer conflito e pelo cuidado mútuo que é diário, apesar da distância física. Aos três por tentarem entender minhas ausências e os diversos momentos nos quais mesmo estando fisicamente perto tive que me isolar para estudar. A vocês o meu agradecimento mais do que especial. Muito do que sou devo a nossa convivência e amor. Só nós sabemos o quanto este momento é importante e simbólico para nossa família, por tudo que já passamos. Estou muito feliz pelo nosso trabalho em equipe. Dedico tudo isso a vocês.

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de discutir a articulação entre os diferentes marcadores sociais de diferença, os diversos estilos, e as lógicas classificatórias utilizadas pelos/as jovens frequentadores/as da festa *Delicious*. A referida festa ocorre todos os sábados na casa noturna *Funhouse*, situada na Rua Bela Cintra, em São Paulo e especializada no estilo *indie rock.* A dissertação discute como as lógicas classificatórias são articuladas para a produção de um discurso sobre si, a produção de sujeitos desejáveis (ou não) e de preferência de parcerias afetivo-sexuais; mas também para evidenciar campos de possibilidades e de ações existentes para estes/as jovens. Para tanto utilizarei da análise etnográfica, além de entrevistas com os frequentadores, idealizadores e Djs da festa.

Há um discurso de que na *Delicious* as diferentes categorias de classificação convivem amistosamente, porém a partir da análise é possível perceber que para que esse convívio seja possível é necessário que novas clivagens e diferenciações sejam construídas. Nesse sentido, os/as jovens trazem novas moralidades, num esforço de se manter numa leitura "adequada", ou seja dentro da heterossexualidade. As experimentações sexuais têm uma lógica própria neste contexto, que dialoga com as novas fronteiras utilizadas pelos/as jovens.

Palavras-chave: juventude, estilo, sexualidade, gênero, diferença.

Abstract

This study aims to discuss the articulation between distinct social markers of difference, various styles and the logic underlying classificatory systems used by young customers of the *Delicious* party. This party takes place every Saturday at the *Funhouse* nightclub, located at Bela Cintra Street in the city of Sao Paulo and specialized in *indie rock* style. The thesis discusses how the logic underlying classifications are articulated by customers in the production of a discourse about themselves as desirable subjects (or not), preferably within the context of affective-sexual partnerships. These discourses are also employed to foreground fields of existing possibilities and actions for these youngsters. Observant participation as well as interviews with costumers, party DJs and creators were the techniques utilized in this research.

There is a discourse which claims that, in the *Delicious*, different categories of classification coexist in a friendly manner, however, analysis reveals that new cleavages and differentiations are constructed in order to make coexistence possible. In this sense, the youngsters bring forth new moralities, in an effort to maintain themselves within a "proper" framework, namely within heterosexuality. Sexual experimentations follow their own logic in this context, which dialogues with the new boundaries utilized by youngsters.

Key-words: youth, style, sexuality, gender, difference

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

└ 13

└ SOBRE JUVENTUDE E OUTRAS COISAS MAIS 16

└ O QUE VEM EM SEGUIDA 17

└ UMA PRÉVIA DAS DISCUSSÕES 19

CAPÍTULO 1 – ENTRANDO NO UNIVERSO NOTURNO

1.1. A RUA AUGUSTA 22

1.2. UMA INFINIDADE DE ESTILOS E O ESPAÇO DA CENA INDIE ROCK PAULISTANA 31

1.3. A FUNHOUSE 42

1.4. A DELICIOUS 47

1.5. O CIRCUITO DOS/AS ENTREVISTADOS/AS 61

CAPÍTULO 2 – MORALIDADES NA PISTA

2.1. MORALIDADES EM DISCURSO 67

2.2. O MEU SEXO E O SEU SEXO 83

CAPÍTULO 3 – PRODUZINDO DESEJOS E DIFERENÇAS

3.1. ESTILO 88

3.2. INTERSECÇÕES E TENSORES LIBIDINAIS 100

3.3. UM PONTO FORA DA LINHA: ANDRÉ 111

CONSIDERAÇÕES FINAIS

└ 117

BIBLIOGRAFIA 120

ANEXOS

└ MAPA DA REDE DOS/AS ENTREVISTADOS/AS 130

└ QUADRO DESCRITIVO DOS ENTREVISTADOS 131

└ NOTIFICAÇÃO DE APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA 133

Introdução

A presente pesquisa buscou compreender a articulação entre os marcadores sociais da diferença, os estilos e as lógicas classificatórias utilizadas pelos adeptos do estilo *indie rock*[1] para a produção de um discurso sobre si, a produção de sujeitos desejáveis (ou não) e de parcerias afetivo-sexuais. Além disso, as moralidades evidenciadas nos discursos ganham destaque.

Com essas ideias iniciais parti para um "pré-campo" a fim de mapear possíveis locais para realização do trabalho etnográfico. O primeiro local a ser explorado foi a Rua[2] Augusta, por dois motivos: é um lugar muito conhecido pela frequência jovem (é reconhecida como uma das ruas mais boêmias da cidade) e está passando por um processo vertiginoso de transformações: seja na paisagem urbana (com a construção de novos edifícios) seja na paisagem humana (com a frequência de novos públicos). Entre junho e julho de 2011 frequentei diversas "baladas" na região, tais como o clube *Outs*[3] e Inferno, por exemplo. Além disso, frequentei diversos bares onde pude conversar com alguns/mas frequentadores/as a fim de localizar possíveis locais para o trabalho de campo. Depois de frequentar alguns lugares, a casa noturna *Funhouse*, localizada na Rua Bela Cintra – paralela com a Rua Augusta – e mais especificamente a festa *Delicious* foi selecionada para a pesquisa etnográfica devido a maior presença de jovens entre 18 e 24 e por ter um público mais heterogêneo, com a presença, embora em menor número, de casais homossexuais. Esta festa ocorre todos os sábados e é focada no estilo *indie rock*.

Durante o segundo semestre de 2011 frequentei a *Funhouse* no mínimo três sábados por mês, com o objetivo de uma primeira aproximação com os/as frequentadores/as e a dinâmica da casa. Além disso, foram realizadas entrevistas em profundidade com 12 jovens frequentadores/as e com 3 DJs, a fim de entender a organização da festa, o estilo do público no decorrer dos anos, a lógica do trabalho de DJ e a dinâmica das festas que ocorrem no circuito frequentado por esses/as jovens.

---

[1] Gênero musical surgido no Reino Unido e nos Estados unidos durante a década de 1980. Tem como influência gêneros mais antigos como o rock alternativo, o pós-punk e o new wave.

[2] Durante toda a dissertação quando me referir à Rua Augusta utilizarei o R maiúsculo, por entender que esta parte da cidade também é uma das personagens centrais desta pesquisa.

[3] Nesta dissertação os termos êmicos e os de língua estrangeira estarão grafados em itálicos.

A proposta inicial consistia em fazer uma comparação entre jovens de diferentes classes sociais. A *Delicious* (e a cena *indie rock* como um todo) é frequentada por um público que se pode classificar como classe média/alta[4], de modo que procurei, durante um tempo, outros locais para realizar a segunda parte da pesquisa. A partir do momento que comecei o trabalho etnográfico na festa *Delicious*, percebi que não seria possível, no tempo disponível para o mestrado, analisar a fundo os dados coletados em dois locais distintos e as entrevistas realizadas com seus/suas frequentadores/as, de modo que me concentrei somente na referida festa e no *indie rock*, atentando-me para as tensões existentes no interior deste estilo. Entretanto, algumas considerações sobre as tensões entre os diversos estilos são realizadas durante todo o trabalho, sobretudo a partir dos dados e narrativas de André (único entrevistado que não frequenta a festa *Delicious*).

Deste modo a pesquisa pautou-se nos seguintes objetivos: discutir a articulação entre os diferentes marcadores sociais da diferença, os diversos estilos e as lógicas classificatórias utilizadas pelos/as jovens frequentadores da festa *Delicious* para a produção de um discurso sobre si, a produção de sujeitos desejáveis (ou não) e de preferência de parcerias afetivo-sexuais; e também para evidenciar campos de possibilidades e de ações existentes para estes/as jovens.

Para tanto me utilizei da abordagem qualitativa, através da pesquisa etnográfica e participante. Não tive a pretensão de tornar-me uma legítima frequentadora da festa *Delicious*, mesmo porque nunca tinha frequentado a cena *indie rock* antes de começar a pesquisa, mas esforcei-me para capturar as nuances que permeiam este estilo. Acredito que o fato de não pertencer a esta cena tenha sido fundamental (embora desesperador no início do trabalho de campo) para que o estranhamento inicial me aguçasse a curiosidade, que é tão benéfica ao ofício antropológico.

Durante os cinco meses de idas quase que semanais à festa, percebi que a aproximação com os/as frequentadores/as para a realização das entrevistas não seria tão fácil. Os contatos que pude manter com os/as jovens durante a "balada" foi bastante superficial[5], de modo que tive que pensar sobre estratégias para construção da rede de colaboradores/as. Levando em conta a importância da internet e das redes sociais para a sociedade contemporânea – sobretudo para uma parcela da juventude –, entrei em

[4] No decorrer da dissertação discutirei este ponto.
[5] Discuto mais sobre este ponto no capítulo 1.

contato com jovens que confirmassem presença na *Delicious* através da página que a *Funhouse* mantém no *facebook*. Selecionei jovens com idade entre 18 e 24 anos e por meio de mensagem privada estabeleci o primeiro contato, no qual explicava os objetivos da pesquisa e meu interesse em entrevistá-lo/a. Após algumas tentativas frustradas, nas quais fiquei esperando a pessoa que me daria a entrevista durante horas no lugar combinado, consegui estabelecer os primeiros contatos e articular a rede de colaboradores/as. Para a realização da entrevista com os/a DJs, fiz um primeiro contato pessoalmente e depois reforcei o convite via e-mail ou pelo *facebook*.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com 12 frequentadores/as da festa *Delicious* (com exceção de André, que embora confirme presença nas festas através dos eventos do *facebook*, pessoalmente me disse que nunca foi, mas tem muita vontade de ir, porém seus amigos da *hardcore* não querem o acompanhar, discutirei sobre isso mais adiante). O roteiro foi dividido em cinco blocos: I) Identificação do Entrevistado, cujo objetivo era estabelecer um primeiro contato com o/a interlocutor/a, saber seu lugar de origem, onde e com quem mora, quantos anos tinha, com qual "raça"/"cor" se define; II) Trajetória Educacional e Profissional; III) Redes de Sociabilidade, a fim de traçar os locais para os quais eles/elas costumam sair, quem são suas companhias, se existe diferença entre os locais e as companhia escolhidas, como se dá a escolha do local para sair; IV) Sexualidade(s), Relações Afetivas e Identidade(s), cujo o objetivo era mapear a trajetória afetivo-sexual dos/as entrevistados/as, as diversas experiências pelas quais passaram, seja com parceiros do "sexo" oposto ou não, este bloco da entrevista também tratava sobre as moralidades em jogo nas parcerias afetivo-sexuais dos/as entrevistados/as e as lógicas classificatórias presentes neste contexto, seja no discurso sobre si ou sobre o outro; V) "Estilos" e Preferências, a fim de mapear as preferências estéticas e categorias utilizadas para o estabelecimento de parcerias afetivo-sexuais e as estratégias utilizadas para a construção do seu próprio estilo.

Todas as entrevistas foram gravadas e todos/as os/as entrevistados/as assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Além disso, antes da entrevista eu dava alguns esclarecimentos sobre o andamento da mesma e sobre a possibilidade de a interrompermos a qualquer momento em que o/a entrevistado/a julgasse necessário. A possibilidade de não responder a perguntas que julgasse "inconvenientes" também era colocada desde o início. As entrevistas ocorreram de forma bastante tranquila e

nenhum/ma entrevistado/a sentiu-se constrangido/a a ponto de não responder alguma questão. Segui um roteiro semi-estruturado, mas a principal preocupação foi que a entrevista tivesse um tom de conversa, na qual tanto eu quanto meu/minha interlocutor/a pudéssemos ficar a vontade e um diálogo fosse estabelecido. Acredito que atingi este objetivo, uma vez que depois deste primeiro encontro continuei mantendo contato com vários/as jovens.

Sobre juventude outras coisas mais...

Diversas pesquisas tematizam sobre a juventude, entretanto está longe de haver um consenso sobre o que significa tal conceito. Dayrell (2007) discute sobre os diferentes modos que a literatura tem analisado esta "fase" da vida: ora como momento de transição e ambiguidade, em que o jovem seria um ser em construção, inacabado, um "vir a ser"; ora como um momento de crise, uma fase difícil na qual seria inevitável enfrentar conflitos com a auto-estima e/ou personalidade.

Para além dessas análises, há também a perspectiva etária, onde o corte é feito através da idade cronológica: para o IBGE, jovem no Brasil seriam as pessoas que têm entre 15 e 24 anos; já a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera jovens (na verdade utiliza o termo adolescente) as pessoas entre 10 e 19 anos; a Organização das Nações Unidas (ONU) estabelece o intervalo entre 15 e 24 anos como juventude. O Estatuto da Juventude, promulgado pelo Governo Federal em 05 de agosto de 2013 define enquanto jovem as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Fica claro que são utilizados critérios históricos e culturais para definir o que é juventude. Neste sentido, trabalho de Ariès (1991) analisa a construção da ideia de infância e juventude como algo muito recente, que se deu a partir do século XVII.

Esta pesquisa, entretanto, segue outra orientação acerca da juventude a partir da qual ela perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados (Debert, 2010, p. 51) e de uma postura considerada jovem a partir da adesão de certas atitudes, tais como alegria e disposição.

A partir do trabalho de campo fica claro que para meus/minhas interlocutores/as heterossexuais a juventude não tem tanto a ver com idade e sim com o estilo de vida (Bourdieu, 2007) que se leva. Neste sentido alguns acontecimentos seriam cruciais para definir a passagem da juventude para a vida "adulta": o casamento, mas sobretudo o nascimento de filhos/as estabelecem mudanças na rotina de forma considerada tão drástica que não seria mais possível manter-se jovem por muito tempo. O fator determinante aqui é o afastamento da vida noturna. Se é jovem enquanto é possível manter uma agenda de divertimentos considerada satisfatória. Já entre os/as homossexuais, a questão dos projetos de vida é fundamental: a juventude seria a etapa na qual os projetos são formulados e executados, já na "vida adulta" os frutos destes esforços começariam a ser colhidos, ou seja, certa ideia de estabilidade (seja financeira, seja emocional) é relevante neste contexto.

Outros conceitos muito importantes nesta pesquisa são gênero e sexualidade. Entendo o gênero como construção social, de modo que a masculinidade e a feminilidade não são imediatamente oriundos de corpos tidos como biologicamente "fêmea" e "macho". Sendo assim as performances de gênero são os atos, gestos e atuações fabricadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos que procuram expressar uma essência ou identidade. De acordo com Butler (2010): *"o fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem a sua realidade"* (p.194).

Já a sexualidade é tratada a partir da perspectiva construcionista (Vance [1995], Weeks [2000]). Neste viés analítico, um ato sexual não traz em si um significado social universal, e as "rotulações" sexuais socialmente construídas não só influenciam a subjetividade e o comportamento sexual do indivíduo, mas também organizam e dão significado à experiência sexual coletiva. Assim, a sexualidade não é encarada enquanto um "impulso natural", mas sim como uma construção histórica e cultural.

O que vem em seguida...

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro deles, "Entrando no universo noturno", faço uma apresentação do universo pesquisado a partir de uma

descrição da Rua Augusta e das transformações pelas quais ela vem passando. Neste capítulo também analiso os espaços de sociabilidade noturna existentes nesta região, e me detenho no circuito dos/as jovens pesquisados/as. A dinâmica das casas noturnas também ganha destaque na análise, através da rotatividade e importância que as *festas* possuem nesta cena. A ideia do capítulo é que o/a leitor/a vá do geral ao específico: o passeio começa pela Rua Augusta, passa por suas casas noturnas, segue pela cena *indie rock*, para em seguida fixar-se na *Funhouse*, mais especificamente na festa *Delicious* e em seus/suas frequentadores/as.

No segundo capítulo abordo as moralidades que circulam neste contexto. Os valores que estão em jogo nas relações estabelecidas são de fundamental importância, pois nos revelam as articulações realizadas no processo de aproximação e/ou afastamento. Dicotomias – tais como *bom* e *mal*, *legal* e *chato*, *bonito* e *feio*, *prazeroso* e *bizarro*, entre outras – são colocadas em discurso na tentativa de tornar inteligível o que se leva em conta quando se fala sobre sexualidade e/ou relacionamentos afetivos. Meu esforço é no sentido de entender as "categorias nativas" a partir do uso feito pelos/as sujeitos/as, atentando-me para as polissemias próprias desta cena. Que mundo surge através desses valores? O que essas moralidades dizem a respeito dessa fração da juventude de classe média paulistana?

Já no capítulo três "Produzindo diferenças e desejos" procuro compreender articulação entre o estilo dos/as frequentadores/as da *Delicious* e os marcadores sociais da diferença, na construção de sujeitos desejáveis (ou não) e o modo como essa articulação é utilizada na criação de diferenças e discursos de pertencimento a determinada cena, no caso o *indie rock*. Durante toda a dissertação, mas especialmente neste capítulo, a entrevista do jovem André será usada como contraponto às demais. Ele não frequenta a *Delicious*, embora confirme sua presença através do *facebook*, e faz uma tentativa de trânsito entre o estilo *indie* e o *hardcore*. A partir de sua narrativa é possível perceber nuances importantes das negociações que estão em jogo nos discursos de pertencimento e/ou afastamento produzidos pelos/as jovens.

Uma prévia das discussões

Pode-se perceber que embora o discurso seja de que a *Funhouse* e mais especificamente a *Delicious* seja uma festa *moderna* e que tem um público heterogêneo, sendo frequentada por heterossexuais e homossexuais, existe uma tensão, ainda que velada, nessa sociabilidade entre as diferenças. Episódios que ocorreram enquanto eu fazia a etnografia são bem marcantes: o gerente da casa noturna é homossexual e em menos de dois meses houve duas brigas nas quais os frequentadores usaram sua sexualidade para agredi-lo. Os dois entrevistados gays vão à casa noturna com amigos heteros, uma vez que não consideram totalmente tranquilo ficar com um garoto no local. A *convivência* entre as diferentes formas de vivenciar a sexualidade de fato existe e é uma categoria importante nesta cena, uma vez que é muito utilizada para demonstrar o quanto *modernos* e *alternativos* são os sujeitos inseridos neste contexto (principalmente se heterossexuais), porém mais uma vez venho destacar que essa convivência não impede que existam tensões e *zoações* de todo tipo contra gays e lésbicas.

Alguns/mas dos/as entrevistados/as já tiveram algum tipo de experiência homossexual. Mas é importante destacar que são as meninas que podem ter este tipo de experiência e continuarem a se classificar e serem classificadas como heterossexuais, de modo que seria mais apropriado falar em heterossexualidades, uma vez que há diferentes maneiras – para as garotas – de viver a experiência heterossexual. Neste contexto ser uma garota heterossexual não exclui beijar eventualmente outras meninas, porém as narrativas trazem nuances importantes. O *sentimento* aparece como um fator fundamental nesta cena: entre os/as entrevistados/as que se que classificam como homossexuais, a *afetividade* está muito presente, uma vez que é ela que demarca esta posição de sujeito. É gostar/amar pessoas do mesmo sexo que os fazem homossexuais, o *tesão* é importante, mas não é somente disso que se trata. Adriana disse que *quase* chegou a namorar uma garota, porém neste mesmo período também estava ficando com um menino, com o qual acabou namorando, pois estava *gostando mesmo* dele. Caetano namora um garoto e eles estão pensando em abrir o relacionamento, mas tem um porém: tanto ele quanto o namorado só poderão ficar/transar com outras *garotas*, pois desse modo não há *afetividade* envolvida, apenas *tesão*.

O fato de a fronteira ser mais "borrada" para as garotas não quer dizer que as possibilidades sejam infinitas. O álcool, que está muito presente nos ambientes noturnos de sociabilidade, aparece como um importante desinibidor sexual para as garotas:

Adriana, Andressa e Manuela disseram que – pelo menos na maioria das vezes para Adriana – estavam *bêbadas* quando tiveram algum tipo de relação afetivo/sexual com outra garota. Todos/as os/as entrevistados/as concordam que as meninas possuem mais possibilidades de experimentação sexual, mas essa liberdade sempre está ligada a ingestão de bebidas alcoólicas, que é muitas vezes utilizada como justificativa para tais experiências. Os papéis de gênero que são esperados dos homens nesta cena não permitem que eles se relacionem com outros garotos nem mesmo sob o efeito do álcool, uma vez que isso seria apenas uma desculpa para encobrir uma *vontade verdadeira* que seria necessária para se fazer tal coisa. Entretanto, mesmo as meninas que podem transitar não estão sendo *elas mesmas*, não estão ficando com quem *realmente* gostam e é apenas uma *zoação* possível de acontecer na balada. Para ser *qualquer coisa mesmo*, seja homo, bi ou heterossexual, é preciso ter isso bem definido na cabeça e aqui os essencialismos aparecem com força: todos possuem uma essência verdadeira, algo que realmente goste e a experimentação (das garotas, no caso) é possível para que se possa ter certeza do que se gosta, ou seja, para afirmar uma possível (e desejável) heterossexualidade.

Durante toda a dissertação procurei demonstrar o quanto a articulação entre estilo e sexualidade é importante nesta cena, de modo que certa moralidade sexual compõe o estilo desses jovens, o que se torna um grande vetor de tensão.

Se de um lado há o discurso de uma convivência pacífica entre as diferentes sexualidades nos ambiente de sociabilidade noturnos da cena *indie rock*, uma vez que para ser *moderno* não seria possível ser preconceituoso, por outro lado, os insultos e deboches existem e também estão presentes nas falas de meus/minhas interlocutores/as. É preciso que os/as heterossexuais afirmem (e reafirmem) que a diferença existe, pois ainda vivem numa sociedade que é basicamente heteronormativa (principalmente fora da cena). É necessário ser um sujeito viável de sua classe e "raça", e para tal é quase indispensável ser heterossexual. Essa contingência abre o caminho retórico para que as pessoas se vejam enquanto *hetero mesmo*, *gay mesmo* ou *lésbica mesmo*. O *mesmo* torna-se fundamental como uma maneira de reafirmar uma "identidade" sexual.

A partir de toda a discussão pode-se afirmar que nesta cena é o estilo que articula todas as outras diferenças construídas através dos discursos dos/as jovens. As trajetórias sexuais, as performances de gênero e as moralidades presentes neste contexto

são lidas a partir da vivência dos/as meus/minhas interlocutores/as enquanto jovens *modernos/alternativos*.

1. Entrando no universo noturno

1.1 A Rua Augusta

A partir de meados dos anos 2000 a Rua Augusta voltou ao seu "apogeu"[6] na mídia com a inauguração de muitas casas noturnas a partir de seu cruzamento com a Avenida Paulista sentido Centro. É famosa pela concentração de jovens e pela efervescência noturna que se pode encontrar praticamente todos os dias: são bares, baladas, restaurantes, cinemas, teatros, casas de shows, que a princípio tinham como público jovens que estavam ligados à cultura urbana alternativa[7], sobretudo ao *rock and roll.*

Essa nova forma de ocupação da Rua aqueceu o mercado imobiliário e elevou o preço do metro quadrado na região. De acordo com a reportagem da Revista Veja[8]: "(...) o aluguel nas imediações subiu mais do que a média da cidade. Entre 2005 e 2009, o preço de locação em São Paulo aumentou 35%. Nesse mesmo período, na região do Baixo Augusta[9], o aluguel de uma quitinete saltou de R$ 330,00 para R$ 600,00 (alta de 82%) e o de uma unidade de um dormitório variou de R$ 590,00 para R$ 930,00 (alta de 58%)". Um parque está previsto numa área de 23.700 metros quadrados localizada entre as ruas Marquês de Paranaguá e Caio Prado. Em 2008, o então prefeito Gilberto Kassab assinou um decreto que destina a área como de utilidade pública. O prazo para que parque fique pronto termina em agosto de 2013, entretanto nada foi feito até agora[10]. É importante destacar que tanto a revista acima citada quanto outros veículos de grande circulação veiculam um discurso que ajuda a vender a ideia de um espaço valorizado, o qual opõe a *velha* Rua Augusta "decadente, cheia de prostitutas" com a *nova* Rua Augusta "revitalizada e com gente bonita". Esta argumentação binária mostra-se superficial e insuficiente para uma análise do que tem acontecido com essa região.

---

[6] A partir dos anos 1960, a Rua Augusta tornou-se um importante polo comercial e cultural: havia muitas lojas e salas de cinema, frequentados pela elite paulistana (Almeida, 2000). Entretanto, a partir da inauguração do shopping Iguatemi, muitas lojas que estavam na Rua Augusta trocam sua localização e consequentemente seus frequentadores também o fazem (Puccinelli, 2013), assim a Rua, que antes fora considerada glamourosa passa a ser reconhecida pelos prostíbulos que se fixam ali.

[7] A ideia de cultura alternativa será discutida ao longo da dissertação.

[8] Reportagem publicada na Revista Veja São Paulo, em novembro de 2009.

[9] Denominação dada ao quadrilátero delimitado pela Avenida Paulista, Rua Augusta, Praça Roosevelt e Rua da Consolação.

[10] Há certa mobilização da sociedade civil, articulada sobretudo através das redes sociais. Este coletivo propõe diversas intervenções na área destinada ao Parque, tais como mutirões de limpeza, plantio de mudas, entre outras ações.

Vários pesquisadores têm de alguma maneira se debruçado sobre este espaço (Facchini, 2008; Vega, 2008; França, 2010; Simões et. all, 2010; Puccinelli, 2013) e é a partir do diálogo com estas referências que construirei o panorama atual da região.

A casa noturna A Lôca (situada na Rua Frei Caneca) pode ser considerada a pioneira da região, abriu suas portas em 1995 e foi um espaço central da cena *clubber*[11] da década de 1990. No início dos anos 2000 mudou um pouco seu foco tendo a festa *Grind* (que ocorre aos domingos desde 1998 e recusa a separação entre o público heterossexual e GLS) como seu carro chefe por muitos anos[12]. Vale a pena destacar que nas reportagens veiculadas por jornais e revistas de grande circulação a referência como "pioneira" é dada à casa noturna Vegas, que foi inaugurada em 2005 (ou seja, dez anos após a Lôca) e fechou as portas em março de 2012. Um de seus sócios, Facundo Guerra, está abrindo novos estabelecimentos nas regiões da Praça República e do bairro da Liberdade. Isso não acontece por acaso: Facundo é conhecido como um *businessman* de sucesso, jovem empreendedor e *reizinho* da noite paulistana em contraposição com o estilo mais alternativo e discreto dos sócios d'A Lôca[13] em lidar com seus negócios. Nesse sentido, Facundo seria a cara da "nova" Augusta e o responsável principal pela sua "revitalização".

Essa "revitalização" da região do Baixo Augusta, somada com o maior poder aquisitivo da população como um todo resultou no que está sendo chamado de *inchaço* no espaço, uma "super lotação" com a atração de jovens de diversos estilos para a região. Essa heterogeneidade não é bem vista pelos adeptos do estilo mais "alternativo", que agora a consideram como um destino óbvio de diversão noturna. O fechamento do Vegas pode ser visto muito mais como uma demarcação simbólica dessa "nova fase" pela qual passa a rua. Antes alternativa, agora ela é vista por alguns como pop ou *mainstream*[14].

---

[11] Cena ligada à música eletrônica e às festas raves.

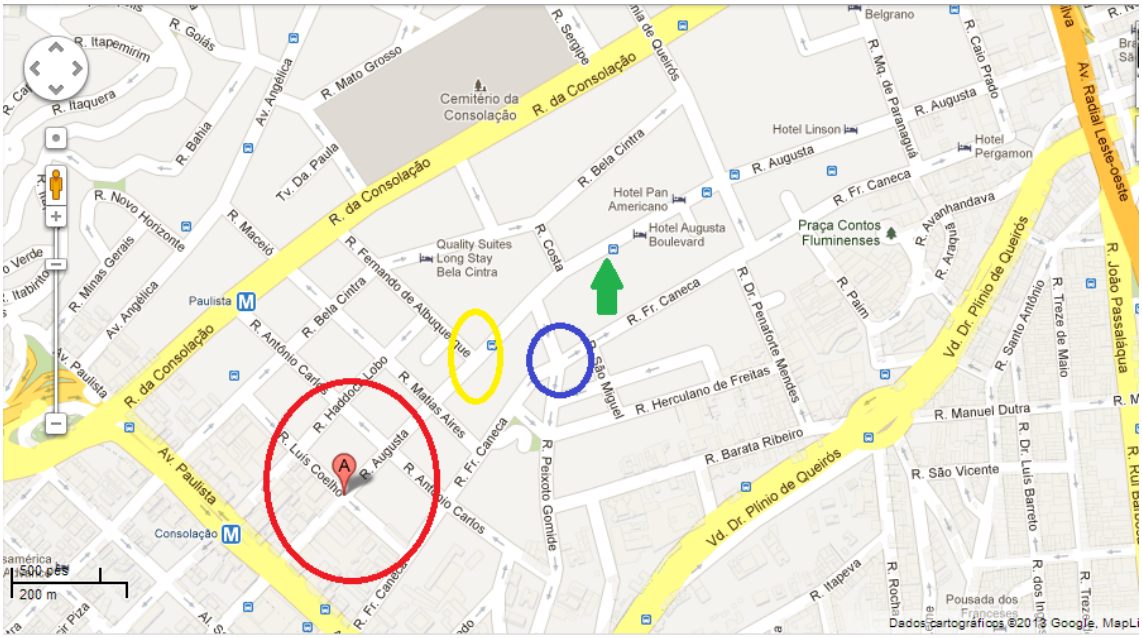
[12] A importância d'A Lôca no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 pode ser comparada à do Espaço Unibanco de Cinema (hoje Espaço Itaú de Cinema) em meados da década de 1990 pela capacidade de atrair público para uma região até então "marginalizada".

[13] Em pesquisa na internet não encontrei maiores informações sobre os sócios da boate A Lôca, somente o nome de um deles: Júlio Balbermann.

[14] Termo nativo utilizado para se referir àquilo que é popular, convencional, de fácil acesso e, portanto, menos interessante.

Foi este cenário que encontrei quando comecei meu trabalho de campo, em junho de 2011. A Rua fica bastante cheia, sobretudo aos finais de semana. Entretanto é preciso frisar que enquanto percorremos a Augusta sentido centro vemos claramente como seu público muda, seja em decorrência do local, seja em função do horário. A partir das 19 horas o movimento de pessoas na rua aumenta, porém de forma mais significativa a partir das 21 horas, sendo em torno das 23 horas o ápice. A partir da meia noite as pessoas entram nas baladas e os bares começam a fechar. O movimento de pedestres volta a ocorrer por volta das 04:30h, com as pessoas saindo das baladas e indo em direção ao metrô.

Num primeiro olhar a Rua já revela algumas diferenças no público – no que diz respeito a gênero, idade e sexualidade – e para facilitar a descrição delimitei quatro áreas: parte alta, Triângulo das Bermudas (Vega, 2008), cruzamento Peixoto Gomide/Frei Caneca e parte baixa. Gostaria de salientar desde já que não se trata de uma relação estática entre lugares e grupos/estilos, uma vez que os diferentes marcadores sociais da diferença se cruzam nos vários locais.



Mapa 1: As quatro áreas da Rua Augusta: o círculo vermelho delimita o que chamei de parte alta; o círculo amarelo mostra o Triângulo das Bermudas; o azul traz o cruzamento Peixoto Gomide/Frei Caneca e a seta verde indica, de forma genérica, o inicio da parte baixa.

A parte alta corresponde ao espaço entre a Avenida Paulista e as adjacências do Espaço Itaú de Cinema. Ao sair do metrô Consolação, logo se vê uma aglomeração de

jovens esperando amigos/as, com celulares na mão, em ligação ou mandando mensagens, combinando a "balada" da noite, tudo isso embalado ao som de uma travesti que desde meados de setembro de 2011 utiliza a calçada para fazer suas performances com dublagens de músicas de diversos artistas, desde divas internacionais ao sertanejo. Ainda no cruzamento da Avenida Paulista com a Rua Augusta, na calçada do Banco Safra, vemos muitos/as jovens entre 14 e 18 anos com skates, patins, e muitas garrafas de bebidas – sobretudo vinho e vodca de marcas baratas. A partir de setembro de 2011 o Banco começou a isolar parte da calçada a fim de que os/as jovens não cheguem muito perto da porta da agência bancária. A maioria desses/as jovens não entra em nenhuma "balada" e seu programa de final de semana é encontrar os/as amigos/as e beber na rua.

Ainda no que estou chamando de parte alta, há vários bares que há alguns anos atrás eram *botecos*, mas que a partir de 2005 passaram por reformas a fim de "sofisticar" seu ambiente; além disso há diversos restaurantes nesta região. Por conta do Espaço Itaú de Cinema, aos finais de semana, nos horários das sessões mais cheias, a partir das 17 horas, fica difícil andar nas calçadas, pois além dos/as frequentadores/as também dividimos espaço com os/as vendedores/as ambulantes, os/as quais vendem diversos produtos como cópias de filmes "alternativos", caleidoscópios, bijuterias, revistas, livros, chapéus, flores... Os/as vendedores/as estão por toda a rua, mas o número dos/as que vendiam bebidas alcoólicas diminuiu sensivelmente ao longo dos meses em que fiz o trabalho de campo. Nessa parte da rua se vê pessoas um pouco mais velhas, talvez por causa do cinema e dos restaurantes mais "finos" e da maior proximidade com a Av. Paulista.

A segunda área delimitada é o Triângulo da Bermudas (Vega, 2008), cruzamento da Rua Augusta com a Rua Fernando de Albuquerque, o qual forma um T, onde temos o Bar e Pizzaria Vitrine de frente para os bares Ibotirama 2004 e Cuca Ideal, cada um localizado numa esquina. Anos atrás a frequência do Vitrine era o que se poderia chamar de *rocker*[15], porém atualmente seu público é bastante eclético e o preço da garrafa de cerveja Brahma é o atrativo do lugar (na época em que fiz o trabalho de campo, a garrafa saía por R$ 4,25 enquanto nos outros bares o preço era no mínimo R$ 6,00). O Ibotirama está sempre lotado e dificilmente se encontra uma mesa vazia após às 18 horas, nesse caso as pessoas atravessam a rua e tentam a sorte no bar Cuca Ideal –

[15] Para uma análise mais detida dos estabelecimentos da Rua Augusta, ver VEGA (2008).

que passou por uma reforma em 2007 a fim de perder um pouco do aspecto *botecão* que possuía – e é possível sentar-se (às vezes depois de uma pequena espera). Quando os dois bares estão cheios as pessoas bebem em pé, nas calçadas, o que contribui para o clima de informalidade que é característico da Rua.

Em sua dissertação de mestrado Vega (2008) – em certa medida assim como eu – estava interessado nas negociações dos frequentadores da Rua Augusta em relação à frequência de lugares comuns por jovens de estilos diferentes, para tanto ele traz uma boa descrição da rua àquela época: a partir do primeiro semestre de 2005 começou o processo de "descida", em direção ao centro, do público que frequentava a Rua Augusta, uma vez que até este momento ele estava aglomerado em torno do BH Lanches (localizado na área que chamo de parte alta, próximo ao Espaço Itaú de Cinema) e migra para o Ibotirama 2004.

O público em sua maioria é formado por jovens universitários/as de classe média que fazem um "esquenta" antes de entrar na "balada" escolhida para noite, ou simplesmente vão até esses bares para beber e conversar com os/as amigos/as. O triângulo das Bermudas é conhecido como o *coração* do Baixo Augusta, é o meio do caminho entre a Avenida Paulista e a Rua Caio Prado e a partir desse ponto podemos perceber que o estilo dos/as frequentadores/as começa a mudar. Se entre a Avenida Paulista e a Rua Peixoto Gomide, que dá acesso à boate gay[16] A Lôca (localizada na Rua Frei Caneca) vemos jovens universitários/as, *indies*[17] e modernos/as[18] em geral, desse ponto em diante o público torna-se mais *rocker*, com a preferência pela música *hardcore*, um som mais pesado.

[16] Utilizo o termo gay (e todos os outros que se referem a "identidades" sexuais) ciente de que as experiências vividas pelos sujeitos não se encerram no mesmo. Pensei em utilizar aspas para demarcar este posicionamento, entretanto as mesmas tornaram leitura do texto muito cansativa de modo que as retirei.

[17] O termo é um diminutivo da palavra independent e é usado para designar músicos, produtores e artistas que lançam seus trabalhos sem estarem atrelados a gravadoras, estúdios e/ou grandes financiadores, ou seja, de forma independente. Costumam utilizar bastante a internet como forma de divulgação do trabalho.

[18] "Moderno é uma categoria êmica para se referir a determinado estilo, que se evidencia a partir de gostos musicais, indumentária, tipo de maquiagem, corte de cabelos, uso de modificações corporais e algumas características de comportamento. Apesar do termo geralmente não ser utilizado como autoclassificação pelas pessoas que poderiam ser assim denominadas, o fato de se distinguirem por um conjunto um pouco difuso de gostos, aparências e atitudes compartilhados tem feito com que apareçam referidos como 'modernos' na mídia e mesmo na literatura acadêmica" (Facchini, 2008, p.134).

A terceira área é o cruzamento Peixoto Gomide/Frei Caneca: virando na Peixoto Gomide tem-se vários pequenos grupos de jovens entre 14 e 18 anos, sentados pelas calçadas com garrafas de bebidas, muito parecido com o que encontramos na calçada do Banco Safra, na Avenida Paulista. Os pequenos grupos são fechados e não interagem entre si, preferem ficar nos cantinhos menos iluminados das calçadas... Seguindo em frente chegamos à animada esquina da Rua Peixoto Gomide com a Frei Caneca onde se encontra o famoso Bar da Lôca, seguido pelo Lapeju (pequeno bar-balada)[19] e pela boate A Lôca. É impressionante a quantidade de jovens que se aglomeram nessa esquina; nos horários mais cheios, entre as 22:00h e 01:00h são mais de 200 com certeza. Eles/as não estão em nenhum bar específico, muitas vezes nem estão bebendo. Estão ali para verem e serem vistos/as. Têm entre 14 e 20 anos, muitos jovens gays tentam contatos com homens um pouco mais velhos que estão sentados no Bar da Lôca[20], ou apenas divertem-se com os amigos e amigas experimentando uma performance de gênero mais feminina. Os/as jovens falam alto, dão risada. Uma pequena festa à céu aberto onde a sociabilidade se dá com muito mais "naturalidade" do que nos outros pontos da região. Essa aglomeração de pessoas num ponto conhecido como gay pode tornar seus/suas frequentadores mais vulneráveis à violência: numa rápida pesquisa na internet pude observar diversos casos de homofobia que ocorreram nas imediações.

Por fim, a área que chamei de parte baixa: da esquina da rua Peixoto Gomide em diante, cheia de *botecos*, com destaque ao Bar do Netão, o bar *descolado* dos últimos dois anos, que fechou as portas em fevereiro de 2013, pois seu espaço foi vendido para abrigar um novo empreendimento imobiliário (fato que tem acontecido constantemente na região). Sua pequena pista de dança ficava bastante cheia, com um público muito heterogêneo[21].

Um pouco mais para baixo está o local onde até pouco tempo atrás era Vegas Club e logo em seguida chegamos ao Inferno Club, que tem a programação voltada para um rock mais clássico, com festas dedicadas aos *hits* dos anos 1970 e 1980 e com um

[19] Acrônimo das iniciais de seus donos: Lalau, Pedro e Juliana.

[20] Puccinelli (2013) aponta como este cruzamento é considerado uma extensão da Rua Augusta e diversos de seus interlocutores comentam sobre a aglomeração de jovens neste local. Para os homens gays mais velhos trata-se da "molecada" que fica ao lado do bar da Lôca.

[21] As festas que ocorriam no Bar do Netão atualmente acontecem no *inferninho* Nova Babilônia, que fica bem em frente ao antigo endereço, é só atravessar a Rua.

público frequentador um pouco mais velho, com idade entre 25 e 35 anos. Bem próximo dali está o Clube Outs, que por sua vez dedica-se a shows de bandas ao vivo, o som predominante é o *hardcore*, mas o *punk rock*, o *grunge* e bandas com influências dos anos 1970 e 1980 também estão presentes. A idade do público é bem diversificada, vemos desde jovens de 16 anos até adultos com seus 40 e poucos anos.

Os/as frequentadores/as desses dois clubes têm estilos diferentes dos/as jovens que frequentam os bares e baladas localizados na parte alta da Rua. Normalmente o preço da entrada é mais baixo e encontram-se bebidas com preços mais acessíveis nos *botecos* vizinhos (por exemplo, no *famoso* Bar do Bahia). André[22] tem 23 anos e frequenta o Clube Outs e o Inferno; mora em Guarulhos e muitas vezes fica nas imediações desses clubes com os amigos do *hardcore*. Passam no Supermercado Extra da Av. Brigadeiro Luis Antônio e compram bebidas, como André não bebe, compra bolachas para comer:

> "Eu sempre fui de economizar dinheiro, então antes de sair, eu já penso quanto vou gastar... Quando eu comecei a vir para cá (Rua Augusta), tudo era novidade comparado a Guarulhos, então eu já cheguei a gastar R$100,00 numa noite, mas hoje em dia eu venho, gasto com o ônibus e trago uma bolacha, então gasto só com a condução..."

A estratégia de comprar bebidas em supermercados está presente em muitos grupos de jovens que ficam nos arredores dessas baladas, o que não vemos nas imediações do Ibotirama e do Vitrine, por exemplo. Mais adiante discutirei um pouco mais sobre a entrevista de André, pois nela temos vários pontos interessantes sobre sua tentativa de transitar entre os estilos *hardcore* e *indie*, mais evidente entre os/as frequentadores/as dos bares e "baladas" da parte alta da Rua.

A partir dessa breve descrição é possível perceber que cada área tem um público predominante. Entretanto, essa classificação não é rígida, uma vez que existem estabelecimentos que borram a classificação desses espaços: um bom exemplo é o bar de *stand up Comedians*, que fica localizado bem próximo ao Triângulo das Bermudas e quebra a informalidade do lugar. Ali muitas pessoas formam grandes filas para as

[22] Mais adiante farei uma apresentação de todos/as os/as entrevistados/as.

apresentações, mas percebe-se que vão à Augusta especificamente assistir ao show de *stand up comedy*. Os/as frequentadores/as têm entre 25 e 35 anos, as mulheres usam saltos altos e finos; os homens usam roupas um pouco mais sociais, na maior parte das vezes estão em turmas de casais. Ouvi muitos comentários do tipo *"eles (frequentadores do Comedians) não têm nada a ver com a atmosfera da Augusta"*.

Duas casas noturnas também "borram" a paisagem da parte baixa, são elas: o Studio SP[23] e o Beco 203. A primeira já era uma conhecida casa de shows "alternativos" localizada na Vila Madalena que em 2008 abriu uma "filial" na Rua Augusta, especificamente para shows, deixando a "matriz" para espetáculos teatrais e performances. Durante a semana os ingressos variam entre R$ 15,00 e R$ 25,00 e aos sábados a entrada mais barata custa R$ 30,00 (dependendo do show há possibilidade de colocar o nome na lista da casa e ganhar descontos). Já a segunda é uma casa originária de Porto Alegre (RS), que desde 2004 tem um importante papel na cena *indie-electro-rocker* gaúcha e em 2011 abriu a filial paulistana, a qual tem obtido bastante sucesso com festas bem comentadas como a *Glow in the Dark*[24] ou com noites temáticas em que bandas do circuito alternativo tocam covers de bandas estrangeiras como *The Strokes*[25] ou *Arctic Monkeys*[26], por exemplo. O preço da entrada também fica por volta de R$ 30,00. O público das duas casas é bem parecido entre si e bem diverso do que frequenta o *Outs* e o Inferno.

Esses dois lugares podem ser vistos como a "descida"[27] do público *indie* e /ou alternativo cada vez mais em direção ao centro da cidade. A parte alta da rua está "muito lotada", com um público muito eclético, e numa estratégia de diferenciação entre

---

[23] Durante o processo de escrita desta dissertação, os sócios do Studio SP também anunciaram que a casa encerrará suas atividades em São Paulo. Em nota pública citam a especulação imobiliária pela qual a Rua Augusta passa como um fator de incerteza e oscilações ao projeto da casa. Apesar de ser um dos motivos para o fechamento da mesma, seriam motivos pessoais que mais teriam pesado na decisão.

[24] Comentarei mais sobre esta festa no decorrer do capítulo.

[25] Banda de indie rock dos Estados Unidos formada em 1998 na cidade de Nova Iorque. Formada por Julian Casablanca (vocal), Albert Hammond Jr (guitarra), Nick Valensi (guitarra), Nikolai Fraiture (baixo) e Fabrizio Moretti (bateria e percussão). Tem grande influência no universo pesquisado.

[26] Banda indie britânica formada em 2002 na cidade de Sheffield. É bastante comentada na cena pesquisada, pois seu álbum de estreia tornou-se o vendido mais rapidamente na história da música britânica, tendo inicialmente apenas a divulgação pela internet.

[27] Durante os anos 1990 o bar BH Lanches (perto do então Espaço Unibanco de cinema) era considerado um ponto avançado na Rua Augusta. No início dos anos 2000 o Triângulo das bermudas ocupava esta posição; durante meu trabalho de campo, o que chamo de região baixa era considerado o ponto mais avançado e enquanto escrevo este texto, muitos estabelecimentos começam a se "consolidar" na região da Praça da República.

os diferentes grupos esses sujeitos procuram novos lugares. Não é à toa que novos investimentos dos empreendedores noturnos estão localizados na região da República e Liberdade.

Nesse sentido, os estabelecimentos comerciais do Baixo Augusta são consumidos na medida em que oferecem acesso a ambientes aos quais são atribuídos significados pelas pessoas (França, 2010). Os sujeitos também são constituídos pelos locais que frequentam, porém é importante destacar que as representações simbólicas atribuídas aos espaços não são fixas, de modo que se antes era moderno frequentar o Vitrine, por exemplo, hoje já não é. A Rua Augusta aparece como um interessante local para este tipo análise, uma vez que podemos encontrar estabelecimentos aos quais são atribuídas as mais diversas representações simbólicas: os sujeitos podem ser classificados de formas diferentes dependendo do estabelecimento em que estejam, ainda que a distância entre eles seja mínima, tais como os/as frequentadores/as do *Comedians* e do Beco 203, por exemplo. Neste sentido é importante levar em conta a (des)construção desses lugares e as relações sociais envolvidas neste processo (Facchini, 2008).

Tais estratégias simbólicas de diferenciação são fundamentais para os sujeitos que frequentam o que chamam de circuito *alternativo*. Ser *alternativo* é estar no lugar oposto ao *mainstream*, ao pop, às massas. É estar a par (e antes de todos) das novidades em matéria de música e cultura em geral, é frequentar os lugares antes que eles se tornem *clichês*, e para muitos/as dos seus antigos/as frequentadores é isso que a Rua Augusta se tornou. Uma frase que escutei em campo, de uma garota de 23 anos, que frequenta a região desde os 15, ilustra bem essa visão*:*

> "(...) agora é moda vir pro baixo Augusta... Tudo valorizou por causa dos prédios... Antes era prostituição e rock, agora é um lugar de lazer para todos... Todo mundo quer ver o que tem aqui... Você vai na balada e vê muita gente nada a ver. Não dá mais tesão de vir para cá".

Mas a descida do *indie*/alternativo não está sendo impulsionada apenas pela necessidade de diferenciação de outros grupos que também descobriram a Rua Augusta como uma possibilidade de lazer (tais como os frequentadores do *Comedians*, ou os jovens que passam de carro com o som alto pela Rua). A especulação imobiliária

também tem um grande poder neste jogo: os diversos lançamentos residenciais nas imediações expulsam algumas das casas noturnas e bares antes frequentados por este público[28]. O maior número de moradores na rua já trouxe uma mudança contundente na lógica noturna do espaço: a Prefeitura de São Paulo estabeleceu que os bares devem fechar as porta à meia noite, em consonância com o Programa de Silêncio Urbano (PSIU). Se antes a Augusta era conhecida como uma das ruas mais boêmias de São Paulo, hoje é muito falada pela diversidade do público que recebe, mas também pelo caminho que trilha rumo a *encaretar* cada vez mais[29].

1.2 Uma infinidade de estilos e o espaço da cena indie rock paulistana

Quando comecei o trabalho de campo tinha a impressão de que o estilo do público de uma "balada" devia-se principalmente à casa e que o dia da semana seria indiferente, com o maior movimento nos finais de semana devido à folga do trabalho e do estudo. Porém, ao frequentar a *Delicious*, conhecer seus/suas frequentadores/as e sobretudo DJs e pessoas ligadas à cena noturna pude perceber que mais do que a casa noturna em si, o que determina o público do lugar é a *festa* que acontecerá no dia. Desse modo, podemos ter uma casa noturna como o Glória[30] por exemplo, que é muito frequentada por um público gay e "moderno", e que recentemente começou a ter uma festa semanal, realizada às quintas-feiras, dedicada ao *hip hop* e frequentada por um público heterossexual.

> "Sim (acho que o público varia de acordo com a casa noturna), mas eu acho que é menos em virtude da casa do que da festa... Que nem na Funhouse, no ano em que eu trabalhei lá (2010) tinha bastante festa GLS[31], geralmente essas festas eram de quinta ou de sexta, e público de quinta e de sexta era completamente diferente do público de

[28] Para mais detalhes acerca do movimento imobiliário nas imediações da Rua Augusta, ver PUCCINELLI (2013).

[29] Este processo de reorganização urbana é conhecido na literatura como *gentrification*, e é uma política de "revalorização" das áreas centrais, através da substituição de antigos moradores e frequentadores pelas classes médias, com o objetivo de torná-las mais atrativas economicamente.

[30] O clube Glória localiza-se na Rua Treze de Maio nº 830, na Bela Vista. É muito conhecido e frequentado pelo público gay paulistano, principalmente por aqueles envolvidos com o mundo da moda.

[31] Sigla que significa gays, lésbicas e Simpatizantes.

> sábado, que é o público da Delicious... A Hot Hot[32] é outra coisa, essa festa de quarta-feira era uma festa de rock, mas voltada para o público gay, as festas de quinta também são voltadas para o público gay, agora você vai de lá sexta-feira e o público é completamente diferente..." (Entrevista com Andréia Rocha, 22 anos, DJ – parênteses meus).

A fim de procurar entender um pouco mais acerca da lógica das *festas* e rotatividade do público, entrevistei três DJs ligados de algum modo à festa *Delicious*, mas que também circulam por outras casas noturnas e *festas*. Andréia Rocha tinha 22 anos na época da entrevista (2012), era estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e começou a trabalhar na noite no ano de 2010 através de amigos que também conhecera em *festas*. Foi convidada para *tocar*[33] na festa Orgástica (que acontecia n'A Lôca) mesmo sem ter nenhuma experiência: *"chamaram eu e minha amiga porque sabiam que o nosso gosto musical batia com o do público da festa"*. Depois dessa primeira festa foi convidada para tocar em outras; paralelamente a isso começou a trabalhar como hostess na festa de outros amigos e também passou a ser convidada para fazer esse trabalho em outros locais. Atualmente ela tem um trabalho diurno numa produtora de cinema e mídia, e toca em festas regularmente.

Marçal Righi tinha 21 anos quando o entrevistei (em 2012), trabalha numa agência de publicidade. Começou a faculdade de publicidade, mas como já trabalhava na área antes disso, trancou-a por falta de tempo. Em 2007, então com 16 anos, juntou-se com alguns amigos que conhecera na internet e criou um site sobre a cena musical alternativa/*indie*, o *Move That Jukebox*[34]. De lá para cá o site já passou por várias mudanças e atualmente Marçal dedica-se mais às parcerias comerciais do mesmo, estando distante do seu dia a dia. Foi através do site (que no começo era um blog) que Marçal fez muitos contatos profissionais, pois sempre foi um *fissurado* por música e desse modo foi chamado pela primeira vez para *tocar* (também sem ter nenhuma experiência neste sentido) quando tinha 17 anos:

> "(...) levei um amigo e meia hora antes da festa as meninas que tinham me convidado me ensinaram a mexer nos equipamentos... Eu toquei, e

[32] A Hot Hot localiza-se na Rua Santo Antônio, 570, no bairro da Bela Vista.
[33] Tocar é o termo nativo utilizado para "discotecar".
[34] O site possui uma festa mensal em parceria com a Delicious (festa na qual fiz a observação etnográfica e discuto mais adiante): a Delicious Jukebox.

> o pessoal curtiu bastante... Aí eu comecei a tocar numa festa ou outra, mas depois que começou a Delicious, eu comecei a tocar em mais lugares, e hoje eu toco em quase todos os finais de semana...".

Ricardo Lemke, que tinha 33 anos em 2012, é o atual organizador e DJ residente da festa *Delicious*. Sua história na noite começou aos 16 anos, ainda em Santo André – sua cidade natal, quando passou a frequentar matinês, conhecer pessoas e ser chamado para trabalhar como *promoter*, tendo que distribuir *flyers* em lojas e escolas. De lá para cá nunca se afastou do universo noturno, mas até o ano 2000 sua atuação era ora como *promoter* ora como frequentador... Foi nesta época que começou a tocar e logo tornou-se DJ residente. Diferentemente dos outros dois entrevistados, Ricardo procura uma profissionalização, estudando, comprando equipamentos e pesquisando sons mais experimentais[35] no seu tempo livre. Assim como Andréia e Marçal, também tem um emprego diurno como gerente de infra-estrutura numa empresa de tecnologia.

Meu trabalho de campo se deteve na *Funhouse*[36], que se localiza na Rua Bela Cintra, 567, paralela com a Rua Augusta exatamente no Triângulo das Bermudas. Lá também é possível fazer uma festa:

> "Aqui na Funhouse, as noites que são organizadas pela casa tem promoters fixos, como eu e o Pedro Pomada da Indioteque (festa que acontece às sextas-feiras), então nessas noites a gente é dono mesmo do espaço... Eu sou contratado direto pela Funhouse, sou promoter da Funhouse e sou responsável por definir a programação, fazer a divulgação, por cuidar do horário dos DJs, por negociar o cachê deles... Mas se você quisesse fazer uma festa só se fosse em outro dia que a casa não abre, você pode fazer, porque a gente tem um conceito aqui de que se você quiser fazer a sua festa você pode, existe um acordo financeiro, então a pessoa praticamente aluga a casa, então você pode tanto fazer uma festa para os amigos, fechada, onde eles não pagam nada para entrar, você aluga o espaço, como também pode entrar num esquema onde você ganhe dinheiro, cobrando a entrada no valor que quiser e paga uma porcentagem para casa..." (Entrevista com Ricardo Lemke, 33 anos, promoter e DJ da festa Delicious).

[35] Em 2012 Ricardo lançou uma página no SoundCloud (site no qual músicos compartilham suas produções) para divulgar seu trabalho paralelo à Delicious: https://soundcloud.com/deviantguys.
[36] Adiante farei uma apresentação mais detalhada.

Desse modo pode-se perceber que muitas *festas* não são fixas em determinada casa e que na verdade há uma grande rotatividade entre elas. Entre janeiro de 2010 e junho de 2011 havia festas específicas para o público gay na *Funhouse*, porém ou essas festas acabaram ou foram para outras casas. Eram festas que tocavam músicas pop e divas internacionais[37]. O rock quase sempre ficava de fora. Comparando a programação da casa no período em que realizei a pesquisa etnográfica e o ano anterior (2010) percebe-se claramente uma volta às festas predominantemente *rockers*. Não há mais festas regulares que toquem outro tipo de som.

O tamanho da casa é um empecilho para as festas que começam a fazer muito sucesso. O exemplo mais contundente é o da Balada Mixta[38], festa que começou na *Funhouse* em setembro de 2009, onde ocupava as quintas-feiras e chegava a receber 250 pessoas por noite (a capacidade da casa é de 200 pessoas). A repercussão foi tamanha que a festa migrou para o Estúdio Emme[39] em julho de 2010, onde alcançava com frequência a lotação máxima da casa, 1200 pessoas. A festa terminou em dezembro de 2011, pois seus organizadores gostariam que a mesma acabasse enquanto ainda estava em alta, *"É hora de sair um pouco de cena, abrir espaço para novos produtores, novas festas, novas ideias"*, disse Pedro Beck (um dos idealizadores da Balada Mixta) ao Jornal Folha de São Paulo[40] por ocasião da última festa.

Outra festa que começou na *Funhouse*, saiu de lá e está fazendo muito sucesso na cena "alternativa" é a *Glow in the Dark*. A festa começou em 2009 em Porto Alegre e em maio de 2010 foi realizada pela primeira vez em São Paulo, na *Funhouse*, organizada pelos integrantes do site *My Cool* e por Alex Correa, do *Move That Jukebox*[41] (que também promove festas mensais em parceria com a *Delicious*). O

---

[37] Embora tenha pesquisado outro contexto, Noleto (2012) trás uma boa definição sobre o que seria uma diva: mulheres detentoras de um saber musical e corporal específico, os quais são muito valorizados por seus fãs homossexuais.

[38] Festa que procurava atrair tanto o público gay quanto o heterossexual – daí seu nome – e "reúne pessoas a fim de dançar, cantar e bater cabelo com muita música pop e pouco 'carão'. É interessante notar que embora a intenção fosse misturar o público gay e hetero , é inegável que o público gay predominava nas festas. O som na pista era hits do pop, axé e pagode. Fonte: http://baladamixta.wordpress.com/about/ . Acesso em 11/06/2012.

[39] Espaço multidisciplinar que abriga projetos ligados a musica, moda, artes cênicas e design. Funciona junto com uma loja de roupas, na Av. Pedroso de Morais, 1036, Pinheiros. Fonte: http://www.facebook.com/perfilemme?fref=ts. Acesso em 19/03/2013.

[40] Disponível em: http://guia.folha.uol.com.br/noite/1022646-balada-mixta-faz-ultima-festa-com-direito-a-cafe-da-manha.shtml. Acesso em 11/06/2012.

[41] Discutiremos a importância dos sites e blogs para a cena indie rock no capítulo 3.

grande diferencial dessa festa é que a casa onde ela é realizada fica coberta de luz negra, sendo distribuídas canetas fluorescentes para os frequentadores pintarem uns aos outros, a luz negra faz com que o brilho das canetinhas fique muito maior e para aumentar ainda mais o efeito as pessoas devem estar vestidas de branco (quem for de camiseta branca ganha desconto no preço do ingresso). O som é bem eclético, "para quem gosta tanto de *Strokes* quanto de *Beyoncé*"[42], ou seja, vai desde o mais *indie* até o mais pop.

Foram sete edições na *Funhouse*, sem uma periodicidade definida e em janeiro de 2012 a festa mudou-se para o Beco 203 (que tem capacidade para 600 pessoas) e desde junho do mesmo ano as festas ocorrem no Cine Jóia[43] (com lotação de 1500 pessoas), ou seja, em casas cada vez maiores. Estão sendo realizadas edições mensais e podemos ter uma ideia do sucesso que a festa está fazendo pelo número de pessoas que confirmam presença no evento pela rede social *facebook*: a cada edição são cerca de 1800 confirmações, enquanto a *Delicious*, por exemplo, recebe cerca de 50 confirmações por edição. Não raro os ingressos para festa se esgotam semanas antes. Tamanho sucesso resultou no nascimento de uma "irmã mais nova": desde outubro de 2012 ocorre a festa *Glow Pop*, totalmente dedicada ao pop, mas com o mesmo conceito da *Glow in the Dark*, no *Club Yacht*[44], a qual também tem alcançado bastante sucesso.

Como qualquer outro produto, as *festas* também seguem certas tendências do mercado e precisam sempre se reinventar para atrair o público. Há um número bastante elevado de casas noturnas e vários estilos de festas acontecendo no mesmo dia, entretanto a cena rock está *em baixa*. Muitas pessoas que gostam de rock não encontram festas diferentes para ir. Andréia conta que muitos de seus/suas amigos/as já tentaram promover diversas festas voltadas para este estilo musical, porém não conseguiram encontrar sustentabilidade para o projeto, uma vez que não havia público pagante, grande parte dos/as frequentadores/as eram amigos/as e acabavam entrando *vip*. Há

---

[42] Disponível em: http://movethatjukebox.com/no-sabado-tem-glow-in-the-dark-em-sp-com-indie-rock-e-neon-clica-para-conhecer-e-concorrer-a-vips/. Acesso em 19/03/2013.

[43] Um dos novos empreendimentos de Facundo Guerra (ex-sócio do Vegas), fica localizado na Praça Carlos Gomes, 82, na Liberdade. O espaço era um antigo cinema de vanguarda japonês, inaugurado em 1952.

[44] Localizado na Rua Treze de Maio, 703, na Bela Vista. Mais uma casa noturna que tem Facundo Guerra como sócio. "O Club Yacht foi construído com a intenção de criar um cenário teatral e subversivo através de um forte projeto de cenografia, que tem inspiração náutica por todos os lados, e a iluminação, que foi restaurada das discos clássicas, como pontos de impacto no projeto do clube: tudo para que a figura do marinheiro, interpretado pela audiência do clube, se destaque". Disponível em: http://clubyacht.com.br/#!/. Acesso em 19/03/2013.

algumas festas de rock mais pesado, embora sejam mais pontuais, que são promovidas pelo *pessoal mais antigo* da noite, ou seja, o público frequentador da década de 1990. Já as festas voltadas para o público gay têm conquistado um espaço cada vez maior:

> "Tem a Squat Party, que é no Estúdio Emme, que também é para gay... E essas festas sempre apostam em atrações além do DJ tocando... a Squat que teve no sábado passado o Rodrigo Xuxa[45] participando de uma guerra de monange (creme hidratante)... Na Peacock teve um show da Gretchen esses tempos atrás... Essas coisas bem espetáculo... E essas festas têm dado mais certo e eu acho que é o tipo de coisa que não vai cair tão cedo... Essas festas estão dando muito certo, estão ganhando muito dinheiro em cima e está saindo reportagem toda hora. (...) Eu vou nas festas gays mais por causa dos meus amigos, mas não que eu goste realmente do som... Eu adoro Madonna, mas Lady Gaga e Katy Perry[46] não são meus ídolos... Eu vou porque grande parte dos meus amigos frequentam, porque as festas de rock... Até alguns vão, mas são poucos... Digamos que 20% dos meus amigos gostam de rock, os outros 80% estão no pop, então depende muito de com quem eu vou sair no final de semana... Que nem, isso às vezes é um sério problema quando eu vou tocar, porque eu acabo ficando sem companhia... Meus amigos falam: 'Ah, eu vou numa festa de rock? Eu não vou pegar homem!'" (Entrevista com Andréia Rocha, 22 anos, DJ – grifos meus).

Ricardo Lemke também argumenta no sentido de que há poucas festas de rock ganhando destaque atualmente,

> "Olha, pra te falar a verdade tem poucas festas legais rolando... Não me recordo da última vez que eu fui numa mega festa e falei: 'Do caralho!'. Vira e mexe aparecem algumas festas organizadas por algumas marcas, que são mega festas legais... Ou algumas festas que rolam na Clash Club[47]... Mas festa de rock está bem difícil, porque as

[45] Jovem de 23 anos e sósia da apresentadora Xuxa Meneghel. Ficou "famoso" após o sucesso de um vídeo no youtube.

[46] Cantora e compositora estaduniense de pop e dance music.

[47] Localizado na Rua Barra Funda, 969. "Inaugurado em fevereiro de 2007, o Clash Club abre suas portas com programação focada nas vertentes do eletrônico, do hip hop e shows intimistas dos mais variados

casas de rock estão muito em baixa. Tem bastante show legal rolando no Cine Jóia, mas para as casas, as baladas de rock estão muito fracas... Até para o eletrônico... Eu vejo que não tem muitas casas tocando um eletrônico mais alternativo, a maior parte é para um eletrônico mais pop... O eletrohouse está muito em alta no Brasil, domina desde festivais de música eletrônica até as casas de playboy... E o resto para o pessoal mais alternativo, tem a D-Edge[48] que é uma das referências de música eletrônica, que tem bastante coisas legais, mas mais voltado para a música eletrônica... Tem a festa de rock deles, que tem mais ou menos a mesma idade da nossa (Delicious), a On the Rocks, que ainda é uma festa legal (...). O público mudou muito, e hoje a grande parte das pessoas ouvem coisas pop... É muito mais comum, o alternativo perdeu um pouco de espaço mesmo e as festas de rock foram acabando com o tempo... Muita gente parou de sair, muitas pessoas que quando eu comecei a sair tocavam nas festas, hoje praticamente não sai mais, eu não vejo a cara delas por aí... Então o rock ficou reservado a festivais, a shows, mas na balada ficou muito pouco. E a cena rock hoje em dia ela é bem fraca... Não se tem DJs, não se forma gente para noites de rock... As bandas têm pouco espaço, o que dificulta também o trabalho dos caras e tem muita banda boa aparecendo, mas tem pouca gente para suportar esses caras, ajudar a crescer aqui no Brasil, isso é bem difícil na cena rock... Isso já era um problema na época que eu comecei a festa e só vem se agravando ao longo dos anos".

Marçal também comentou sobre a perda de espaço do rock na noite paulistana:

"Tem perdido um pouco, mas eu acho que cada uma tem o seu espaço... Por exemplo, a festa de pop que também bomba muito que é a Squat Party, que é no Estúdio Emme, é uma festa trash, os caras levam show do Rodrigo Xuxa, da Pepê e Neném... É porque a cena gay está crescendo muito, e essas festas pop são a cara deles! (...) O

---

estilos musicais. Funcionando nas noites de terça-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado, tem os sócios, Augusto de Arruda Botelho, Bruno Ferraro, Gabriel Gaiarsa e Sergio Godoy à frente do empreendimento. O Clash Club surgiu da vontade de criar um espaço fixo para a realização da festa Circuito, que em 2011 completou 10 anos e que eram organizadas pelos atuais sócios Gabriel Gaiarsa e Sérgio Godoy e por André Barcinski, um dos fundadores do clube". Disponível em http://www.clashclub.com.br/clube. Acesso em 11/06/2012.

[48] Localizado na Alameda Olga, 170, Barra Funda.

> que eu vejo que não dá muito certo a bastante tempo são algumas casas de rock estilo Outs, que são como diz uma amiga minha: *'Vive la vida loser'*, eu acho meio decadente, não sei... Toca muita coisa batida demais, é uma casa meio parada no tempo... A DJ Club[49] também eu acho que parou no tempo... O Outs é aquela casa que toca rock de garagem, então vai aqueles caras que ficam 'locão', que dá 03:00h, 04:00 horas da manhã os cara estão 'tudo' caindo... As minas que vão lá são 'loconas'... Eu tinha uma amiga e ia lá com ela, mas ela estava sempre caída... Não tem muita classe... Não precisa ter aquela classe, mas vamos ser limpinhos... Você vai na Funhouse está cheio de menina bonitinha lá... Não que no Outs não tenha, mas eu tenho sentido muita decadência...." (Entrevista com Marçal Righi, DJ e idealizador do site The Move that Jukebox).

Para Marçal casas noturnas como o *Outs* "pararam no tempo", ou seja, se mantiveram no mesmo formato desde sua inauguração. Nos seus primeiros anos a *Funhouse* tinha um tipo de programação bastante semelhante com o *Outs*. Em sua pesquisa de doutorado Regina Facchini observa que as minas do rock eram frequentadoras das duas casas noturnas, no período em que a *Funhouse* ainda possuía palco para apresentação de bandas:

> *"(...) embora abertos a presença de rapazes, os shows também são majoritariamente frequentados por garotas, que também se encontram em casas de rock alternativas como Hangar, Outs e Funhouse, especialmente quando há shows de bandas de meninas, em bares estilo boteco e festas domésticas"* (2008,p.155)[50].

De lá para cá a casa passou por muitas mudanças, inclusive atraindo um novo público. É interessante notar os adjetivos que ele utilizou em sua fala: *loser* (pode-se traduzir como fracassado, mas aqui tem um sentido mais amplo sendo utilizado para descrever uma pessoa "sem noção"), *decadente*, *gente caída*, *sem classe*, *locão* em oposição às meninas *bonitinhas* e *limpinhas* que frequentam a *Funhouse*. A fala de Marçal sintetiza uma faceta (pois existem outros estilos presentes na sociabilidade da

[49] Localizada na Alameda Franca, 241 – sentido Jardins.
[50] Utilizarei itálico nas citações de autores.

Rua: *manos*[51], *patricinhas*[52], *playboys*[53]...) da diversidade de estilos das pessoas que frequentam o espaço da Rua Augusta e como a convivência entre elas não é totalmente tranquila. Delimitações de fronteiras e diferenciações são construídas para que o convívio possa acontecer.

Assim como Simões et all (2010), parto da visão de que categorias associadas aos marcadores sociais da diferença são

> *"(...) produções culturais e históricas, articuladas em sistemas classificatórios que envolvem dimensões semânticas e pragmáticas. A marcação da diferença é um componente-chave de qualquer sistema classificatório. Desse modo, pessoas, objetos e comportamentos ganham sentido – são socialmente produzidos – por meio de atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório. É importante distinguir entre a lógica interna que articula categorias em sistemas classificatórios e os processos de classificação propriamente ditos"* (p.40).

Neste sentido utilizo-me das reflexões de Brah (2006) acerca do conceito de diferença, retirando o viés essencialista que possa pairar sobre ele. A partir da fala de Marçal é possível observar como a diferença é construída de maneira diferente nos diversos discursos a fim de estabelecer fronteiras e limites entre os grupos, no caso *loser* e *sem classe* que frequenta o *Outs* e as meninas *limpinhas* e *bonitinhas* que preferem a *Funhouse*. Em toda dissertação trabalho com esta ideia de diferença, pressupondo-a como relação social a partir da qual o sujeito (que está sempre em processo) é construído no discurso, sendo a diferença sempre *"relacional, contingente e variável, de modo que nem sempre é um demarcador de hieraquia e opressão"* (Brah, 2006, p.374). A articulação das diferenças na fala dos sujeitos desta pesquisa culmina no que chamei, a partir dessas referências, de "discurso sobre si".

---

[51] De modo geral, são jovens que se vestem em alusão ao estilo hip hop (com camisas grandes e largas, calças também mais largas, tênis de basquete e correntes grossas no pescoço). Utilizam certas gírias e trejeitos corporais relacionados à cultura da periferia.

[52] Adjetivo utilizado para designar moças que usam muita maquiagem, sapatos de salto altos e roupas de marcas caras. Geralmente é utilizado como termo pejorativo, uma vez que no imaginário social as patricinhas são fúteis e "burras".

[53] O playboy seria a versão masculina da patricinha: vestem roupas de marcas caras, são preocupados em estar com o cabelo arrumado, normalmente têm os músculos definidos graças às horas que passam na academia de ginástica. É importante ressaltar que todas as "definições" feitas aqui são tipos ideais nos quais os sujeitos se espelham na tentativa (muitas vezes fracassada) de alcançar.

Festas espetáculo como a *Squat Party*, festas com algum diferencial como a *Glow in the Dark* ou festas promovidas por grandes marcas, como por exemplo *Nike* e *Adidas*, numa clara estratégia de marketing. A atual noite paulistana – pelo menos no circuito[54] pesquisado – tem sido "dominada" por esta tríade. É importante ressaltar que o espaço da cidade ocupado por este circuito não mudou em relação a outras pesquisas realizadas (Vega [2008]; Facchini [2008]; França [2010]) estendendo-se da região da Augusta até a Barra Funda, com um contínuo trânsito entre os/as frequentadores/as das casas noturnas. Pode-se dizer que cada uma dessas regiões constitui uma mancha (Magnani, 2002) de lazer *indie rock*, ou seja, são áreas que possuem estabelecimentos que são tidos como similares, de modo que propiciam uma sociabilidade específica.

Neste circuito a música tem um importante papel agregador (embora não seja o único, pois há festas mais "conceituais" como a *Glow in The Dark* que fazem sucesso pela sua proposta), de modo que o DJ exerce um papel fundamental: conhecer o que o público quer ouvir e ao mesmo tempo trazer novidades é o grande desafio. Nesse sentido é interessante notar que todos os/as DJs entrevistados/as eram assíduos/as frequentadores da noite *indie rock* e muito interessados/as por música antes de começarem a discotecar. Nenhum/a deles/as prepara um *set list*[55] anteriormente, assim as músicas são tocadas de acordo com a reação do público. Como já foi dito, cada festa tem seu estilo musical característico; na *Delicious* e outras festas de *indie rock* é obrigatória a presença das seguintes bandas: *The Strokes*, *Arctic Monkeys*, *Phoenix*[56], *Florence and The Machine*[57], *The Killers*[58], entre outras. É preciso estar sempre atento às novidades musicais da cena, pois embora os *hits* sejam obrigatórios, levar novidades (principalmente se for de uma das bandas preferidas do público) para a pista é fundamental. A internet é uma grande aliada dos/as DJs nesse sentido, uma vez que atualmente a maioria das bandas compartilha suas músicas na rede e há uma infinidade

[54] Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos ou espaços que não mantém entre si a relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (Magnani, 2002). Assim pode-se dizer que os sujeitos desta pesquisa frequentam o circuito alternativo ou circuito indie-rock.

[55] Lista de músicas a serem tocadas.

[56] Banda de indie rock francesa que surgiu no final dos anos 1990. Possui diversas influências para chegar ao seu rock-synthpop (estilo de música em que os teclados e sintetizadores são os instrumentos dominantes. É considerado por muitos a junção máxima da música eletrônica com o rock).

[57] Banda britânica de indie rock, liderado por Florence Welk. Têm dois CDs lançados: um em 2009 e outro em 2011.

[58] Banda americana formada em 2002, em Las Vegas.

de sites que disponibiliza músicas para *downloads* (gratuitos ou não), além da possibilidade de acompanhar programas de rádios europeias (como por exemplo, a BBC de Londres). As redes sociais também são muito utilizadas para se conversar sobre novidades musicais.

Embora os sujeitos da cena *indie rock* se apresentem enquanto *alternativos/as*, num discurso sempre dicotômico em relação ao *mainstream*, pode-se problematizar que alternativo é esse, uma vez que um grupo de mais ou menos cinco bandas domina a cena, sempre com as mesmas referências de estilo e conduta. Desse modo, se pode dizer que também há o *mainstream* dentro do universo alternativo, como ressalta Andréia Rocha:

> "(...) tem bastante bandinha relativamente nova que está surgindo que eu vejo que está tendo uma receptividade boa, tem bandas que ainda não são um mainstream geral entre os alternativos, porque o alternativo também tem um mainstream, mais assim é o tipo de coisa que nem todo mundo conhece, mas gosta, não é aquele som que vai tocar e o pessoal vai sair da pista".

Os/as DJs exercem o papel de intermediários culturais (Featherstone, 1995) nesta cena, uma vez que fazem circular as informações sobre música e estilo a partir de seus set lists e de sua performance na cabine. Para Featherstone, os intermediários culturais estimulam a ocorrência de uma inflação de bens culturais, vão constantemente buscar inspiração nos filões artísticos e intelectuais e, pelo fato de trabalharem paralelamente a esses filões, contribuem para criar novas condições de produção artística e intelectual, geralmente trabalham em áreas ligadas ao design, música, moda, publicidade, ou seja, artes em geral. Assim os espaços de sociabilidade tornam-se fundamentais para os frequentadores dessas casas noturnas, uma vez que são nestes locais que os estilos se atualizam e as novidades são apresentadas.

A partir da discussão acima se pode perceber que quatro variáveis são acionadas no discurso acerca da cena noturna deste circuito: o nome da casa noturna, o nome da festa, o tipo de público/estilo e a música/tipo de som predominante. Desse modo as clivagens de estilo e pertencimento são acionadas: *Funhouse*, Beco 203 e Cine Joia têm um público misto, com um som predominantemente *indie rock*; o *Outs* também tem um

público considerado misto, que curte rock de garagem, porém considerados *losers* pelos frequentadores do circuito pesquisado; o Stúdio Emme e o Glória (nas festas como Balaio e Badalo) têm um público predominantemente gay que é atraído pelo som pop. Ao mesmo tempo, nas quintas feiras, com a festa *Black Tape*, o público do Glória é hetero e o som é *hip hop*.

Pode-se perceber que para se estabelecer o "tipo/estilo" do público de uma festa leva-se em conta critérios de gosto (Bourdieu, 2007) tanto no que diz respeito à música quanto a modo de vestir e, além disso, critérios relativos às preferências sexuais dos/as jovens frequentadores/as. É importante ressaltar que as diferenças destacadas nesta dissertação dizem respeito à visão que pude ter a partir do ponto de vista encontrado no recorte empírico da pesquisa. Não caberia demonstrar todas as classificações possíveis, mas sim mapear um universo cuja heterogeneidade não é auto-evidente para um observador externo.

1.3 A Funhouse

Após dois meses de pré-campo, no qual fui a vários bares e baladas na Rua Augusta e pesquisei na internet sobre possíveis locais para a pesquisa etnográfica, cheguei até a *Funhouse*, que se localiza na Rua Bela Cintra, 567, paralela com a Rua Augusta exatamente no Triângulo das Bermudas. A princípio a casa me chamou atenção pelo fato de tocar *indie rock*. Fui num sábado (dia da festa *Delicious*) para ver como era o ambiente e o público da "balada" e logo decidi que o trabalho de campo deveria ser feito ali, pois além de ter um público predominante com a idade entre 18 e 26 anos, havia uma heterogeneidade interessante na formação de parcerias afetivo-sexuais entre os/as frequentadores/as: casais hetero e homossexuais eram vistos na pista de dança. A primeira visita foi em julho de 2011 e a partir de agosto até dezembro do mesmo ano frequentei a casa noturna pelo menos três sábados por mês, a fim de começar entender a lógica das relações estabelecidas neste ambiente, fazer um primeiro contato com os/as frequentadores/as e com Ricardo Lemke, atual promoter da festa *Delicious*.

Um/a passante desavisado/a não perceberia que naquele sobradinho, construído em 1914, sem letreiros, esconde-se uma das mais antigas casas de rock da região.

Fundada em 2002 pelos sócios Eduardo Azevedo e Andrea Nathan, *"liderou toda uma onda de casas noturnas roqueiras na região, libertando o roqueiro da ditadura do som eletrônico e mudando definitivamente a cara da noite paulistana nos anos 00"*[59].

A *Funhouse* abre suas portas de quinta-feira a sábado, com uma programação que gira em torno do rock, mas que ao longo do ano de 2011 sofreu algumas alterações, por exemplo, foram realizadas duas edições de uma festa chamada Lambaeróbica, na qual o axé dos anos 1990 era hit da pista de dança. O axé, como os organizadores dessa festa queriam promover poderia ser *hype*[60]. Também ocorriam festas colaborativas, nas quais os/as *promoters* são blogueiros de moda e música, muitos/as dos quais com forte ligação com o universo gay (como a conhecida Katylene[61]). Em 2012 algumas quintas-feiras foram preenchidas com a festa Rebuceteio[62], onde a música pop e o público gay eram o alvo, sendo promovida por uma figura muito conhecida na cena gay paulistana. Já neste começo de 2013, a festa-bazar *Uuh Baby* ocupa a quinta-feira da *Funhouse*.

Apesar da rotatividade das festas realizadas nos outros dias da semana, há dez anos, os sábados da *Funhouse* são dedicados à festa *Delicious*, na qual o *indie rock* é o som predominante. Foi a primeira festa aberta para o público realizada na então recém-inaugurada casa noturna, nos idos de 2002. A história desta festa é a própria história da *Funhouse*.

A casa abre a partir das 23:30h, mas não é raro que a entrada só seja liberada perto da meia noite, assim uma fila se forma na calçada do sobradinho (como a *Funhouse* é chamada pelos/as seus/suas frequentadores/as e funcionários/as), atraindo

---

[59] Retirado do site da casa noturna: www.funhouse.com.br/quemsomos. Acesso em 31/03/2013.

[60] Quando um assunto está em evidência, é considerado legal e descolado, mesmo que passageiramente, diz-se que ele é hype. A palavra deriva de hipérbole, figura de linguagem que representa o exagero de algo ou uma estratégia para enfatizar alguma coisa.

[61] Personagem drag-queen criada pelo DJ Daniel Carvalho, que no seu blog dispara comentários ácidos sobre moda e o mundo das celebridades. No "quem sou eu" do blog, temos o seguinte: 'Seria difícil me descrever em apenas um parágrafo. Mesmo sem vagina eu sou uma mulher completa, dona-de-casa aplicada, artista ímpar, e amante insaciável. Cresci nas ruas de Xerém, baixada fluminense, e em meio a giletadas, apedrejamentos e muita mágoa eu descobri minha verdadeira paixão: ESCREVER. Minha formação acadêmica inclui supletivos variados e uma rápida passagem pelo Telecurso 2000. No final do ano me formo nos cursos de depilação íntima, engenharia capilar e manicure avançada do SENAC e pretendo levar adiante minha carreira de consultora estética mundo afora. Atualmente resido no aconchegante bairro de M'BOI MIRIM e aguardo ansiosamente a expansão do metrô de São Paulo'. [retirado do blog www.katylene.mtv.uol.com.br. Acesso em 11/04/2011].

[62] Nome em referência à pornochanchada Oh!Rebuceteio, lançada em 1984 e dirigida por Cláudio Cunha.

os olhares das pessoas que ainda não decidiram em qual "balada" entrar. Uma clara estratégia da casa para atrair um maior público, pois "balada boa é balada cheia". Outra estratégia utilizada pelos *promoters* da casa entre 2011 e 2012 foi a liberação de entrada *vip*[63] (ou seja, gratuita) para as meninas que chegassem até 00:30h. Na entrevista, Ricardo Lemke ressaltou a liberação da entrada das meninas como uma tentativa de fazer o público entrar mais cedo na casa a fim de que a lotação da mesma fosse alcançada o mais rápido possível, uma vez que era comum que as pessoas começassem a chegar às 03:00h. Porém é importante ressaltar que se anteriormente os bares da Rua Augusta e adjacências ficavam abertos madrugada adentro, retardando a entrada dos/as jovens na balada escolhida para a noite (Vega, 2008), atualmente a situação é bastante distinta: devido novas regras impostas pela Prefeitura de São Paulo, os bares da região devem fechar suas portas à meia noite; assim a partir das 23:30h é comum que os garçons avisem aos/às clientes que o bar está prestes a fechar, de modo que, pelo o que pude observar, a entrada nas casas noturnas da região tem ocorrido entre 00:00h e 01:30h.

Foto 1: Fachada da casa noturna Funhouse (créditos: Denise Machado).

Logo na entrada da casa, a *hostess* me recebe, pega meu número de contato e me dá as opções de pagamento; pego o cartão de consumo e sigo para o interior da balada.

[63] Atualmente (abril de 2013) os preços da entrada são os seguintes: Com nome na lista, mulheres pagam R$ 15,00; homens pagam R$ 20,00 (há a opção de pagar R$ 50,00 de consumação). Sem nome na lista, mulheres pagam R$ 25,00; homens pagam R$ 30,00 (há a opção de pagar R$ 60,00 de consumação).

De cara avista-se o bar inspirado num carrossel (foto 2) e paredes totalmente pretas. Seguindo o corredor espelhado que dá acesso à pista de dança, há dois banheiros e logo em seguida chega-se à diminuta pista: também com as paredes pretas, um pequeno espaço para os equipamentos dos/as DJs e onde das paredes saem duas cabeças de onça, também negras (foto 3).

Foto 2: Bar localizado no térreo, inspirado num carrossel (créditos: site da casa noturna).

Foto 3: Pista de dança, detalhe para a cabeça de onça na parede (créditos: página que a casa noturna mantém na rede social Facebook).

Subindo pela estreita escada, tem-se acesso ao primeiro andar do sobrado, onde se localiza outro bar – bem menor que o do térreo e onde só se vende cervejas e refrigerantes, drinques só são preparados no outro – algumas mesas e pufes e uma pequena sacada (onde só cabem no máximo 3 pessoas por vez, havendo "filas" para acessá-la durante a noite). No começo de 2012 a decoração desse espaço foi trocada e a *jukebox*, atrativo que é uma marca registrada da casa e estava em manutenção a pelo menos seis meses, voltou. Nesse ambiente a música é mais baixa e ali ficam casais, grupos de amigos/as que querem mais privacidade para conversar ou os/as frequentadores/as que querem descansar entre uma música e outra. Durante a madrugada é difícil achar um pufe desocupado (fotos 4 e 5).

Foto 4: Primeiro anda da Funhouse com a antiga decoração (créditos: site da casa noturna).

Foto 5: Nova decoração do primeiro andar. Detalhe na Jukebox (créditos: Denise Machado).

1.4 A Delicious

A história da festa *Delicious* confunde-se com a trajetória profissional de Ricardo Lemke, 33 anos, atual organizador e DJ residente da festa. Quando completou 18 anos, mudou-se para São Paulo e começou a trabalhar num restaurante vegetariano nos Jardins, onde pode ter contato com uma turma de amigos que tinham a ideia de fazer uma *festa*, Ricardo ofereceu ajuda e eles chegaram a realizar cerca de quatro edições no restaurante. Logo após, a festa passou a acontecer no Orbital[64] já com o nome *Delicious*. Nesta época, Ricardo havia parado de trabalhar na noite, frequentado-a apenas como público. Com o fechamento do Orbital na mesma época da inauguração da *Funhouse* (em 2002) a festa mudou de lugar, a partir daí Ricardo se reaproximou da *Delicious* e logo depois foi convidado a ser o DJ residente da festa. Em 2007, Alessandra, a principal *promoter* da festa, casou-se, teve um filho e resolveu se afastar da noite, deixando a *Delicious* sob os cuidados de Ricardo, que desde então cuida de toda organização da mesma:

> "Eu que sou o promoter, convido as pessoas para tocar e eu também que sou DJ, que na realidade é o que eu faço melhor, eu mais toco do que sou promoter... Eu gosto muito mais de tocar do que de ser promoter, mas como eu tive a oportunidade de dar uma mudada na característica da festa... Inicialmente ela era uma festa voltada mais para o rock dos anos 1990, 2000... Tocava algumas coisas novas, mas na época eles eram muito mais segmentados no rock e depois que eu entrei, comecei a trazer um pouco mais da minha cultura, que era mais eletrônica, eu gostava de coisas mais modernas, eu sempre gostei das coisas dos anos 1980, mas sempre preferi as coisas mais eletrônicas, então eu fui trazendo mais essas características... Trazendo mais o street pop também... No comecinho eu tocava um pouco de eletro bem tradicional no final da noite, mas a gente tentou caminhar para uma festa de indie rock, que também tivesse um pouco de eletrônico, umas bandas mais alternativas que estavam entrando nessa onda do eletrônico no começo (...). Na realidade, a gente sempre foi a festa que carregou a Funhouse, que tinha a cara do público que vinha para Funhouse na época.... Então já era um público mais jovem quando a

[64] Bar que se localizava na Rua Augusta, 2849 (Jardins), no qual havia um pequeno palco e era considerado o reduto indie do final dos anos 1990.

> gente abriu... E a gente veio trabalhando esse público, mas com o tempo o pessoal um pouco mais velho que vinha, que eram nossos amigos, que a gente já conhecia de outros lugares e trouxe para cá, foram casando, tendo filho, indo morar fora e aí a gente teve que dar uma mudada no nosso público, trazer um pessoal mais novo, que eventualmente, ainda estava procurando um lugar legal para sair em São Paulo, que ainda não conhecia muito as casas e que ouvia um rock, mas a gente queria colocar esse conceito de que balada de rock também dá para ser legal, para ser dançante, dá pra tocar um pouco mais de eletrônico, dá pra misturar tudo e ficar bem legal! Dá pra ser alternativo sem ser roqueiro chato e velho, sabe? Dá pra tocar coisa nova e dá pra tocar coisa velha... Dá pra tocar coisa mais eletrônica e dá pra tocar coisa mais rock and roll de guitarra... A gente prezou por isso, e a gente quis pegar um público que está ouvindo as coisas que tocam lá fora, que você escuta nas rádios rock da Alemanha, da Inglaterra... Todas as rádios que você ouvir tocam as bandas que são alternativas hoje, como o Arctic Monkeys, o Two Doors Cinema Club[65]... No Brasil é que não tem muito essa cultura do novo rock... Então a gente toca esse novo rock e as bandas que são um pouco mais eletrônicas que vão surgindo ai nesse meio mais *indie*...” (Entrevista com Ricardo Lemke, 33 anos, Promoter e DJ da festa Delicious).

A casa e a festa já passaram por várias mudanças e a mais contundente delas foi a reforma ocorrida em 2010 que resultou na decoração inspirada nos parques de diversões da Ilha Nova Yorkina de *Coney Island*, da década de 1920. Encontrei várias reportagens na internet que argumentam no sentido de que a *Funhouse* teria perdido um pouco da sua *pegada roqueira* e teria caminhado cada vez mais para o pop... Caminho que a decoração mais refinada só teria vindo a confirmar. Antes da grande reforma, a pista de dança era ainda menor, pois dividia espaço com um diminuto palco para shows de bandas. A programação da *Delicious* girava em torno delas:

> “No passado, quando a gente começou, surgiam muitas bandas... O Brasil estava numa fase muito boa para o rock, então a gente tinha o show de bandas e os DJs residentes que acabavam sempre sendo os

[65] Banda de indie rock britânica, formada em 2007. Atualmente tem contrato com uma gravadora francesa.

mesmos, aí a gente tinha um ou outro convidado, mas a gente focava mais nas bandas... Com o tempo, como foi parando de surgir tantas bandas legais no meio alternativo... Hoje aparecem bastantes coisas, mas não são bandas com cara para tocar numa festa, então a gente também mudou para um formato mais DJ... Porque foi passando o tempo e as bandas não foram aparecendo, a gente não tinha muita banda para colocar... E até para profissionalizar um pouco mais a casa, deixar ela mais organizada. Até por questões financeiras também... E para ter bandas a gente tinha um custo muito grande, o custo com as bandas, o custo para manter o equipamento de som para as bandas tocarem e ao mesmo tempo a gente tinha o problema de que não cabia tanta gente na casa (a lotação da casa é 200 pessoas)... Então era tudo muito complicado e essas mudanças se deram mesmo para a gente ter um ambiente mais legal para as pessoas frequentarem...” (Entrevista com Ricardo Lemke, promoter e DJ residente da festa Delicious – parênteses meus).

Atualmente a programação da *Delicious* é temática, assim há sábados nos quais somente DJs mulheres tocam – com exceção dos DJs residentes (a *Delicious Ladies Party*), festas em pareceria com o site de música *The Move That Jukebox* (a *Delicious Jukebox*), a *Delicious Hits* (na qual somente os *hits* absolutos são tocados) ou festa especiais, como no Carnaval, por exemplo.

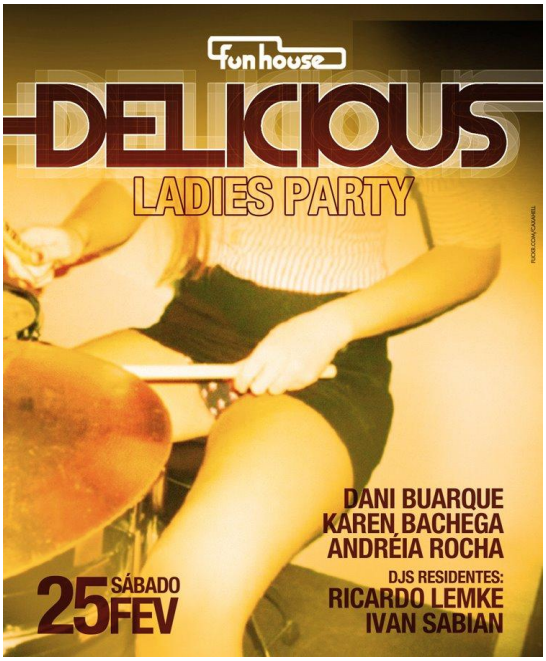


Foto 6: Flyer Delicious Ladies Party, dia 25/02/2012.

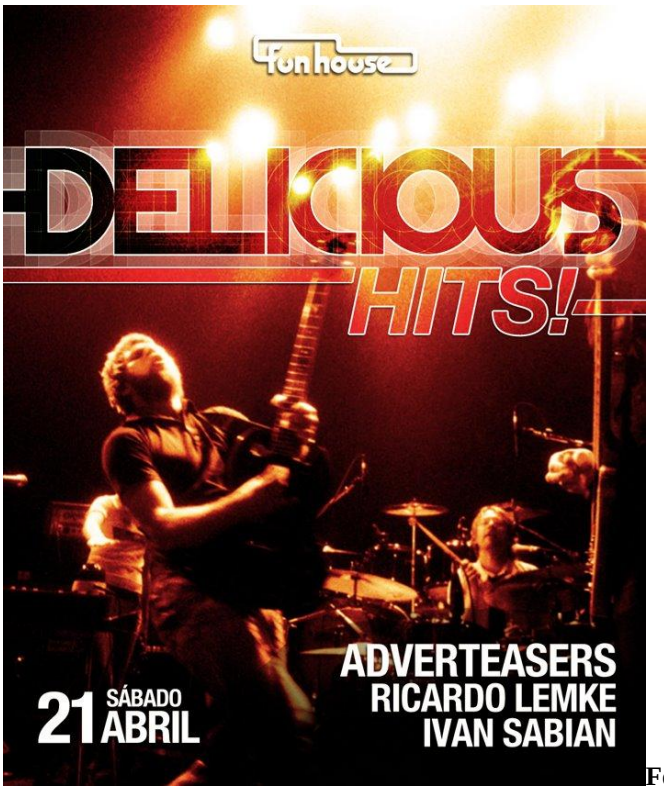


Foto 7: Flyer Delicious Hits, dia 21/04/2012.

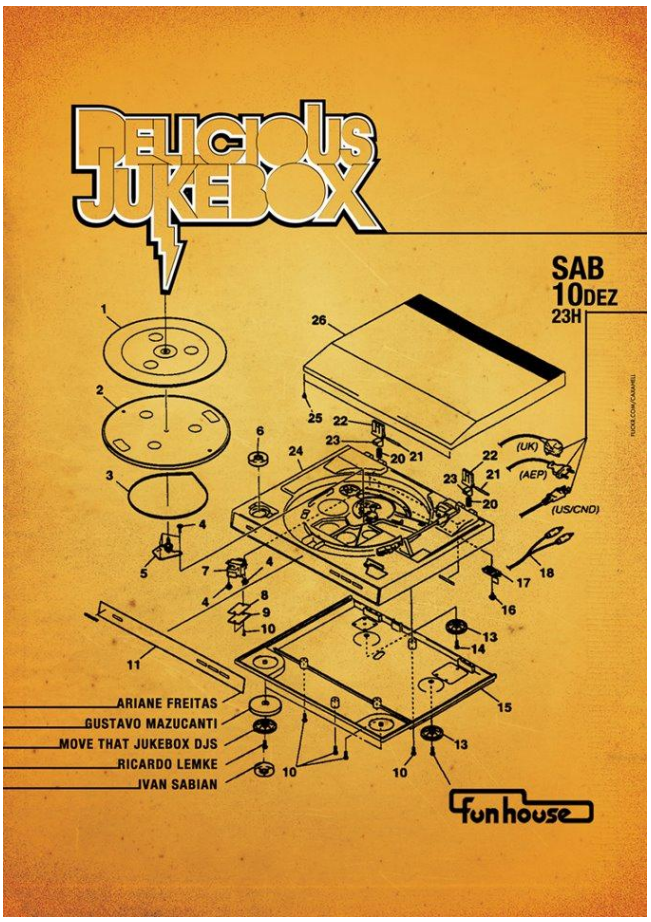


Foto 8: Flyer Delicious Jukebox, dia 10/12/2011

Foto 9: Flyer Delicious Especial de Carnaval, dia 18/02/2012.

Foto 10: Flyer Delicious Especial Edição 500, dia 26/05/2012.

Os *flyers* mostram um pouco da estética visual valorizada pelos/as frequentadores da festa. A referência à música é forte, seja através de instrumentos musicais seja através de equipamentos de som. É interessante notar também como a figura feminina é retratada: mesmo quando ela faz parte da banda (no caso do *flyer* da *Delicious Ladies Party*) um elemento de "sensualidade" é valorizado: sua calcinha está aparecendo. Já nas figuras masculinas, a técnica musical é o foco: seja o baixista (*flyer* da *Delicious Hits*) seja o DJ (*flyer Delicious* Especial Edição 500). Isso já nos dá pistas sobre alguns valores presentes nesta cena.

No atual cenário da noite paulistana, a *Delicious* aparece como uma "sobrevivente", uma vez que há 10 anos acontece semanalmente no sobradinho. Para que isso seja possível, foram necessárias várias mudanças ao longo dos anos, além da preocupação dos/as DJs em tocar o que o público gosta, fugindo do rótulo de festa "conceitual", buscando um equilíbrio entre seu gosto pessoal e o que realmente funciona na pista de dança. Para que essa estratégia possa ser bem sucedida é fundamental certa sensibilidade por parte do DJs. Numa espécie de "antropologia nativa" eles/elas tentam observar o estilo dos/as jovens que são embalados/as por seus sets. Na entrevista, Ricardo Lemke caracterizou o público:

> "O público da Delicious é basicamente um pessoal dos 22 aos 30 anos... A grande massa desse público tem 25, 26 anos... A gente não tem muito o público de 18 anos, 19 anos porque a festa já toca uma coisa que é mais difícil de ouvir, não é muito a cara dessa galera... Mas um pessoal mais novo, com uns 23 anos começa a definir mais seu estilo musical, começa a curtir mais essa linha do indie... É uma galera de classe média, não é uma galera muito rica que vem aqui, mas é uma galera muito <u>divertida</u>, muito <u>descolada</u>... Que você consegue sentar e conversar... Tem um pessoal que vem atrás das menininhas porque a gente tem um público bem grande de mulheres, um pessoal bem <u>bonito</u>, <u>bem vestido</u>... Uns garotos bonitos... Então tem um pessoal que vem para balada para 'ficar' com a galera e tem o pessoal que vem para ouvir um som... É um pessoal que gosta também desse <u>clima do centro</u>, tanto que a gente tem um público e divide ele com outras casas daqui da região. Olha, uma parte das pessoas se vestem fazendo referência ao próprio som que ouvem, então essa coisa do rock, de usar uma jaqueta de couro, uma calça jeans... Aí a

> gente tem um outro público, que é esse que acessa blog de moda, as meninas bem arrumadinhas, sempre com coisas da moda... Um pessoal classe média, com um poder aquisitivo já razoável, que pode se vestir bem... Um povo mais alternativo também, um pessoal que gosta de se montar um pouco mais pra ir pra noite... Então, é um público bem misturado, mas basicamente é isso. É um público que acessa blogs de moda lá de fora, faz um pouco essa referência ao visual do gringo, do inglês principalmente. E o pessoal que se veste inspirado nas bandas que eles ouvem" (grifos meus).

Através das observações etnográficas, pude perceber que a *Delicious* é frequentada por pessoas com idade entre 18 e 30 anos, em média, sendo o público majoritário jovens com até 26 anos, mas em algumas ocasiões vemos pessoas com mais de 40 anos, que são antigos/as frequentadores/as, muitas vezes amigos/as das pessoas que trabalham na organização da festa.

Neste ponto é importante ressaltar que tive algumas dificuldades em ter um contato mais prolongado com os/as frequentadores/as da festa: eles/as estavam muito mais interessados/as em aproveitar a balada com seus/suas amigos/as do que conversar comigo; o estilo da maioria dos/as frequentadores/as difere do meu – e dos/as amigos/as que algumas vezes me acompanharam a campo - o que também pode ter dificultado a abordagem; e em relação aos rapazes, quando percebiam que a abordagem não era uma paquera, se esquivavam sutilmente, sem contar as ocasiões em que me passavam telefones ou e-mails errados. O contato que pude ter com os/as frequentadores/as na própria festa foi algo bastante informal e superficial. Como alternativa para a realização das entrevistas, contatei frequentadores/as da festa *Delicious* através da rede social *Facebook*, procurando possíveis colaboradores/as nos eventos criados pela *Delicious* na página que a *Funhouse* possui no site, assim, selecionava jovens entre 18 e 24 anos que confirmavam que iriam à festa e entrava em contato com eles/as através de mensagem privada na qual apresentava a pesquisa e meu interesse em entrevistá-lo/a. Depois de muitas tentativas frustradas, consegui as primeiras entrevistas e através desses primeiros contatos pude começar a articular uma rede de colaboradores/as.

O lugar do pesquisador em ambientes de sociabilidade noturna já foi discutido em muitas ocasiões (Oliveira [2006]; Meinerz [2007]; Facchini [2008]; Vega [2008];

Braz [2010]), porém é importante frisar que cada lugar tem sua lógica própria, o que torna a experiência de campo uma verdadeira aventura antropológica, no sentido que não sabemos os imponderáveis que nos esperam ao colocarmos os pés para fora de casa com nosso caderninho de notas na bolsa. Particularmente nunca havia ido a baladas *indie rock* e o primeiro mês de trabalho de campo foi gasto essencialmente com a familiarização com o ambiente. Como já coloquei acima, o entrosamento com os/as jovens frequentadores não foi fácil, muitas vezes me questionava o motivo de tamanha dificuldade, uma vez que tinha a mesma faixa etária que a maioria deles (24 anos na época em que o trabalho de campo foi realizado) e cheguei a algumas conclusões: os adeptos do estilo *indie rock* possuem uma postura essencialmente *blasé* (Simmel, 2005), ou seja, têm uma relação de proximidade corporal e distância "espiritual" com as pessoas para fora do seu círculo de amigos/as mais próximo; embora eu tenha me esforçado para me vestir conforme o estilo predominante, há elementos que escapam de qualquer tentativa de operacionalização racional; o fato de estar comprometida também pesou, uma vez que embora procurasse ser simpática e receptiva com os rapazes e moças, estabeleci limites para as aproximações mais ousadas, que sim, acontecem e com mais frequência do que se costuma comentar. Cabe ao/à pesquisador/a estabelecer os limites éticos e metodológicos para lidar com essas aproximações.

> Havia uma turma que chamou muito a atenção hoje (17/12/2011): eram três meninas e um menino, uma das meninas estava de saia rodada de babados, blusa preta e sandália de salto, não parecia com o estilo típico dos frequentadores. No começo da festa ela estava dançando sensualmente com o menino que vestia calça jeans e camiseta listrada. Num certo momento ela subiu na caixa de som e ele ficou passando a mão pelo corpo dela... Logo em seguida outra menina foi interagir com eles; a menina que estava em cima da caixa de som, levantou a blusa, mostrou a parte de trás do sutiã e a tatuagem que ela tem nas costas (borboletas). Eu estava observando a cena e a terceira menina chegou me agarrando e disse: "você gostou das minhas amigas, e eu gostei de você!". Ela tinha uma atitude bastante ativa, me puxava, tentava me beijar, me abraçava, pegava na minha cintura, tentava beijar meu pescoço. Eu expliquei para ela que estava ali a trabalho, fazendo uma pesquisa e que não iria beijá-la. Depois de

> insistir durante alguns minutos, sem sucesso, ela ficou meio "brava", beijou minha mão e foi embora...
>
> Logo em seguida apareceu a Bruna (colega do PPGAS-USP que havia ido comigo) dizendo que também tinha sido "assediada" por uma menina e percebemos que era a mesma garota!
>
> Depois de um tempo fui ao bar, a garota estava lá e me perguntou: "você lembra de mim?" Eu disse que sim, e ela novamente disse que iria me beijar, eu respondi que não corresponderia às suas expectativas porque além de estar trabalhando, era heterossexual e tinha um namorado... Ela ficou meio encabulada... Nesse momento chegou outra amiga dela, a menina que tinha começado a interagir com a garota que subiu na caixa de som. A que estava conversando comigo me apresentou para a recém-chegada da seguinte maneira: "Essa é a hetero mais fofinha da balada...". Eu perguntei quantos anos elas tinham: a que flertava comigo tinha 22 e a outra tinha 26 anos. Ficamos conversando durante um tempo, mas as duas estavam bastante bêbadas e dispersaram.
>
> Meia hora depois subi até o primeiro andar a fim de descansar um pouco e encontrei a mesma garota bastante embriagada, tentando agarrar diversas meninas, não conseguindo sucesso desceu as escadas andando bastante torto. Fiquei mais ou menos 20 minutos sentada e desci novamente para ir ao banheiro e lá estava novamente a menina, passando bastante mal... Ajudei-a a vomitar, pois nenhuma amiga que estava junto com ela solidarizou-se e em seguida levei-a até o bar, comprei um refrigerante e uma água e dei para ela. Fiz com que ela tomasse um pouco de água e chamei suas amigas para que a levassem embora, ela não tinha mais condições de ficar ali... (Anotações do diário de campo)

Transcrevi este trecho do diário de campo para exemplificar um dos casos, com certeza o mais contundente, em que uma garota tentou algum tipo de aproximação comigo. Nas outras vezes as abordagens foram muito mais discretas e sempre ocorreram nas vezes em que não estava acompanhada com o meu então namorado. Normalmente o

que acontecia era a garota passar a mão nos meus cabelos, elogiar a roupa, tentar dançar mais perto...

A maioria das pessoas chegam em turmas, e assim ficam o resto da noite, ou seja a sociabilidade se dá no interior do próprio grupo, mas algumas vezes, os encontros afetivo/sexuais ocorrem para fora do mesmo. Diferentemente de outros locais de sociabilidade juvenil e predominantemente heterossexual (tais como o Sambarylove – casa noturna com um público da mesma faixa etária da *Funhouse*, porém formado em sua maioria por "negros" e "mestiços" [Simões et all, 2010]), a paquera não parece ser o principal objetivo dos/as frequentadores/as. De modo geral, ao contrário do que afirma Ricardo Lemke, as pessoas não interagem muito entre si, as conversas ficam restritas às filas do bar e do banheiro... Não vemos desconhecidos/as dançando juntos/as na pista de dança, como é comum em baladas gays, por exemplo. O público heterossexual prevalece, porém, na maioria dos sábados vemos casais gays no sobradinho, casais lésbicos também existem, mas são mais raros.

É interessante notar que embora o público seja predominantemente feminino e heterossexual, quando analisamos os homossexuais, o público masculino é maior. Sobre os casais lésbicos é importante frisar que podem ser pares "feminina"/"feminina"[66]: sendo o casal típico duas meninas bastante maquiadas e "femininas", com shortinhos curtos, meias-calças, botinhas all star ou sapatos de salto alto e camisas xadrez ou de renda, que dançam juntas e fazem maiores movimentos com os quadris, típico da forma de dançar "feminina". Outro par encontrado na pista de dança é o "masculina"/"feminina", nesse caso uma das meninas veste calças mais largas, camisetas ou blusas maiores e tênis esportivo, dança de um modo mais "duro", sem grandes movimentos e tem uma atitude de proteção com relação à parceira aos olhares de outras pessoas; já a outra menina normalmente veste roupas mais delicadas. Porém é importante destacar que nesses casais "masculina"/"feminina" nenhuma das duas meninas tem o estilo *alternativo* predominante na casa. Nunca vi o par "masculina"/"masculina", esse dado é interessante uma vez que esse tipo de parceria é encontrado entre as minas do rock (Facchini, 2008). Em duas ocasiões observei trios de "amigas" que chegam juntas à festa, estabelecem contatos com alguns garotos sem *ficar*

[66] Utilizo aspas para destacar que estas classificações quanto às performances de gênero são construídas histórica e socialmente, nada tendo de naturais.

com nenhum deles e no meio da noite trocam beijos triplos entre si, dançam abraçadas, mas em seguida voltam a conversar normalmente e não trocam nenhum outro tipo de carícia. Ficam sempre nas bordas na pista de dança, e seu comportamento desperta olhares curiosos dos/as outros/as frequentadores/as. Nesta cena ser uma jovem com performance "feminina" e beijar outras garotas não pressupõe uma correlação necessária entre práticas afetivo-sexuais e identidades.

Em sua tese de doutorado, Regina Facchini (2008) também problematizou a formação de pares entre mulheres no que diz respeito à performance de gênero e percebeu que nos locais de sociabilidade onde existe a valorização do par "masculina"/"feminina" o recorte geracional acompanha significativa diferença nas masculinidades, sendo que as mulheres com mais de 30 anos possuem um perfil mais tradicional e as meninas na faixa de 20 e poucos anos têm uma aparência mais semelhante à de alguns rapazes da periferia, o que também encontrei na *Funhouse* conforme descrevi acima.

Já nos casais gays é mais difícil notar essa divisão de papéis de gênero no interior do casal, e o que prevalece é o modelo chamado por Peter Fry de igualitário, no qual

> *"(...) o mundo masculino deixa de se dividir entre homens másculos e homens efeminados como no primeiro sistema (modelo hierárquico), e se divide entre 'heterossexuais' e 'homossexuais', entre 'homens' e 'entendidos'. Nesse novo sistema, o macho que se relaciona sexualmente com outro macho, mesmo ativamente, deixa de ser 'homem mesmo' e vira 'entendido' ou 'homossexual'"* (1982, p.94).

Enquanto nos casais lésbicos as demonstrações de afeto são mais discretas, com alguns beijos e mãos que sempre ficam na cintura da parceira, nos casais gays as demonstrações são mais explícitas, com beijos mais "ardentes" e mãos que percorrem todo o corpo do parceiro.

Normalmente os casais preferem ficar nas bordas da pista de dança, onde podem encostar-se à parede e ter um pouco mais de privacidade. Também é comum que subam

para o primeiro andar e fiquem num dos sofás dispostos nesse ambiente. Os casais costumam ser discretos, mesmo os que não são namorados/as e se formam na própria festa. É interessante observar que os poucos casais que mostram uma performance mais ousada, com grande *pegação*, onde o rapaz pega a garota no colo, passa a mão no seu bumbum e pode-se ver a garota com a mão nos órgãos genitais do menino, assim como os casais femininos formados por "masculina"/"feminina" destoam do restante do público, seja pelo jeito de se vestir (por exemplo, para os meninos: tênis *nike shox* ou calças muito largas; para as meninas: blusas que mostrem a barriga ou roupas demasiadamente apertadas) pelo corte ou arrumação de cabelo (meninos com gel no cabelo e meninas com chapinha ou outros métodos alisantes, por exemplo), seja por não saber cantar as músicas tocadas pelo DJ.

Outro fator determinante nestas diferenciações é a "cor"/"raça"[67]: os frequentadores da *Delicious* em geral são muito "brancos", em vários sábados eu era uma das pessoas mais "escuras" da festa (sou "morena", com cabelos lisos). Numa das últimas *Delicious* de 2011 (dia 26/11), havia um grupo de meninos "negros", vestidos com camisas grandes de basquete, bonés e tênis *nike shox*, eles se pareciam com que denominamos como *manos*[68] e tinham uma performance muito mais descontraída na pista de dança (com passos mais efusivos e marcados durante as músicas do que a dos frequentadores usuais que não costumam mostrar muito animação durante a dança, principalmente os meninos, que têm passos mais duros; as meninas podem mexer um pouco mais o corpo, de forma sensual). Eles permaneceram durante toda a noite deslocados, num canto da pista de dança e não conseguiram fazer contato com nenhuma menina ou com qualquer outra pessoa.

[67] No capítulo 3 discutirei de forma mais detida esta questão.

[68] "Do termo informal para 'irmão' e, por extensão para 'amigo', 'camarada', 'colega' ou 'parceiro', 'mano' tornou-se uma categoria para designar rapazes de periferia, negros e mestiços, especialmente aqueles que gostam de rap e hip-hop e adotam estilos de corpo e indumentária associados a esses ritmos de música, dança e poesia. 'Mano' às vezes tem conotação pejorativa (como marginal, violento, tosco, brega), mas também é uma fonte de tratamento comum entre rapazes de periferia e aparece não só em letras de grupos de rap paulistanos, mas também em outros produtos da indústria cultural" (Simões et. all, 2010, p. 46).

Foto 11: Tênis modelo Nike Shox (divulgação).

É interessante notar que alguns grupos se repetiam no decorrer dos sábados. Ao longo do trabalho de campo, alguns rostos se tornaram familiares para mim. Entretanto nenhum desses rostos pertencia a esses/as jovens que destoavam do restante do público. Parece-me que eles/elas iam até a *Funhouse* para "ver como é" e não voltavam mais, talvez percebendo, assim como eu, que não pertenciam àquele local.

O meio da pista é ocupado por grupos de amigos/as que dançam ao som dos hits de *indie rock*. A dança nesse ambiente é discreta, não existem coreografias ensaiadas e o que conta é conhecer a música, ou seja, saber sua letra e senti-la, porém performances mais empolgadas são olhadas com estranhamento pelos/as outros/as frequentadores/as. Como já salientado, podemos observar diversas formações de parcerias afetivo-sexuais na *Delicious*, mas embora haja a existência de casais gays e lésbicos, a festa é fundamentalmente heterossexual:

> "A festa em essência é hetero... Mas desde o começo... Como eu cresci, sempre tive muitos amigos gays... A gente sempre conheceu o público "gay" da noite, o pessoal de outras festas, promoters de outras casas e eu acho que essa mudança foi muito natural pra gente, nem notamos... <u>No começo o público era bem mais hetero, então era um lugar de pegação hetero, mas hoje em dia ele deu uma acalmada, uma mudada, então tem o público gay também e todo mundo se respeita...</u> Mas eu acho que tem também a própria evolução das pessoas, elas saem mais de casa... Na minha época, quando eu comecei a sair, ainda existia muita repressão aos gays, era muito complicado e nem faz

> muito tempo, faz uns 14 anos... E as coisas foram mudando, eles foram ganhando mais espaço, e eu acredito que como qualquer pessoa eles também estão ouvindo o que está tocando lá fora, vão aos festivais...” (Entrevista com Ricardo Lemke, 33 anos, Promoter e DJ da Delicious).

Mesmo com a presença do público homossexual, pude presenciar algumas cenas de intolerância no interior da casa noturna: alguns rapazes com quem mantive contato durante a festa, disseram que acham a *“homossexualidade muito estranha”* e que não deixariam seus filhos presenciarem um beijo gay. Num sábado, enquanto um casal gay beijava-se, um desses garotos com quem conversei me puxou e disse: *“Olha que coisa mais nojenta, isso não pode ser normal”*. É interessante problematizar que embora o *indie rock* seja considerado um “estilo” tolerante, uma vez que alguns de seus integrantes possuem uma performance mais andrógina, *moderna*, cenas como esta ainda são vistas nesses ambientes.

Antônio tem 24 anos, autodenomina-se gay e durante a entrevista comentou sobre esta ambiguidade:

> “Eu acho que o público da Funhouse, apesar de ter uma galera mais moderna, eu acho que nem todo mundo que está lá é tipo assim 'ah, eu sou a favor dos gays...'. <u>Então eu acho que é um público mesclado, é um público moderno, mas não é tão moderno assim, mas na máscara, na vitrine, parece que é (...).</u> (A Funhouse) não é uma balada gay... Mas pelo local, que é na Bela Cintra, perto da Augusta... E lá tem baladas gays, tem baladas mescladas e tal... Então eu acho que pela região, as pessoas acabam indo para lá... Mas eu acho que se a Funhouse fosse num outro local, e fosse mais recente, porque ela existe a mais de dez anos... Se ela fosse mais recente e num outro local, acho que aquele público de gays e lésbicas que vão para lá não iriam...” (grifos meus).

Antônio vai à *Funhouse* com amigos heteros, pois seus amigos homossexuais não costumam ir ao local, uma vez que lá não seria o lugar de *caçar homem*. Pode até acontecer de conhecer um rapaz, mas a probabilidade disso não é muito grande. Na *Funhouse* não há mais festas específicas para o público gay, o que leva os amigos gays

de Antônio a rejeitarem a casa. Caetano é outro entrevistado que também se apresenta enquanto gay, e assim como Antônio vai à *Funhouse* com amigos heteros.

Pode-se perceber que embora o discurso seja de que a *Funhouse* e mais especificamente a *Delicious* seja uma festa *moderna* e que tem um público heterogêneo, sendo frequentada por heterossexuais e homossexuais, existe uma tensão, ainda que velada, nessa sociabilidade entre as diferenças. Episódios que ocorreram enquanto eu fazia a etnografia são bem marcantes: o novo gerente da casa noturna é homossexual e em menos de dois meses houve duas brigas nas quais os frequentadores usaram sua sexualidade para agredi-lo. Um desses episódios resultou na demissão de toda a equipe da segurança que não havia *"feito nada"* para impedir os frequentadores de ofenderem o gerente.

Nos últimos 20 anos houve a expansão da visibilidade homossexual, que hoje, pelo menos na classe média mais escolarizada, não estão restritos/as aos chamados guetos gays. Entretanto mesmo nestes ambientes mais escolarizados há um certo controle e vigilância não só da conduta sexual, mas também das performances de gênero. A pesquisa "Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil", realizada pela Fundação Perseu Abramo e publicada em 2011, mostra que 44% dos/as entrevistados/as (gays, lésbicas e bissexuais) já se sentiram discriminados/as em seus espaços de lazer. Entendo como violência homofóbica não apenas a violência física (talvez sua expressão mais grave), mas sim qualquer atitude ou comportamento que cause desconforto, constrangimento ou humilhação ao outro. Episódios recentes na esfera pública nacional (a eleição de um pastor evangélico para a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e a consequente manifestação da sociedade civil – tanto contra como a favor do referido deputado) mostram o quanto este assunto está na ordem do dia e tem um grande poder mobilizador. Ainda que os/as jovens, geralmente, apareçam como menos preconceituosos em relação à homossexualidade, é necessário não esquecer que novas clivagens e diferenciações são articuladas por estes sujeitos para lidar com essas "novas" sociabilidades.

1.5 O circuito dos entrevistados

Foram realizadas entrevistas em profundidade com 12 frequentadores/as da festa *Delicious* (com exceção de um garoto, que embora confirme presença nas festas através

dos eventos do *facebook*, pessoalmente me disse que nunca foi, mas tem muita vontade de ir, porém seus amigos da *hardcore* não querem o acompanhar, discutirei sobre isso mais adiante). O roteiro foi dividido em cinco blocos: I) Identificação do Entrevistado, cujo objetivo era estabelecer um primeiro contato com o/a interlocutor/a, saber seu lugar de origem, onde e com quem mora, quantos anos tinha, com qual "raça"/"cor" se define; II) Trajetória Educacional e Profissional; III) Redes de Sociabilidade, a fim de traçar os locais para os quais eles/elas costumam sair, quem são suas companhias, se existe diferença entre os locais e as companhia escolhidas, como se dá a escolha do local para sair; IV) Sexualidade(s), Relações Afetivas e Identidade(s), cujo o objetivo era mapear a trajetória afetivo-sexual dos/as entrevistados/as, as diversas experiências pelas quais passaram, seja com parceiros do "sexo" oposto ou não, este bloco da entrevista também tratava sobre as moralidades em jogo nas parcerias afetivo-sexuais dos/as entrevistados/as e as lógicas classificatórias presentes neste contexto, seja no discurso sobre si ou sobre o outro; V) "Estilos" e Preferências, a fim de mapear as preferências estéticas e categorias utilizadas para o estabelecimento de parcerias afetivo-sexuais e as estratégias utilizadas para a construção do se próprio estilo.

Antes de iniciar a análise do material coletado, irei traçar um pequeno perfil[69] desses jovens afim de que seus discursos fiquem mais contextualizados: todos/as têm entre 20 e 24 anos, a maioria deles/as está na faixa entre 21 e 23 anos (nove entrevistados/as). Grande parte deles/as mora na cidade de São Paulo, em bairros da zona oeste (sete entrevistados/as), um mora na zona norte da capital, dois moram na Granja Viana (na cidade de Cotia), uma mora em Santo André, mas passa os finais de semana no apartamento de um amigo na região central de São Paulo, e um mora em Guarulhos. Todos/as, com exceção de Leandro, Gabriel e Caetano que moram em repúblicas com amigos/as, ainda moram com algum parente.

Todos/as eles/as concluíram o ensino médio na rede privada de ensino e no momento da entrevista estavam na faculdade. Somente Aline, Antônio e Caetano tinham se formado, a primeira no curso de Rádio de TV, o segundo em Multimídia e o terceiro em Artes Cênicas. Seis deles/as estavam no último ano do curso. Os cursos que escolheram são da área de humanidades e comunicação: rádio e TV, publicidade, multimídia, ciências sociais, design gráfico, artes cênicas; as exceções são Leandro e

[69] Para maiores informações sobre os/as entrevistados/as, ver Anexos 1 e 2.

Gabriel que cursam engenharia no Mackenzie, e André que cursa análise de sistemas na Fatec. Uma das características do público da *Delicious* é exatamente essa: trabalhar no meio ligado à comunicação/artes ou humanidades. As faculdades em que estudam, quando particulares, têm valores razoavelmente altos: Anhembi Morumbi, Mackenzie, Senac, Faculdade Paulista de Artes (FPA), FMU e ESPM[70]. A partir dos bairros onde moram, das faculdades em que estudam, dos lugares que frequentam e do tipo de sociabilidade que vivem podemos dizer que praticamente todos/as (a nítida exceção é André, justamente o jovem que não é frequentador da *Delicious*) os/as jovens entrevistados pertencem a estratos médios e médio-altos.

A região do Baixo Augusta, no período noturno, aparece como um local chave para a sociabilidade dos/as entrevistados/as. É lá que encontram os/as amigos/as que moram em outras regiões da cidade nos finais de semana, além da facilidade de ter vários equipamentos de lazer noturno na mesma região: bares, cinemas, restaurantes e "baladas". Alguns gostam muito de "baladas", outros dizem que já passaram dessa "fase" e que embora ainda possam ir numa casa noturna de vez quando, preferem sair para beber e conversar com os/as amigos/as. Os/as amigos/as aparecem como peça fundamental na escolha do local de lazer: a maioria dos/as entrevistados/as têm amigos/as ligados/as à cena noturna (seja atuando como fotógrafo/a, DJ, *hostess*...), de modo que eles/as irão aonde esses/as amigos/as estiverem. Porém, entre as baladas frequentadas, a *Funhouse* está sempre entre as preferidas. A região da Barra Funda fecha o circuito frequentado por estes jovens, que buscam baladas *alternativas* e que toquem música *boa* (ou seja *indie rock* ou variantes eletrônicas do rock).

A casa noturna Glória aparece como um local no qual a maioria dos entrevistados/as não se sente a vontade pelo fato de grande parte dos frequentadores serem *fashionistas*, ou seja, muito ligados ao mundo da moda. Manuela - 22 anos, mora com os pais na Granja Viana (município de Cotia), estava no último ano do curso de

[70] Numa rápida pesquisa nos sites das faculdades onde os entrevistados fazem os cursos, encontrei o valor pago pelas mensalidades (dados referentes a abril de 2013): na Anhembi Morumbi a mensalidade do curso de rádio e TV custa R$ 1200,00; no Mackenzie, a mensalidade do curso de Engenharia Civil sai por R$ 1690,00 e o curso de Publicidade e Propaganda é R$ 1500,00; no Centro Universitário SENAC, o tecnólogo em Multimeios tem mensalidade de R$ 680,00 e o bacharelado em Publicidade e Propaganda R$ 1000,00. A ESPM cobra R$ 1700,00 mensais pelo mesmo curso; A Faculdade Paulista de Artes tem mensalidades no valor de R$ 843,00 para o curso de licenciatura em Artes Cênicas. Já a FMU tem as mensalidades mais baratas entre as pesquisadas, cobra R$ 800,00 mensais pelo curso de Design e R$ 600,00 pelo curso de Publicidade e Propaganda.

Publicidade e Propaganda na ESPM à época da entrevista – sintetiza a fala de muitos jovens:

> "O pessoal que vai no Glória é muito fashionista... Eu tenho impressão de que eu chego lá e as bichas me olham de cima para baixo, e eu não sou desse meio de moda, não conheço nada, então eu acho meio desnecessário, não me sinto bem lá...".

Oposições são construídas nos discursos de alguns jovens: *baladas alternativas* X *baladas de playboy*; *música boa* X *música ruim*; *undergorund* X *mainstream*:

> "Eu vou muito em baladas alternativas... (Rua) Augusta... Eu gosto de música eletrônica, mas balada de música eletrônica é uma bosta... Por causa do pessoal, o pessoal dessas baladas é muito babaca... A maioria das baladas eletrônicas são elitistas e só tem 'playboy'" (Entrevista com Gabriel, 23 anos – parênteses meus).

Os locais de lazer são importantes tanto para a sociabilidade com os/as amigos/as quanto para o estabelecimento de parcerias afetivo-sexuais. Essas parcerias quase sempre são estabelecidas com pessoas de alguma forma já conhecidas, na maioria das vezes são amigos/as de amigos/as. Logo não há uma diferenciação entre os lugares para sair com os/as amigos/as e os lugares para paquerar, uma vez que esses/as jovens não saem para balada com a intenção de *pegar*[71] alguém, fato que se corrobora na atitude blasé que constatei no trabalho de campo. Entretanto, a bebida torna-se um importante desinibidor, principalmente para as garotas, que se tornam mais ativas nas interações afetivas-sexuais momentâneas:

> "Eu não saio para pegar... Lógico que às vezes eu penso 'nossa, seria lindo se eu pegasse alguém hoje', mas eu não faço um inferno por isso... Claro que não vou deixar de pegar caso alguém legal chegue, mas também não pego qualquer cara só porque eu preciso pegar alguém, só se eu tiver muito bêbada (risos), aí é outra história..." (Entrevista com Manuela, 22 anos).

[71] No universo noturno e jovem, "pegar" alguém significa "ficar" com uma pessoa, ou seja, estabelecer uma parceria afetivo-sexual momentânea, com maior ou menor grau de intimidade sexual, que não pressupõe nenhum vínculo após o ocorrido.

As exceções foram os dois entrevistados que se autodenominam gays, Antônio e Caetano: o primeiro tinha 24 anos à época da entrevista, mora com os pais na Granja Viana (no município de Cotia) é formado em multimeios, trabalha numa produtora de cinema, além de ser um dos articuladores e fundadores do portal de *lifestyle Be Style*; já o segundo mora com amigas no bairro de Santana (zona norte da capital paulista), também tinha 24 anos, é formado em artes cênicas, trabalha numa ONG onde realiza projetos na Fundação Casa. Embora por motivos distintos, ambos diferenciam os lugares para sair com os/as amigos/as e os lugares de *pegação*: Antônio frequenta saunas, de modo que a balada é um lugar de divertimento com os/as amigos/as:

> "Eu costumo ir muito para sauna... Eu sou daquele que costuma ir para balada e a possibilidade de ficar com alguém pode ser pequena, mas se eu quero muito ficar com alguém mesmo, eu vou para sauna... Porque eu não gosto de levar essa vontade para balada, porque a balada pode ir ficando ruim por isso... Tipo, não fico com ninguém e a balada fica ruim, sabe? Então assim, quando eu 'tô' no pique e na vontade, eu vou para sauna... Se eu for para balada e ficar com alguém, ótimo! Eu sempre vou com a intenção de fazer qualquer coisa, sabe? Eu sempre vou aberto... Se acontecer, ótimo, se não acontecer, também beleza...".

Já Caetano faz uma diferença entre as baladas: há aquelas para *pegação* e outras para ficar com os/as amigos/as e curtir a música. A intolerância e os constrangimentos pelos quais pode passar é a justificativa para esta estratégia,

> "Eu diferencio muito o lugar para paquerar e o lugar só para sair... Pra paquerar é n'a Lôca né... Porque na Funhouse, por exemplo, é muito mais difícil... Não é um ambiente tranquilo para um gay... Se realmente fosse eu poderia chegar num cara hetero e não teria problemas, ele falaria que é hetero e ok... Mas não é assim... Eu fico muito mais de boa quando vou lá... E se eu pego alguém é uma coisa muito sutil... Não rola uma pegação mais forte... O ambiente não permite... Acho que antes até permitia mais... Era uma coisa mais underground... Agora nem tanto, tá indo bastante 'paty' pra lá... O público mudou... Mas também quando rola de ficar com alguém legal eu curto muito mais, porque teoricamente não é uma pessoa tão ligada

> à noite gay, curte um som legal... É mais estiloso, porque lá n'a Lôca tem muito cara bonito, mas também tem cada farofa (risos)...".

Todos frequentam o circuito Baixo Augusta/Barra Funda, inclusive as mesmas casas noturnas, porém a trajetória de André, 23 anos, será usada a todo momento como contraponto ao restante do grupo: ele é o único entrevistado que nunca foi à *Delicious*. Mora em Guarulhos e nos finais de semana sai com amigos do *hardcore*, que moram na cidade de São Paulo, mas na maioria das vezes não entram em nenhuma casa noturna. André não trabalhava no momento da entrevista e juntava moedas durante a semana para poder vir a São Paulo nos finais de semana:

> "Vou catando as moedinhas em casa durante a semana. Como estou sem trabalho, ajudo meu pai, mas em troca ele só me dá o dinheiro da condução até a faculdade... Então tenho que juntar essas moedas porque não gosto de ficar pedindo dinheiro para sair... Então hoje em dia quando eu venho para Augusta, gasto com o dinheiro do ônibus e da bolacha que às vezes compro, porque muitas vezes eu trago de casa mesmo... Fico com meus amigos do hardcore ali perto do Outs e do Inferno, na rua mesmo...".

***

Estas primeiras considerações mostram um universo de diferenciações que passariam despercebidas por alguém que está fora desta cena: provavelmente muitas pessoas que nunca foram à Augusta achariam que todos ali naquele espaço são "iguais". Entretanto essas classificações e diferenciações são indispensáveis no convívio desses diferentes estilos. Não ser confundido com o grupo errado é fundamental e isso exige um certo investimento e aprendizado – seja no que diz respeito ao vestuário, gostos musicais, atitudes e valores – que exige um certo manejo e capital cultural (Bourdieu, 2007).

O objetivo deste capítulo foi apresentar o universo no qual mergulhei para esta pesquisa. A partir das páginas seguintes discutirei de forma mais detida as negociações e diferenciações que estão em jogo nesta cena e forma como os/as meus/minhas interlocutores/as lidam com as categorias classificatórias disponíveis.

Capítulo 2: Moralidades na pista.

A partir das trajetórias afetivo-sexuais dos/as jovens entrevistados/as abordarei, neste capítulo, as moralidades que circulam neste contexto. Os valores que estão em jogo nas relações estabelecidas são de fundamental importância, pois nos revelam as articulações realizadas no processo de aproximação e/ou afastamento. Dicotomias – tais como *bom* e *mau*; *legal* e *chato*; *bonito* e *feio*; *prazeroso* e *bizarro*, entre outras – são colocadas em discurso na tentativa de tornar inteligível o que se leva em conta quando se fala sobre sexualidade e/ou relacionamentos afetivos. Meu esforço é no sentido de entender as categorias nativas a partir do uso feito pelos/as sujeitos/as, atentando-me para as polissemias próprias desta cena. Que mundo surge através desses valores? O que essas moralidades dizem a respeito dessa fração da juventude de classe média paulistana?

Ao mesmo tempo em que me deterei sobre dados mais gerais acerca das histórias afetiva/sexual dos/as sujeitos/as entrevistados/as, procurarei evidenciar as categorias, valores e moralidades que emergem disso tudo[72].

Como já salientei no capítulo anterior, tive algumas dificuldades para articular os/as primeiros/as interlocutores para entrevista. Após o contato via *facebook*, combinávamos um local que fosse de fácil acesso ao/à entrevistado/a. Confesso que as primeiras tentativas foram frustradas... Antes de conseguir a primeira entrevista, levei pelo menos três "canos". Após esse período inicial realizei a primeira conversa com Manuela e a sensação que tenho é que as entrevistas "deslancham" depois deste "batismo". As conversas aconteceram num clima bastante informal, sempre em locais escolhidos pelos/as jovens, que em sua maioria sugeriram estabelecimentos comerciais próximos a própria Rua Augusta: cafeteria do Espaço Itaú de Cinema, o bar Charm da Augusta, o Açaí Bar... Também realizei entrevistas em locais próximos ao trabalho de alguns/mas interlocutores/as e na faculdade onde estudavam. No geral eram locais que faziam parte do cotidiano do/a entrevistado/a e que de algum modo me inseriram em algum aspecto da sua rotina. Olhando para o processo da pesquisa, já com algum distanciamento deste período de trabalho de campo, posso afirmar com toda certeza que para mim a realização das entrevistas foi a parte mais prazerosa desta empreitada,

[72] Como já salientado na introdução deste trabalho, utilizo *itálico* para destacar as categorias que se sobressaem nos discursos dos entrevistados.

apesar de o roteiro abordar alguns temas mais delicados para se conversar num primeiro contato, acredito que a experiência que tive com a iniciação científica – na qual também realizei entrevistas com jovens sobre sexualidade – foi fundamental para que não chegasse "crua" nestes encontros e tivesse certas estratégias para o estabelecimento do diálogo.

A maioria deles/as (9 entrevistados/as) beijou pela primeira vez entre os 12 e os 15 anos. Esse dado corrobora os encontrados em outras pesquisas que tratam sobre sexualidade e juventude (Heilborn et. al. [2006]; Rieth [2002]). As percepções sobre esse primeiro beijo dividem-se entre *estranho* e *bom*. *Estranho* porque é algo novo, recheado de expectativas do/a jovem e principalmente do grupo; *bom* porque é visto como um momento de passagem, deixa-se de ser "criança" e a partir daí relaciona-se afetivamente com o/a outro/a. A descrição de Manuela sobre seu primeiro beijo pode ser tomada como exemplo: foi aos 13 anos, numa matinê, com um menino da mesma idade que ela não conhecia muito bem. As amigas a pressionavam há algum tempo, pois ela era a única do grupo que ainda não havia beijado. Como estava muito nervosa, Manuela beijou o garoto com os olhos abertos ("[...] *eu estava nervosa, era tudo muito novo para mim*") e por isso é motivo de zoação até hoje com os amigos daquela época.

Os três entrevistados/a que se definem enquanto homossexuais[73] (Aline, Antônio e Caetano) deram seu primeiro beijo com pessoas do "sexo oposto" e de todos os jovens, apenas Antônio descreveu a experiência como *ruim*.

Grande parte dos/as entrevistados/as teve até dois namorados (nove deles/as). André (23 anos), Amanda (20 anos) e Andressa (21 anos) no momento da entrevista nunca haviam tido um relacionamento "sério". Apenas três deles/as estavam namorando: Marcos, Aline – que namora uma garota – e Caetano, que namora um garoto. Para os/as que já tiveram relacionamentos mais duradouros, a idade do primeiro namoro foi por volta dos 16 anos. Gabriel destoa do restante do grupo, pois já teve seis namoradas, porém seu relacionamento mais longo durou 11 meses. O único que já teve a experiência de morar junto com um/a parceiro/a foi Leandro (22 anos), que morou durante dois anos com a ex-namorada:

[73] Atribuições de cor/raça e "identidade" sexual utilizadas nesta dissertação foram autoatribuídas pelos sujeitos no momento da entrevista.

> "Sobre morar junto, a gente não decidiu nada, aconteceu (...). Quando eu vi já estava lá há um ano... Eu gostei muito, porque eu sempre gostei de namorar, eu sempre procuro um namoro nos meus relacionamentos... Eu cresci muito, quando eu fui morar com ela, ela já morava sozinha, já trabalhava, já estava no quarto ano de Letras, e eu não trabalhava, estava no cursinho, dependia do dinheiro dos meus pais, não sabia o que ia fazer da vida... Ela me ensinou a ser adulto, eu tive que amadurecer forçadamente para conseguir viver com ela, e isso foi muito bom".

Entre os/as heterossexuais, a *traição* aparece como um tema importante quando se fala sobre namoros. Histórias de amigos/as que já foram *traídos/as* ou que *traíram*, o medo de ser *enganado/a* pelo/a parceiro/a... Tudo isso está presente nos relatos. O último relacionamento de Manuela, Marina e Gabriel terminou por este motivo: a primeira foi *traída* e os outros dois *traíram* seu/sua então parceiro/a. Desse modo, pode-se que dizer que entre os heterossexuais, quando se está num relacionamento "sério" a monogamia é um valor importante. Os/as jovens que não tiveram *relacionamentos sérios* se consideram fechados/as, tímidos/as e indiferentes à esfera afetiva, uma vez que estariam focados no campo profissional.

Antônio, antes de *descobrir-se gay*, teve duas namoradas, embora sempre tivesse se sentido atraído por garotos. Isso se deu devido a sua relutância em *aceitar* seus sentimentos, ele imaginou que poderia vir a se apaixonar por uma garota. Com garotos, Antônio já teve um relacionamento mais *sério*, porém não o apresentou para família, com medo da reação de todos, principalmente do irmão mais velho, com quem tem uma relação complicada. Aline, 23 anos, que atualmente considera-se lésbica, também namorou um garoto e Caetano, que também se considera gay, namorou durante dois anos com uma garota em sua cidade natal. É interessante notar que nos três relatos não há *afetividade*. O sentimento de *amor* só foi vivenciado a partir de experiências com pessoas do mesmo "sexo". No relato de Caetano havia *tesão* pela namorada, o que não estava presente no relacionamento de Antônio, nem no de Aline, que não chegou a transar com o namorado.

A primeira relação sexual dos/as entrevistados/as ocorreu após os 17 anos para a maioria (oito deles/as). Esse achado empírico destoa dos dados colhidos na pesquisa de

iniciação científica que inspirou esta dissertação: na escola pública onde o trabalho etnográfico fora realizado pude perceber que grande parte dos/as jovens tinha a primeira experiência sexual por volta dos 15 anos de idade (Rocha, 2012). A pesquisa Gravad (2006) também aponta para uma entrada mais tardia na sexualidade genitalizada por parte de uma camada da classe média, como acontece no contexto ora pesquisado.

Muitos/as deles/as falam sobre o *nervosismo* e *timidez* que vivenciaram neste momento. Assim como o primeiro beijo (e talvez mais potencializado), a primeira relação sexual também é vista como um momento muito importante na trajetória afetivo/sexual dos indivíduos. O medo de *desrespeitar* os pais apareceu como fator decisivo para o adiamento da primeira relação sexual. Leandro namorou uma garota durante dois anos e não teve relações sexuais com ela. Sua *primeira vez* aconteceu aos 19 anos, com a última namorada (com quem já morava junto), depois de dois meses de tentativas, nas quais rolavam muitos *amassos*, mas não conseguiam finalizar a penetração, pois ele ficava muito *nervoso*: *"(...) Porque assim, minha mãe nunca deixou eu ficar sozinho com as meninas, então para mim não era uma coisa normal, a imagem dela ficava na minha cabeça..."*. Para as garotas, a primeira relação sexual também aparece enquanto um *processo*, que não ocorre de uma hora para outra e para o qual se deve dedicar várias tentativas. Nesse sentido ter um parceiro *certo*, *atencioso* e *paciente* é fundamental para que a "empreitada" seja bem sucedida. Apesar de todos os medos e ansiedades envolvidas, a primeira relação, embora não tenha sido *"o melhor sexo da vida"*, é descrita como *boa*, *normal* ou *ok*.

Para alguns/mas dos/as entrevistados/as já aconteciam *amassos* com os/as parceiros/as antes da primeira relação sexual. Tais *amassos* consistem em beijos mais fortes, com mãos que circulam pelo corpo do/a parceiro/a, muitas vezes tocando órgãos genitais, em alguns casos pode-se chegar à masturbação a dois.

Entre as garotas surgiu uma interessante discussão acerca da flexibilidade do conceito de *virgindade*. Marina antes de ter sua primeira relação sexual, masturbava-se mutuamente com o então namorado (o que aconteceu diversas vezes), e na sua concepção ainda era *virgem*. Entretanto, se houvesse ocorrido sexo oral, por exemplo, sua opinião mudaria e para ela teria sido sua *primeira vez*, pois considera essa prática sexual muito mais *íntima* que a masturbação. Já com Andressa aconteceu masturbação em casal e sexo oral antes da primeira penetração e ela também se considerava virgem,

uma vez que foi "ativa" tanto na masturbação quanto no sexo oral, de modo que nada teria acontecido no seu corpo. Com Aline também aconteceu algo parecido: sua primeira namorada tinha simultaneamente um relacionamento com um homem e sua primeira relação sexual aconteceu neste contexto. Ela considera que *perdeu* a virgindade quando o homem envolvido nesta relação a penetrou, sendo que eles já haviam tido outros momentos íntimos (que Aline considera *transas*) em que chegava a acontecer sexo oral e masturbação a três, mas nos quais *"ninguém havia enfiado nada em mim, logo, eu continuava virgem"*. Pode-se perceber o quanto a *intimidade* é articulada nos relatos, mesmo que as opiniões sobre o que é ou não virgindade sejam divergentes. A primeira vez ocorre de fato quando a prática sexual considerada mais íntima para o sujeito acontece. Seja ou não penetração.

Os relatos dos/as jovens heterossexuais acerca da primeira relação sexual são muito econômicos, o que difere bastante dos relatos dos/a jovens que se consideram homossexuais, pelo menos quando falam sobre sua primeira experiência sexual com alguém do mesmo "sexo": detalhes são valorizados, acontecimentos anteriores são considerados muito importantes para contextualizar o relato, o momento é descrito como *mágico* e muito *especial*.

Para Aline e Antônio o *prazer* aparece extremamente conectado com a *afetividade* que sentem pelos parceiros. Antônio descreveu sua primeira relação sexual com garotas da seguinte forma: *"(...) não sentia prazer nenhum, nada! A sensação era de transar com um cadáver, foi uma experiência muito ruim, muito amarga"*, já sua experiência com um garoto é lembrada como *maravilhosa e perfeita*, pois estava *muito envolvido* com o parceiro (embora não tenha sido correspondido posteriormente). Aline conta que já teve *orgasmos* com garotos, mas para ela a sensação não fazia sentido porque não tinha *amor*: *"(...) podia ser bom, podia ser prazeroso, mas não tinha amor, então para mim não tinha nada!*". Neste sentido Caetano destoa dos outros dois entrevistados, uma vez que sente *tesão* por garotas, e nunca teve problemas (e gosta de) em transar com elas. Ele separa os campos dos *afetos* e dos *desejos*: é possível ter *desejo* por garotas, mas *sentimento mesmo* é só com garotos.

Alguns dos/as entrevistados/as já tiveram algum tipo de experiência homossexual. Mas é importante destacar que são as meninas que podem ter este tipo de experiência e continuarem a se classificar e serem classificadas como heterossexuais, de

modo que seria mais apropriado falar em heterossexualidades, uma vez que há diferentes maneiras – para as garotas – de viver a experiência heterossexual. Neste contexto ser uma garota heterossexual não exclui beijar eventualmente outras meninas, porém as narrativas trazem nuances importantes. Considero os atos sexuais (não me refiro somente à "penetração", mas a qualquer ato considerado enquanto sexual pelos sujeitos) dentro do contexto social e cultural, além dos significados específicos de tais atos para os sujeitos[74].

Entre os/as entrevistados/as, Aline, Antônio, Caetano, Adriana, Manuela e Andressa já tiveram alguma experiência afetivo-sexual com pessoas do mesmo "sexo", porém são experiências bastante diversas. Antônio, Aline e Caetano têm um discurso sobre a *descoberta da homossexualidade*: o primeiro, após algumas tentativas frustradas em namorar garotas (inclusive tendo relações sexuais *amargas* com elas), começou a frequentar a noite gay paulistana, uma vez que sempre se sentira atraído por garotos, inclusive nutrindo diversas paixões platônicas pelos amigos de seu irmão mais velho. Foi numa dessas noites que deu seu primeiro beijo em outro garoto,

> "(...) Parece que aquilo foi o primeiro beijo da minha vida! Eu senti tudo... Meu coração pulava, eu senti uma coisa muito louca! Até hoje eu me lembro desse sentimento! Eu descobri uma coisa... É como se fosse beijar pela primeira vez mesmo, sabe aquele nervosismo? A mão suando (...)".

Caetano fora apaixonado por um colega da escola, porém nunca comentou com ninguém, pois achava que em Santos, sua cidade natal, não havia possibilidade de revelar este tipo de sentimento. Quando completou 17 anos descobriu a noite gay em São Paulo e passou a frequentá-la sempre que podia (ou seja, quando conseguia juntar dinheiro para pagar a passagem de ônibus e a entrada numa eventual balada). Aos 20 anos mudou-se definitivamente para São Paulo a fim de estudar artes cênicas, mas acredita que na realidade tenha vindo para se *libertar*. Hoje Caetano se define como gay, mas esse posicionamento só aconteceu após descobrir os ambientes de sociabilidade homossexual, foi a partir daí que teve *certeza* de que também era gay.

[74] As técnicas corporais classificáveis como ato sexual são objeto de definições sócio-históricas que variam no tempo e no espaço cultural.

Pode-se perceber a importância da noite gay para a aprendizagem do modo de vida homossexual (Pollak, 1985) tanto para Antônio quanto para Caetano. O reconhecimento de outras pessoas enquanto iguais (pelo menos no que diz respeito ao desejo sexual) foi um fator fundamental para que esses jovens pudessem legitimar seus próprios desejos. Entretanto, ao contrário do contexto estudado por este autor, aqui não há uma racionalização da sexualidade e sim uma importância fundamental dos afetos. Pelo menos para definir do que (de quem) se gosta *mesmo*, não existe uma separação estanque entre sexualidade e tendências afetivas.

Aline sempre admirou outras meninas, mas não sabia exatamente como classificar este sentimento. Aos 16 anos descobriu que a amiga, pela qual nutria essa admiração que não sabia denominar, começou a frequentar festas *rave* e a usar *ecstasy*[75], de modo que imaginou que seria a oportunidade perfeita para ficar com ela. Foi o que aconteceu. E a partir deste momento as coisas começaram a mudar, mas Aline não sabia bem o que estava acontecendo porque ao mesmo tempo em que pertencia a uma "(...) *geração na qual a menina beija a amiga e 'ah, é uma coisa só para provocar os meninos' ou porque tava louca de droga... Ou rolava beijo a três...*" ia para a *rave* porque gostava de ficar com aquela menina em especial. Entretanto fora desse ambiente, a vida seguia normalmente, a amiga continuava sendo apenas uma amiga e beijar outras garotas estava fora de cogitação. Aos 17 anos, Aline conseguiu seu primeiro emprego e acabou envolvendo-se com sua chefe (16 anos mais velha), com quem teve um relacionamento que durou 4 anos:

> "Foi surreal! Nem tem palavras! Foi um relacionamento totalmente diferente, é muito mais intenso, é muito diferente! O toque, o cheiro, a pele, as palavras, a forma como se comunica... Tudo é diferente, tudo! É muito mágico, demais... Depois dela, claro, nada vai ser tão mágico, porque era tudo muito novo... Mas mesmo assim relacionamento de meninas é muito diferente... Não sei se é melhor, porque é tudo muito explosivo... O amor, a paixão, o beijo, a vontade de estar junto... Mas é muito intensa a parte que junta mulher com mulher, sabe?"

Aline reconhece-se enquanto *lésbica*, *sapine* ou *gay*, porém gostaria de se apresentar para pessoas dizendo que é *do amor*. A *confirmação* de que gosta de

[75] Droga sintética, também conhecida como pílula do amor, muito utilizada em festas rave.

mulheres se deu a partir deste relacionamento, com a *"(...) certeza absoluta de que você se sente atraída, você sente tesão pela pessoa, então meu, você gosta disso e ama essa pessoa!"*.

Adriana já teve experiências afetivo/sexuais com outras garotas, e na hora de utilizar uma categoria para falar sobre si: *"Eu não gosto dessas categorias... Mas acho que eu diria que sou bissexual... Eu tendo a ficar mais com homens, mas de modo nenhum vou negar que tem esse outro lado que me atrai com certa frequência..."*. Essas experiências aconteceram após seu ingresso na universidade, uma vez que anteriormente isso não era uma possibilidade dentro do seu círculo de amigos/as, os/as quais achavam que todas as lésbicas e/ou bissexuais eram *machonas*, *masculinizadas* e essas performances de gênero não a atrai. Adriana passou a frequentar o circuito Augusta/Barra Funda e começou a ter curiosidade sobre como seria ficar com outra garota. Numa noite, por acaso, aconteceu e ela gostou. Normalmente o uso de bebidas alcoólicas a deixa mais *desinibida* e as coisas acontecem com mais facilidade. Entretanto sua primeira relação sexual com uma garota aconteceu num momento de *sobriedade*:

> "Foi estranho, mas foi bonitinho, cara! A gente dançou músicas da Björk no escuro... Toda situação... Ela me deixou muito a vontade... Mas normalmente isso acontece quando eu estou bêbada porque aí eu fico desinibida, porque sóbria eu sou muito envergonhada... Esse foi um caso particular porque eu quase cheguei a namorar com essa menina... Eu gostei, achei legal...".

Andressa é outra entrevistada que também relatou ter ficado com garotas, porém, ao contrário de Adriana, isso só aconteceu uma vez, numa festa na casa de uns amigos *alternativos*, na qual beijou sua melhor amiga. Na ocasião estavam todos bastante *bêbados* e muitos casais (inclusive homossexuais) se formaram entre os/as amigos/as. Entretanto, Andressa é categórica ao dizer: *"(...) na festa desse nosso grupo de amigos pode rolar... Se fossem outros ficariam escandalizados!"*. Embora só tenha acontecido uma vez, ela diz que sente vontade de ficar com meninas, mas não com uma menina em específico, por isso não aconteceu novamente. Quando perguntei para Andressa com qual categoria se definiria, ela optou por *aberta a novas possibilidades:*

> "Eu sou aberta a novas possibilidades... Não sei... Porque eu nunca cheguei a ficar com outra garota desconhecida, foi com minha melhor amiga, sabe? Mas por mais que eu tenha vontade de ficar com meninas, eu nunca tive vontade por uma menina específica, sabe? É como um cara que quer transar com duas meninas ao mesmo tempo... Talvez seja mais uma fantasia do que uma opção sexual, uma inclinação para uma opção sexual... Mas eu não sei se transaria com uma menina... Pode ser que sim, pode ser que não... Tem que esperar acontecer...".

Manuela também relatou ter ficado uma vez com outra menina, como Andressa numa ocasião em que estava sob efeito de álcool. Para ela está muito claro que *ficar* com uma garota é a mesma coisa que *ficar* (no sentido de dar beijos) com um garoto, porém ter relações sexuais com uma menina, por enquanto, não é uma possibilidade[76]:

> "(...) Agora sexo, eu nunca tive nenhuma experiência... Eu ficaria novamente com uma menina, mas eu não transaria porque eu não sinto atração para isso... Não sei, é porque quando eu olho para um cara eu já penso: 'Meu Deus, como esse cara é lindo... ' e já começo a imaginar um monte de coisas e eu não tenho isso com menina... E também não sei... O sexo em si... Eu não sei eu teria coragem de fazer um sexo oral numa menina, por exemplo... Agora para ficar é a mesma coisa... Porque a diferença está mais embaixo... (risos)!".

Entre as meninas que já tiveram ao menos uma experiência com o mesmo "sexo", Manuela foi a única a se definir como *heterossexual*. Para ela a questão crucial nesta classificação é o *sentimento*, ou seja, por quem você se apaixona, por quem chora e com quem você realmente se importa, de quem você gosta *mesmo*. O *sentimento* aparece como um fator fundamental nesta cena: entre os/as entrevistados/as que se que classificam como homossexuais, a *afetividade* está muito presente, uma vez que é ela que demarca esta posição de sujeito. É gostar/amar pessoas do mesmo "sexo" que os fazem homossexuais, o *tesão* é importante, mas não é somente disso que se trata. Adriana disse que *quase* chegou a namorar uma garota, porém neste mesmo período também estava ficando com um menino, com o qual acabou namorando, pois estava

[76] A pesquisa GRAVAD (2006) aponta que 63% das meninas que relatam ter tido alguma experiência afetivo/sexual com outra garota o fez somente através de beijos.

gostando mesmo dele. Caetano namora um garoto e eles estão pensando em abrir o relacionamento, mas tem um porém: tanto ele quanto o namorado só poderão ficar/transar com outras *garotas*, pois desse modo não há *afetividade* envolvida, apenas *tesão*.

Esses/as jovens parecem estar sob o impacto do movimento homossexual que nos últimos anos pautou-se principalmente na luta pelos direitos civis, sobretudo os relacionados às parcerias homoafetivas (tais como o casamento). Se na década de 1980 e 1990 "transgressor" era ficar/transar com alguém do mesmo "sexo" e isso colocava o sujeito na posição de homossexual, hoje (pelo menos entre os jovens entrevistados) "transgressor" é gostar/amar alguém do mesmo "sexo". O homosSEXUAL torna-se homoAFETIVO – menos que a prática, é o afeto que torna-se definidor das preferências sexuais.

Entre os garotos que não tiveram experiências afetivo/sexuais com outros garotos, Leandro é o único que não se autoatribui a categoria heterossexual, e mais do que isso, não quer se encaixar em nenhuma categoria de classificação, uma vez que *"não se sabe o dia de amanhã"*. Ele reconhece que acha outros garotos bonitos e não se espantaria se viesse a ficar com algum deles por *curiosidade*: "*(...) Pode ser que eu não goste, mas veria como é, aí depois eu poderia falar que eu não sou gay, mas antes disso eu não falo..."*.

Leandro é uma exceção. Fica claro que são as meninas que possuem maior flexibilidade para a experimentação sexual. As fronteiras simbólicas entre a hetero e a "homossexualidade" são diferentes para os dois "sexos": meninas podem transitar entre essas fronteiras (e nesta cena é até esperado que o façam). Já os meninos não podem; caso tenham algum tipo de experiência com outro garoto, fatalmente serão colocados num outro lugar social, serão considerados gays por seus pares[77]. Para eles não é possível ficar com outro garoto sem gostar disso, ou seja, sem *ser de fato* um homossexual. Os estereótipos de gênero presentes em nossa sociedade também

[77] Pode-se pensar nos termos da escola Kinsey (Gagnon, 2006), na qual a heterossexualidade e a homossexualidade são vistas enquanto um continuum (onde o zero seria o comportamento exclusivamente heterossexual e o seis o comportamento exclusivamente homossexual...). Neste contexto as garotas heterossexuais poderiam transitar entre o zero e o dois (predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência) e os garotos heterossexuais, se quiserem continuar reconhecidos pelos outros enquanto tais, devem ficar presos no número zero.

aparecem como causa dessa disparidade de possibilidades: homens teriam que provar uma certa masculinidade e para isso é necessário uma total repulsa à experiência homossexual. Há uma fronteira muito delimitada entre o ser "homem" e o ser "gay", que uma vez ultrapassada pode gerar grandes consequências simbólicas[78]. O fato de a fronteira ser mais "borrada" para as garotas não quer dizer que as possibilidades sejam infinitas. Os limites de trânsitos entre os diferentes lugares sociais produzidos por essas categorias são negociáveis, de modo que são situacionais. É importante destacarmos que essas categorias remetem a processos de diferenciação que mobilizam outros marcadores sociais da diferença, por vezes compondo determinados estilos a partir da combinação com itens como vestuário, estética corporal, etc. (Facchini, 2008).

O álcool, que está muito presente nos ambientes noturnos de sociabilidade, aparece como um importante desinibidor sexual para as garotas: Adriana, Andressa e Manuela disseram que – pelo menos na maioria das vezes para Adriana – estavam *bêbadas* quando tiveram algum tipo de relação afetivo/sexual com outra garota. Todos/as os/as entrevistados/as concordam que as meninas possuem mais possibilidades de experimentação sexual, mas essa liberdade sempre está ligada a ingestão de bebidas alcoólicas, que é muitas vezes utilizada como justificativa para tais experiências. Os papéis de gênero que são esperados dos homens nesta cena não permitem que eles se relacionem com outros garotos nem mesmo sob o efeito do álcool, uma vez que isso seria apenas uma desculpa para encobrir uma *vontade verdadeira* que seria necessária para se fazer tal coisa. Entretanto, mesmo as meninas que podem transitar não estão sendo *elas mesmas*, não estão ficando com quem *realmente* gostam e é apenas uma *zoação* possível de acontecer na balada:

> "(...) acontece muito, mas não é de boa (meninas ficarem com outras garotas na balada)... E se você perguntar para uma mina que realmente gosta de cara ela vai dizer: 'Não! No máximo já dei um beijinho na minha amiga, mas a gente tava bêbada'... É bem assim, não é aquela coisa de 'ah, é normal, a gente se beija, eu beijo meu namorado, mas eu sou hetero'... As meninas que realmente gostam de meninos tem isso bem definido na cabeça. Mas hoje em dia pra mim pelo menos, no meio que eu vivo, é muito difícil encontrar uma heterossexual de

[78] A pesquisa de Miguel Vale de Almeida (1995) realizada em Portugal também pode ser citada neste ponto. Em seu contexto etnográfico fica claro que a masculinidade é internamente construída por assimetrias e hierarquias, através da qual se detectam modelos hegemônicos e variantes subordinadas.

> verdade, pelo menos um beijinho na colega bêbada, ela já deu alguma vez...” (Entrevista com Aline, 24 anos, lésbica – parênteses e grifos meus).

Para ser *qualquer coisa mesmo*, seja homo, bi ou heterossexual, é preciso ter isso bem definido na cabeça e aqui os essencialismos aparecem com força: todos possuem uma essência verdadeira, algo que realmente goste e a experimentação (das garotas, no caso) é possível para que se possa ter certeza do que se gosta, ou seja, para afirmar uma possível (e desejável) heterossexualidade. O dualismo (Fausto-Sterling, 2001/2002) entre a hetero e a homossexualidade é exacerbado ao se falar sobre experiências pessoais. A sexualidade e os afetos voltam a ser verdade absoluta do eu e é a partir disso que os sujeitos se tornam inteligíveis (Foucault, 2007). Pode-se perceber que nesta cena não é possível um meio termo, ou ser *do amor* como Aline gostaria de se apresentar, e é emblemático que a citação acima seja dela. A dicotomia entre homo e heterossexualidade está bem demarcada neste contexto, considerado moderno, e reflete como as relações entre as diferentes sexualidades são tensas e contraditórias no Brasil contemporâneo.

Pode-se pensar esta dupla moralidade existente na cena como uma conquista das garotas que de alguma forma vivem sob o impacto do feminismo (Franchetto et all., 1981; Corrêa, 2001) e que reivindicam o pertencimento de seus corpos e desejos. Nesse sentido um processo de mudança social mais amplo pode ser visto numa escala micro: as meninas deste contexto são sexualmente ativas, divertem-se afetivo e sexualmente e isso é esperado ao mesmo tempo em que temos garotos que estão *nervosos*, não sabendo exatamente como lidar com essa “emancipação” sexual das garotas.

Para muitas meninas os garotos *“não sabem de nada e se passam por experientes”*, *“são autocentrados”*, *“são tapados”* para lidar com os relacionamentos. Ao mesmo tempo, quando questionados sobre o como se sentem eles dizem que estão *nervosos* e *inseguros*. Há um desencontro nas falas, esses/as jovens estão se relacionando num momento de transformações sociais e não sabem como agir, nem qual o papel que lhes é esperado. As meninas parecem ser muito mais seguras, mas isso não quer dizer que certos estereótipos de gênero machistas não circulem por este cenário.

A feminilidade e a masculinidade aparecem como importantes eixos diferenciadores: é necessário uma boa performance dentro do gênero que se quer transmitir para os outros, independente da forma como se vivencie a sexualidade. Os meninos gays entrevistados estão em busca de garotos "masculinos", os meninos heterossexuais, a menina lésbica e a bissexual (Aline e Adriana) querem garotas "femininas"; e as garotas heterossexuais e a bissexual buscam garotos viris, porém com alguns traços mais *sensíveis* (*"não podem ser aqueles toscos, bombados..."*). Pelos dados coletados na etnografia e nas entrevistas, os garotos heterossexuais ainda não conseguem chegar neste "meio termo" que as garotas buscam.

Num contexto como o pesquisado, no qual apesar das tensões existentes, o encontro e a possível convivência entre hetero e homossexuais é um fato, de modo que a heterossexualidade não pode mais ser vista como o grande pressuposto (Weeks, 2000), ainda mais nesta cena onde o modo de se vestir (a apresentação pessoal) não se diferencia de acordo com a sexualidade do sujeito. A linha que determina em qual categoria classificatória o sujeito será inserido é muito tênue. Neste sentido há dificuldades em *identificar* gays e lésbicas nos ambientes de sociabilidade.

Grande parte dos/as entrevistados/as disse que é muito mais fácil identificar gays do que lésbicas, pois as garotas seriam mais discretas. Aline (que se apresenta enquanto lésbica) é a única entrevistada que afirma saber identificar uma garota homossexual. As *técnicas do olhar* são bastante citadas pelos/as entrevistados/as homossexuais para *sacar* se um garoto é gay ou uma menina é lésbica: normalmente ele/ela olha para os outros garotos/as do local, desviando seu olhar das meninas/os... Olha para as laterais, de forma enigmática a procura de possíveis parceiros/as. É uma paquera que, pelo menos até a primeira aproximação, ocorre de forma mais discreta. Neste ambiente onde todos/as podem parecer (na maneira de se vestir) homossexuais sem necessariamente serem, o olhar surge como uma importante ferramenta de aproximação e reconhecimento.

Já os/as outros/as entrevistados/as consideram o *jeito do corpo* (Oliveira, 2006) como um importante fator de diferenciação entre homo e heterossexuais: a forma de gesticular e interagir, a atitude e a voz podem "entregar" um garoto homossexual, mas é importante frisar que para isso é necessário algum tempo de observação, uma vez que somente o vestuário não é mais suficiente para se classificar alguém. Aqui, os elementos

da corporalidade e a generificação dos gestos são utilizados para produzir diferenças, definindo os locais sociais nos quais os sujeitos serão inseridos.

O jeito, o modo de dançar, de olhar podem dar pistas sobre a "feminilidade" de determinado rapaz. A partir de determinadas característica os/as entrevistados/as classificam-no como gay. A performance realizada é muito importante neste contexto interacional, uma vez que determinados indícios são fundamentais para o estabelecimento (ou não) de uma relação de afinidade ou de diferenciação. Desse modo o corpo aparece como alvo de intensa atenção e escrutínio. A sexualidade, neste primeiro contato entre os sujeitos, não pode ser vista enquanto uma qualidade (uma vez que ninguém, ainda, sabe ao certo as preferências afetivo/sexuais do outro), mas sim como uma ação permanente de qualificação, uma constante diferenciação.

Já as meninas seriam mais *discretas*. Todos/as os/as entrevistados/as, com exceção de Aline, sentem dificuldades em saber sobre as preferências afetivo-sexuais de uma garota. Nesta cena as meninas que têm algum tipo de relação afetivo/sexual (sejam apenas beijos ou até mesmo relações sexuais) com outras garotas são "femininas" e vaidosas e há uma grande cobrança pela aparência "feminina" entre as parceiras. O estereótipo da *caminhoneira* foi extremamente rechaçado e durante a pesquisa etnográfica vi poucas meninas com aparência mais "masculinizada", sendo que todas elas já chegaram à *Funhouse* acompanhadas por parceiras que também fugiam do estilo predominante na casa noturna, seja nas roupas, nos cabelos ou no "jeito".

Como já salientado, neste trabalho utilizo as reflexões de Butler (1999; 2010) como referência teórica no que diz respeito às performances de gênero realizadas pelos sujeitos: aqui gênero é entendido como a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir aparência de uma substância, de uma classe natural do ser. Fronteiras de gênero e sexualidade são construídas simultaneamente (embora em alguns casos certas características fiquem mais evidenciadas) através das performances dos sujeitos. Tais performances são utilizadas ao mesmo tempo para criar e reiterar o gênero e para classificar a si e aos outros, criando diferenciações, aproximações e afastamentos.

A dificuldade em se reconhecer as preferências afetivo-sexuais das outras pessoas neste contexto traz mais uma insegurança principalmente para os garotos: o medo de ser tido como gay, uma vez que num primeiro momento não há diferenciação entre heteros e homossexuais. Neste sentido, embora haja a convivência entre as diferenças, todos os esforços são realizados a fim de se manter dentro de uma leitura adequada, ou seja, na heteronormatividade. Mesmo neste contexto, tido como *jovem*, *moderno* e *descolado*, não há um livre exercício da sexualidade. Ela está sempre condicionada por constrangimentos e demarcações sociais e culturais.

A *convivência* entre as diferentes formas de vivenciar a sexualidade de fato existe e é uma categoria importante nesta cena, uma vez que é muito utilizada para demonstrar o quanto *modernos* e *alternativos* são os sujeitos inseridos neste contexto (principalmente se heterossexuais), porém mais uma vez venho destacar que essa convivência não impede que existam tensões e *zoações* de todo tipo contra gays e lésbicas. Gabriel pode ser utilizado como exemplo: ele tem um amigo que é assumidamente gay, isso não impede que saiam juntos, mas este amigo sempre é motivo de zoação na turma: *"(...) a gente zoa demais ele!!! Chama de borra linguiça, caga grosso, morde fronha, entre outros..."*.

A única entrevistada para qual a categoria que utiliza a fim de se apresentar quanto à sua sexualidade influencia nos lugares em que frequenta é Amanda:

> "Nos lugares sim! Até porque hoje em dia... Antigamente quando se falava em gay todo mundo pensava em homem com homem... Hoje em dia não, tem mulher... Então se você for numa balada GLS você pode ficar esperando que vai chegar uma mulher em você, e isso não é uma coisa que eu procuro, então eu não vou nessa balada... Não é uma coisa que eu vou curtir... Ficar a noite inteira.. Sei lá... Com uma mulher olhando pra você... Pra mim é uma coisa que não vai ser correspondido, então não tem porque ir...".

Quanto ao número de parceiros/as sexuais, a metade deles/as teve até cinco parceiros/as (Leandro e Andressa tiveram um; Amanda teve dois; Marina e Aline tiveram cinco [Aline teve três homens – sempre em situações nas quais estava muito bêbada – e duas mulheres]). Manuela e Marcos tiveram em torno de dez. Antônio já

teve em torno de setenta parceiros devido sua frequência à sauna. Caetano contabiliza cerca de 60 homens (por sua frequência na noite gay paulistana) e 30 mulheres.

Gabriel teve em torno de 30 parceiras, aqui é interessante destacar que ele destoa bastante do resto do grupo heterossexual: foi o que teve mais namoradas, e quando fala sobre suas experiências com elas, coloca-as enquanto sujeitos "passivos" em suas histórias. Como exemplo podemos citar o caso de uma ex-namorada, Daniela: eles namoraram na época da escola e por ela ser evangélica não tiveram nenhum tipo de *pegação* mais forte, entretanto eles voltaram a se encontrar pouco tempo antes da realização da entrevista e dessa vez ela chegou a ficar sem algumas peças de roupa, embora não tenham transado. Ao contar esse episódio, Gabriel enfatiza que apesar de ela ainda ser a mesma pessoa, ele não era mais o *bocó* dos tempos de escola e foi mais *esperto* desta vez, conseguindo tirar algumas peças de roupa da moça. De acordo com sua versão dos fatos, Daniela não teve qualquer tipo de protagonismo no ocorrido, sendo apenas sujeitada e não sujeito da situação. Aqui estereótipos de gênero tradicionais voltam com força: mulheres não possuem autonomia sobre seus corpos e seus desejos não são legitimados. Tudo se passa a partir da vontade masculina.

André, que tenta de todas as formas se inserir neste circuito, também se utiliza de alguns estereótipos de gênero que num primeiro momento podem parecer incompatíveis com a condição de *modernos* com a qual este grupo se identifica: comentando sobre meninas que bebem e ficam *soltinhas*, ele lembra um episódio no qual estava numa festa em um apartamento e viu um rapaz levar uma menina para o quarto, algum tempo depois viu a mesma garota entrar no quarto com outro rapaz. A partir disso, sentencia: *"(...) as meninas daqui (Rua Augusta) são* <u>*mega piores*</u> *do que as de Guarulhos (cidade onde mora)"*. Para André, ser *mega pior* é ter controle sobre seu corpo e vivenciar sua sexualidade e desejos livremente. As meninas de Guarulhos seriam mais *recatadas* e, portanto *melhores*. Estes dois relatos nos lembram sobre a persistência de determinadas atitudes e estereótipos de gênero tradicionais, ou seja, machistas, mesmo entre os mais jovens e a importância de iniciativas como a Marcha das Vadias[79]. Esses relatos também nos dão pistas acerca dos limites da liberdade de

[79] A Marcha das Vadias ocorre anualmente em várias cidades brasileiras. O estopim para essas manifestações aconteceu em janeiro de 2011, quando um policial falou às jovens da Universidade de Toronto, no Canadá, que estavam amedrontadas por uma onda de violência sexual que tomava o campus. Em seu discurso, ele pediu que "as mulheres evitem se vestir como vadias" para que não sejam

experimentação afetivo/sexual das garotas nesta cena. Não é a toa que a ingestão de bebidas alcoólicas está sempre presente nos relatos das meninas e que os mesmos digam respeito a experiências com outras garotas; a quantidade de meninos com que se poderia ficar num curto espaço de tempo (uma noite, ou uma semana, por exemplo) não ganhou destaque em nenhuma entrevista.

2.1 O meu sexo e o seu sexo

Outra pergunta feita nas entrevistas foi sobre em que momento os/as jovens acham que começa uma relação sexual e qual a seria a diferença entre isso e um *amasso* mais forte. É interessante ver o contraste nas respostas de acordo com o gênero e com a orientação sexual: todos os meninos heterossexuais e Andressa responderam que só pode ser considerado sexo se houver penetração[80]; já as meninas heterossexuais mais Adriana (bissexual) consideram a presença ou não de roupas uma questão muito importante; e Aline, Antônio e Caetano, ou seja, os três homossexuais, acham que uma relação sexual começa nas preliminares, onde os beijos e a *intimidade* são tão importantes quanto o ato em si.

> "As pessoas associam o sexo só à penetração, pra mim não... Gosto muito da parte do beijo, se é um beijo longo, prolongado, que eu começo a sentir alguma coisa, pra mim já começa... Só penetração pra mim não é sexo, é só penetração!" (Entrevista com Antônio, 24 anos, gay).

As roupas são consideradas muito importantes para as garotas, pois enquanto elas estão presentes ainda é possível, caso queira, desistir: falar que não quer, inventar

---

vítimas de estupro. No dia 3 de abril daquele ano, três mil pessoas tomaram as ruas de Toronto, num protesto batizado como *SlutWalk*. Várias manifestações ocorreram pelo mundo e no Brasil ficou conhecido como Marcha das Vadias. A ideia é ressignificar o uso desta expressão que é utilizada de forma pejorativa. Segundo uma das organizadoras do evento em São Paulo: "Quando o senso comum diz que as mulheres são estupradas porque usam roupas consideradas "provocantes", diz, nas entrelinhas, que os homens são incapazes de se controlar, que todo homem é um potencial estuprador. A Marcha das Vadias de São Paulo luta para derrubar esse pensamento que tolhe a liberdade das mulheres. Defende que atender a seus próprios desejos, independentemente do julgamento alheio, é uma demonstração de liberdade e autonomia". Disponível em: http://revistatpm.uol.com.br/so-no-site/vai-la/marcha-das-vadias-2013.html. Acesso em 25/05/2013.

[80] Pode-se perceber, neste caso, a centralidade da penetração vaginal como técnica definidora da heterossexualidade.

que está menstruada, que precisa ir embora, ou qualquer outra desculpa. Ao tirar qualquer peça de roupa, isso já não poderia mais acontecer uma vez que teria se passado para outro estágio da *pegação*, do qual não é mais possível voltar atrás. A relação sexual é entendida neste contexto como um acontecimento que engloba diversas "fases": a aproximação, os primeiros beijos e carícias, a *pegação* mais forte, a retirada das peças de roupas e a penetração em si[81]. É claro que essas "fases" são contínuas e é difícil precisar onde termina uma e começa a outra.

Para este grupo, as relações sexuais tendem a acontecer com pessoas já conhecidas. Não é necessário estar num relacionamento *sério*, mas é preciso que se tenha alguma "referência" sobre o/a parceiro/a: normalmente se fica e se transa com amigos/as de amigos/as, ou pelo menos conhecidos/as. As meninas, embora bastante liberadas sexualmente, não transam no *primeiro encontro* ou *ficada* e isso acontece por questões de segurança: é preciso minimamente saber com quem se irá dividir momentos de intimidade e a sós (mesmo que a pessoa seja amigo/a de amigos/as), pois *"o mundo está cheio de loucos... Não se pode bobear"*. Pode-se falar a mesma coisa em relação aos meninos heterossexuais, com exceção de Gabriel, que durante a entrevista me contou diversas situações em que transou com meninas que acabara de conhecer na balada, enfatizando que muitas vezes o ato sexual aconteceu no banheiro da casa noturna em questão.

Também relacionado às relações sexuais, perguntei que tipo de prática ou comportamento que eles/elas não acham legal numa transa, ou seja o que seria o "mau" sexo. Todas as meninas (inclusive Aline [lésbica] e Adriana [bissexual]) repudiam o sexo anal, a única exceção mais uma vez é Andressa, que também foi a única garota a considerar que a relação sexual só começa com a penetração.

> "Sexo anal é um negócio muito x, nada a ver... Eu não faria... Deve doer horrores... O ânus não é um lugar para se fazer... É um lugar nojento... Não sei... Eu falaria para o cara arranjar outra ou outro, sei lá, né..." (Entrevista com Amanda, 20 anos, heterossexual).

[81] Não pretendo com isso afirmar que toda relação sexual deve, obrigatoriamente, envolver penetração. E por penetração não entendo apenas a introdução do pênis em algum orifício corporal. Os dedos, ou qualquer outro objeto que se queira, podem ser utilizados para tal fim.

> "Ah, sei lá... Eu acho que eu não faria sexo anal... Porque sei lá... Eu não gosto nem de cagar, entende? Eu não acho legal.... Não!!! Não é legal... Eu penso: 'pega um cara', sabe? Tanta bicha que ficaria tão feliz... Não!!! Eu acho que esses negócios de bater eu também não gosto... Eu me considero bem clássica nesse sentido... Esses negócios hardcore eu não acho legal... Ficar xingando também eu não acho legal..." (Entrevista com Manuela, 22 anos, heterossexual).

André, Manuela, Andressa e Caetano também comentaram práticas que incitam dor como algo em que não se sentiriam a vontade; Antônio e Andressa citaram práticas que utilizem excreções e secreções corporais; Gabriel comentou sobre práticas nas quais se utilizem produtos, como hidratantes ou leite condensado, pelo corpo e; Antônio e Caetano também citaram o sexo oral.

> "Não gosto muito de sexo oral... Não é que eu não gosto, é que as pessoas não sabem fazer... De todos os caras que já tive, quase nenhum deles... Parece que tá fazendo forçado... Não sei... As pessoas têm muita pressa, acabam fazendo muito rápido... São agressivas... As pessoas são muito apressadas, querem ter orgasmo logo... O objetivo das pessoas é só o orgasmo... Eu acho que não, o orgasmo é o fim... Espera que uma hora chega... Não precisa dessa pressa... Fetiches muito malucos, que envolvem higiene não é comigo... golden shower[82], banho negro[83]... Não!!! (Entrevista com Antônio, 24 anos, gay).

Chama atenção, entre as garotas, a quase unanimidade em relação a repulsa ao sexo anal, mesmo considerando Aline (que se apresenta enquanto lésbica) e Adriana (bissexual)[84]. É importante destacar também que nenhum garoto heterossexual confirmou já ter realizado tal prática, embora alguns admitam que seja fantasia da maioria dos homens, porém não deles próprios. Pode-se pensar, mais uma vez, em estratégias de diferenciação necessárias nesta cena que se diz mista (Meccia, 2011): para se criar uma barreira entre gays e heterossexuais, as garotas não admitem este tipo

[82] Utilização de urina na prática sexual.
[83] Utilização de fezes na prática sexual.
[84] Os dados encontrados nesta pesquisa destoam dos dados encontrados na pesquisa GRAVAD (2006): lá 61% dos garotos e 25% das garotas disseram já ter experimentado tal prática. Tem-se como pressuposto que no Brasil declarar a prática do sexo anal integra o imaginário de masculinidade, porém isso não ocorre na cena pesquisada. Aqui se pode pensar numa interdição do ânus (Perlongher, 2008).

de desejo. Além de "testar" o parceiro, no caso das heterossexuais, esse discurso pode servir enquanto estratégia retórica para também se afirmar enquanto *hetero mesmo*. No caso de Aline e Adriana, que têm práticas sexuais não heterossexuais, pode-se pensar a respeito de determinados repertórios sexuais que seriam legítimos apenas em determinadas parcerias (algo parecido com a lógica das garotas heterossexuais), de modo que o sexo anal de fato seria uma prática *homossexual masculina*, assim não cabendo em suas próprias relações.

A partir dessas constatações pode-se destacar as contribuições de Mary Douglas (1976). Para a autora, a ordem social é mantida graças aos perigos que ameaçam os transgressores. Aqui, o perigo encontra-se na extrapolação do repertório sexual estabelecido para cada tipo de parceria: a mistura de práticas sexuais pode ser poluidora uma vez que as diferenciações utilizadas no sistema classificatório vigente seriam borradas. "A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a não fazemos um gesto negativo, ao contrário, esforçamo-nos positivamente para organizar nosso meio" (Douglas, 1976, p.14). As "identidades" sexuais, nesta cena, estão misturadas (ou seja, de certa forma em desordem) nos ambientes de lazer, porém para que alguma ordem classificatória seja preservada, é necessário estabelecer limites bem definidos entre o que é ser heterossexual, bissexual e homossexual e aqui as práticas sexuais têm um papel fundamental. Gayle Rubin (1998) analisa as disputas da política sexual enquanto um campo com imenso peso simbólico devido à necessidade de se desenhar e manter uma linha imaginária entre o "bom" sexo e o "mau" sexo. O "bom" sexo seria o heterossexual com penetração vaginal, monogâmico, sem o uso de acessórios, o chamado sexo "baunilha". Já o "mau" sexo pode incluir o sexo homossexual (para os heterossexuais), com penetração anal, que se utiliza de acessórios, com práticas não convencionais. Essas classificações variam de acordo com o lugar social ocupado por cada sujeito, porém estão sempre dentro de um sistema hierárquico. É muito interessante notar esta "contradição" da cena *moderna*: estamos todos juntos, porém bem separados.

***

Neste capítulo utilizei a sexualidade como linguagem (ou mola propulsora) para falar de sobre as moralidades presentes neste contexto e a forma como as diferenciações são construídas e colocadas em discurso pelos/as sujeitos/as. Nesta cena, a sexualidade

aparece enquanto local onde algum tipo de experimentação é permitida (sobretudo para as garotas) e a afetividade surge como a esfera onde se pode descobrir o que se é *mesmo*, ou seja, onde uma possível "identidade", essencializada nestes discursos, é vivenciada.

A seguir continuarei falando de diferenças, porém a partir do estilo dos/as frequentadores/as da Delicious e da constituição de parcerias afetivo/sexuais.

Capítulo 3: Produzindo desejos e diferenças

O objetivo deste capítulo é tentar compreender a articulação entre o estilo dos/as frequentadores/as da *Delicious* e os marcadores sociais da diferença, na construção de sujeitos desejáveis (ou não) e o modo como essa articulação é utilizada na criação de diferenças e discursos de pertencimento a determinada cena, no caso o *indie rock*. Assim como no capítulo anterior, aqui me valerei principalmente das entrevistas realizadas, mas anotações do caderno de campo, assim como a observação do estilo do/a jovem no nosso encontro para a realização da entrevista também serão levados em conta. Além disso, também me utilizei de pesquisa em sites e blogs que são acessados por estes/as jovens a fim de complementar meu entendimento acerca do estilo valorizado nesta cena.

3.1 Estilo:

Como já salientei anteriormente, o público da festa *Delicious*, em sua maioria, é bastante parecido entre si no que diz respeito ao estilo, através do qual se estabelecem critérios que delimitam seus contornos, ou seja, quem está ou não dentro de determinada "tribo", no caso, *indie*/*modernos/ alternativos.* Sendo, assim, mais uma vez produzidas diferenciações e deslocamentos (França, 2010).

Considero o estilo não enquanto "estilo de vida", mas sim como um grupo de referências estéticas e um capital cultural compartilhados que possibilite que alguns sujeitos encontrem elementos identitários que os façam se verem como parecidos e/ou tendo algo em comum. Hebdige (1979) traz uma boa reflexão acerca da questão do estilo nas culturas "subalternas". Seu foco está na intersecção entre classe, raça e estilo nas culturas juvenis urbanas das décadas de 1960 e 1970, e para tanto leva em consideração o contexto geral nos quais estes estilos emergem, considerando-os enquanto possibilidades de subversão de certos padrões de classe e geração, entre outros. Também utilizo as ideias de Abramo (1994) para quem o estilo não é uma representação do/a jovem que o exibe, ou do seu modo de vida, mas sim das ideias que ele/a quer expressar. O estilo aqui é visto como um espetáculo, como forma de "dar-se a ver" (Facchini, 2011), entretanto

> *"os estilos não são produzidos por sujeitos pré-dados que agem de forma inteiramente consciente em relação aos efeitos a serem provocados pelas mensagens comunicadas por dada composição de*

> *aparência, atitude e música, mas que os sujeitos são constituídos no processo de citar e deslocar, e isso pode se dar também no processo de composição ou de encenação de determinado(s) estilos(s)"* (Facchini, 2008, p. 107).

Os/as entrevistados/as consideram o público da *Funhouse*, e especialmente o da festa *Delicious* como *alternativos* e *modernos*. Ser alternativo nesta cena é gostar de *indie rock* e se vestir como tal: camiseta de banda, calça *skinny*, camisa xadrez, jaqueta de couro... A relação do estilo com a classe social fica clara na fala de Antonio: *"(...) é um público que tem dinheiro para comprar coisas legais... Não precisa ficar pechinchando horrores. É uma classe média que tem seus privilégios"*.

Os sujeitos tendem a se fixarem em certos lugares de acordo com uma ideia de pertencimento e adequação ao ambiente (França, 2010), de modo que os locais que frequentam passam a ser – na maioria das vezes – espelhos do modo como se veem, e onde os estilos são atualizados.

> "Eu acho o estilo dos frequentadores da Funhouse bacana, eles são mais alternativos, e eu acho que me encaixo... Porque é meio foda falar isso, mas quando você vai nos lugares você julga as pessoas pela aparência, pelo o que ela parece ser, pelo o que ela veste... Então lá é o lugar onde me identifico mais de chegar em alguém e conversar, porque eu sei que fatalmente ela vai gostar de algumas coisas que eu gosto, o que pode não acontecer em outro lugar, por exemplo numa balada sertaneja... Então nas baladas aqui da Augusta é que estão os tipos de pessoas que estão muito perto do que eu sou, mesmo sem conhecer, você olha para pessoa e sabe..." (Entrevista com Leandro, 22 anos, não utiliza nenhuma categoria para se identificar).

Indie, *alternativo*, *moderno* são categorias recorrentes nesses discursos. O moderno/alternativo tem ganhado espaço na mídia segmentada para definir, de modo bastante abrangente, um tipo de público atualizado no que diz respeito às referências internacionais de moda e estilo, que procura escapar do visual considerado *mainstream* ou muito comum ou pop, que circula bastante pela vida noturna da cidade e muitas vezes têm profissões liberais ou de horário flexível (França, 2010).

Para falar sobre seu próprio estilo, os/as jovens utilizam-se das mesmas categorias. O discurso sobre si é uma construção que busca afirmar o quão *alternativo/a*, *moderno/a* e *descolado/a* se é.

> "(...) Eu tento me vestir num estilo mais rockzinho e alternativo... jaqueta de couro, meia calça com bota, short curto, saia curta, vestidos curtos, coisas de cintura alta... Eu gosto muito de variar na meia calça, com cores, listras, bolinhas... Eu não sou de usar roupas largas, normalmente são justas, mas nada muito 'vulgar', mesmo porque eu nem tenho um corpo para ser muito mostrado... Eu não tenho peito, nem nada, não uso muito decote..." (Entrevista com Adriana, 22 anos, bissexual).

> "Ah, não sei acho que me visto mais como esses caras meio alternativos, descolados... Eu gosto de usar umas calças skinny, umas camisetas de bandas, umas camisetas com umas estampas meio diferentes e tal..." (Entrevista com Marcos, 21 anos, heterossexual).

O *indie rock* está em todas as entrevistas como algo em torno do qual o estilo desses jovens é composto. O modelo de beleza e estilo é o londrino: o preto é a cor predominante e no inverno vê-se muitas jaquetas de couro. O xadrez é a padronagem preferida. "Ser alternativo", conhecer muitas bandas novas e estar por dentro das tendências é muito valorizado nesta cena. O estilo é utilizado por estes/as jovens como uma ferramenta a partir da qual podem obter reconhecimento do outro através de uma comunicação sobre si.

A maioria deles/as pesquisa, nem que seja um pouco, novidades de moda, música e comportamento na internet. Seus discursos sobre estilo são uma forma de se diferenciarem de outros jovens, e o receio da transformação do seu estilo em moda (Abramo, 1994), com a possível diluição do seu propósito expressivo é claramente percebido quando falam sobre a *camisa xadrez*, elemento muito importante na indumentária *indie* e que atualmente é bastante utilizada por jovens que gostam de sertanejo universitário. Para exemplificar podemos citar a fala de Amanda e Leandro:

> "(...) E os caras que vão com aquelas camisetas estilo xadrez, que é uma camisa que o Kurt (Cobain – vocalista da banda Nirvana, que se

suicidou em 1994) nunca usaria nessa vida... Que é uma camisa... O Kurt usa uma camisa xadrez surrada, que não tem marca nenhuma (...). Meu, eu usava xadrez mil anos antes de estar na moda... E essa galera: 'ah, minha camisa xadrez é novinha, eu tenho dez camisas xadrez que custam R$100,00 cada uma e eu vou no Mackbixo (festa da Universidade Mackenzie)'... Tipo aquela menina (aponta uma menina que está em outra mesa), tem camisa xadrez, mas tá de chapinha no cabelo! Eu uso uma coisa um pouco mais larga... Para usar uma camiseta por baixo... Não uma blusa agarrada... É bem diferente...” (Entrevista com Ana, 20 anos, heterossexual - parênteses meus).

“O xadrez da Funhouse é uma coisa mais largada, uma camisa aberta, por cima de outra camiseta mais legal, com a estampa de um filme cult ou de uma banda que ninguém conheça, só eu conheço e só eu tenho a camiseta.... A coisa mais sertaneja é aquela coisa mais abotoadinha, por dentro da calça...” (Entrevista com Leandro, 22 anos, não utiliza nenhuma categoria de identidade).

Pode-se notar que a marcação da diferença é um elemento fundamental em qualquer processo classificatório. O conceito de diferença se refere a variedade de maneiras como os discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e resignificados (Brah, 2006). E o mercado pode tanto ajudar a reforçá-la, através de certos bens de consumo como também pode fazer com que certos objetos, antes restritos a determinados cenas, cruzem as fronteiras e virem “moda” como é o caso da camisa xadrez.

Foto 12: Tumblr no qual as fotos postadas ironizam o uso da camisa xadrez, através da comparação entre o indie e o sertanejo.

Da mesma forma que o discurso sobre si cria fronteiras de pertencimento, o discurso sobre os outros as confirmam. Com esse propósito questionei os/as entrevistados/as sobre qual seria o estilo com o qual eles/as não se identificam, e praticamente todos/as passearam entre funk, pagode, sertanejo e axé. Esses estilos representam aquilo que estes/as jovens querem se distanciar, *"(...) tudo neles é zoado! Roupa, música... Tudo!"* (Leandro, 22 anos).

Se por um lado, nestes discursos de diferenciação e acusação pode-se ver certos estereótipos[85], por outro lado há dois entrevistados (Marcos e Andressa) que argumentam no sentido de que até podem não gostar da música, mas respeitam as escolhas individuais de cada um. Para eles esses rótulos dificultam a vida de todos, pois é preciso sempre se policiar para não parecer com algo ou alguém que não seja moderno e descolado.

> "As pessoas às vezes colocam muitas regras para viver... Se eu fizer isso eu vou ser coxinha[86], se eu fizer isso eu vou parecer pobre, se eu fizer isso vou parecer gay... Tem que viver do jeito que você se sente e pronto!" (Entrevista com Marcos, 21 anos, heterossexual).

Identificar-se com determinado estilo e manter-se nele requer atualização e investimento pessoal. Nesta cena a internet é muito usada seja para descobrir novas bandas, tendências de moda, novidades no mundo da arte, design e comportamento. A influência da internet é tamanha que alguns dos/as entrevistados/as possuem projetos na rede. Como exemplo, podemos citar o site Azedume, que reúne notícias sobre música, moda, design, fotografia, tatuagem, ilustração, cinema, etc. e o portal *Be Style*, que conta com as seguintes editorias: *cult*, *geek*, *life*, pop, *style* e *be there*.

---

[85] Os estereótipos são atos redutores que marcam geralmente uma marginalização no outro estereotipado. Eles evidenciam concepções hegemônicas e sua lógica reducionista se constitui enquanto um efeito de poder (Barbosa, 2010).

[86] Coxinha é um termo muito usado em São Paulo, de forma pejorativa, para designar o sujeito "engomadinho", que usa camisa polo, mora em bairros nobres, vai a lugares caros, é conservador e favor da "moral e dos bons costumes". A palavra também é usada para definir a pessoa que não se preocupa com causas públicas, de modo que apenas seu bem estar e de pessoas próximas é levado em conta. O termo também é utilizado para se referir, também de forma pejorativa, a policiais, uma vez que estes sempre chegariam nas padarias pedindo uma coxinha para comer.

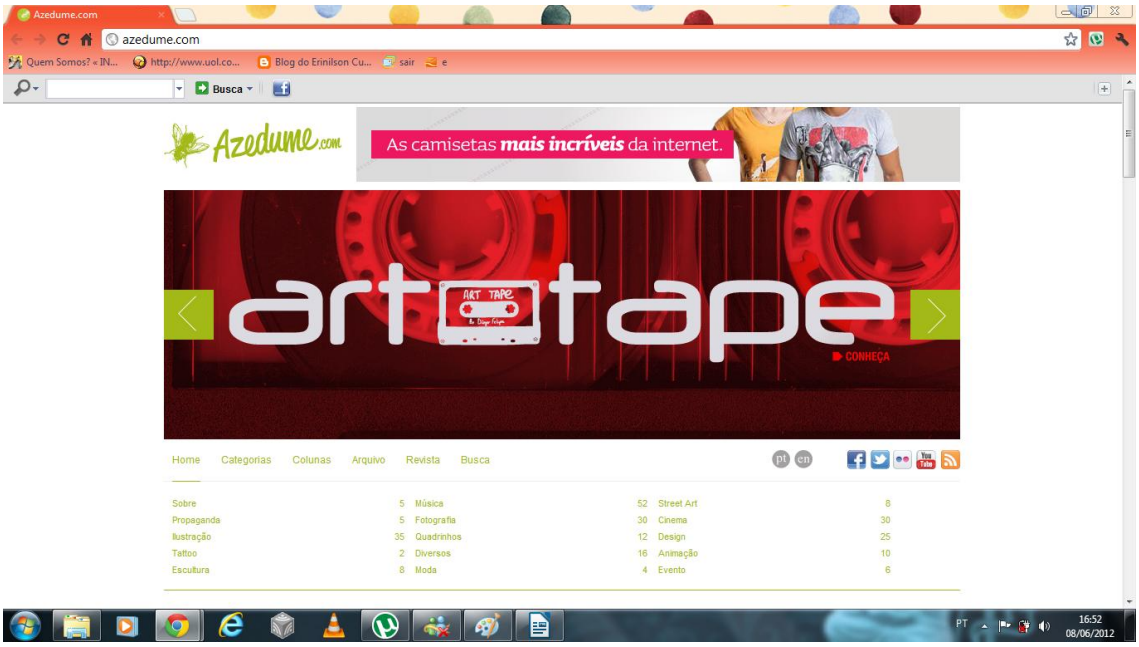


Foto 13: Layout do site Azedume.

Foto 14: Layout do Portal Be Style.

Além de sites e projetos na internet dos/as próprios/as entrevistados/as, há uma infinidade de sites sobre estilo, música, moda e arte que os/as jovens dessa cena acessam. A internet aparece como um grande disseminador de notícias e tendências, de modo que poderia se pensar que a cultura *alternativa* estaria ao alcance de todos, como argumenta Ricardo Lemke,

> "O público alternativo, que a gente começou a festa (Delicious) e tudo, basicamente não existe mais... É muito difícil você encontrar pessoas que ouçam coisas realmente alternativas, até mesmo porque hoje a internet globalizou muito... As coisas não são mais tão alternativas... É muito fácil você ouvir uma banda que tá acabando de produzir uma coisa na Escócia ou na Irlanda e de repente em alguns dias eles conseguem estar nas rádios... Então o alternativo já não é uma coisa tão restrita... Já tem muita gente que gosta do som alternativo e gosta do som pop... É muito a realidade hoje em dia..." (parênteses meus).

Entretanto por mais que a internet dê a possibilidade de acesso a bandas e novidades *alternativas*, não se pode esquecer-se da importância de um certo capital cultural para pesquisa, manejo e seleção das informações (Featherstone, 1995).

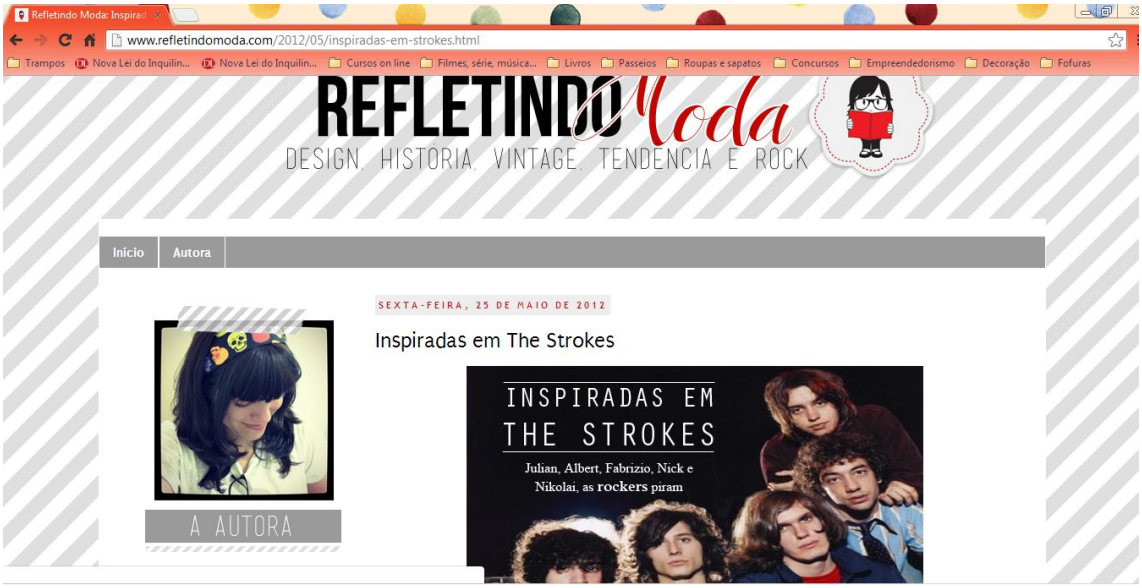


Foto 15: Blog acessado por algumas informantes, traz dicas de moda inspiradas em bandas famosas nesta cena.

A maioria de meus/minhas interlocutores/as fazem (ou fizeram) cursos ligados à arte e à comunicação. Assim, grande parte das garotas de alguma forma pesquisa sobre moda na internet, principalmente através de sites e blogs estrangeiros de *street fashion*, uma vez que procuram saber sobre as tendências *antes* que elas cheguem no Brasil. Entretanto, apenas Aline disse que usa essas tendências, as outras garotas pesquisam, mas incorporam as tendências quando elas estão *começando* a se disseminar. O começando é importante, pois elas ainda não estão massificadas.

Caetano e Antonio gostam de moda, mas ao invés da internet, pesquisam referências nas ruas. Ambos salientaram o quanto andam atentos ao estilo das pessoas e como compõem seu próprio estilo a partir de dessas observações.

Juntamente com a moda vem o discurso acerca das marcas, que embora não apareçam como decisivas para aquisição de determinado produto, tem um peso considerável. A loja Zara[87] aparece em várias falas, como uma referência muito importante nesta cena, uma vez que as tendências da moda internacional chegariam primeiro nesta loja. Ao lado de marcas mais caras, temos as chamadas *fast fashion* (como C&A, Renner, etc) e os brechós como locais para compra de roupas e acessórios. Antonio problematiza a questão dos brechós, uma vez que neste contexto eles têm um significado simbólico forte, pois é considerado *alternativo* e *descolad*o comprar roupas nestes estabelecimentos, uma vez que nestes ambientes é necessário *garimpar*, mas podem-se fazer excelentes aquisições, de *peças diferentes*, possibilitando a construção de um *estilo único*:

> "Eu gostava de brechó, mas hoje em dia brechó não é mais o lugar para comprar roupa barata... É status! É caro! Você vai pagar R$300,00 numa calça de brechó? Você compra na loja! Não faz sentido! Hoje brechó é sinônimo de chique também, então as pessoas deixam as coisas caras... Dá status! Brechó dá status! Mas eu achava mais bacana, hoje está mais difícil comprar em brechó... Acho que é aquela coisa, a peça é exclusiva, então tem que pagar bem caro... Mas é uma peça que já foi vendida pela indústria, então não é exclusiva!!!"

Gabriel aparece como o único garoto heterossexual para quem as marcas de roupas e acessórios têm uma grande importância:

> "Eu sou elitista pra caralho, tipo isso é um mal que eu tenho desde pivete, eu sou muito elitista! Por exemplo, se eu tivesse R$ 30,00 e pudesse comprar cinco pares de meia normais ou um par da Nike, eu compraria o da Nike (...). Eu já colecionei perfume, o que eu gastei

[87] Rede espanhola de roupas e acessórios, que está presente em diversos países. No Brasil possui 39 lojas, e em 2011 a rede se viu envolvida numa polêmica, pois houve denúncias de que as empresas que terceirizam utilizam trabalho equivalente à escravidão. Apesar de também ser uma rede de *fast fashion*, não é considerada como tal pelas entrevistadas.

> com perfume dava para ter comprado um carro... Eu tinha muito perfume importado...”.

Aqui a função comunicativa dos bens aparece com força e a percebe-se que não é apenas a questão da utilidade de um objeto que está em jogo no ato de comprar algo; as coisas tornam-se necessárias pelas relações sociais que sustentam (Douglas; Isherwood, 2004). Assim, o consumo é um marcador de status, a partir do que também se criam distinções e pertencimentos.

Piercings, mas principalmente as tatuagens são muito valorizadas pelos/as jovens dessa cena. Muitos/as deles/as já possuem desenhos e com exceção de Aline, os/as que ainda não possuem têm planos de fazer pelo menos uma tatuagem. Os/as que já possuem algum desenho no corpo, têm no mínimo três. Caetano, por exemplo, possui dez desenhos no corpo. As tatuagens eram consideradas símbolos das classes marginais. Marinheiros, prisioneiros e soldados de guerra voltavam para casa com desenhos impressos na pele. No caso dos prisioneiros, as tatuagens simbolizavam o crime cometido e o tempo de prisão (Leitão, 2004). Entretanto, no Brasil, a partir da década de 1970 – sobretudo após a popularização da música “Menino do Rio” de Caetano Veloso, a qual faz uma homenagem a Petit, conhecido surfista que tinha um dragão tatuado no braço – a tatuagem começa a se distanciar das classes marginais e gradualmente torna-se símbolo de modernidade. Ainda hoje ser tatuado significa fazer parte de um grupo, mas não tem o valor pejorativo de antes e em algumas cenas ter desenhos impressos no corpo é altamente valorizado. Aqui é preciso destacar que não se trata de qualquer desenho, cada grupo tem seus próprios códigos valorativos.

Os *piercings* aparecem em lugares como mamilos ou lábios, mas são os alargadores de orelha que fazem mais sucesso. Entre as meninas, algumas já tiveram *piercing* no nariz quando eram mais novas, porém não usam mais. Ou seja, os *piercings* aparecem em locais menos convencionais.

A partir do manejo dos diversos atributos disponíveis para a construção do estilo que querem mostrar aos outros, esses/as jovens articulam diversos marcadores, tais como “raça”, classe social, idade e sexualidade, pois no momento em que o sujeito diz ser uma coisa e não outra, já está operando discursos de diferenciação.

Durante a pesquisa de campo a categoria *hipster*[88] mostrou-se importante. Nas entrevistas sempre aparecia como forma de negação, ninguém se considerava *hipster*, mas esta categoria era acionada para falar de outras pessoas, muitas vezes amigos/as, que frequentam os mesmo lugares e têm gostos bastante parecidos. Essa categoria também aparece recorrentemente nos blogs e sites acessados pelos jovens:

Foto 16: A palavra *hipster* é a mais procurada no blog *Como ser cool.*

Foto 17: No site *My Cool* é possível encontrar diversas referências ao *hipster*. Neste post vê-se o lançamento do Kit de sobrevivência para *hipsters*.

[88] A palavra hipster vem de hip, que pode ser traduzido como "inovador".

Embora seja usada como uma categoria de acusação (até mesmo entre amigos/as), o significado exato do que é ser *hipster* não está claro para ninguém da cena. É difícil encontrarmos referências sobre o que é ser *hipster*, e a maior parte do conteúdo sobre esta categoria faz parte de matérias jornalísticas ou estão disponíveis nos blogs e sites direcionados a esses/as jovens. O consenso geral é a característica principal dos *hipsters*: estar ligado nas tendências e novidades (seja de moda, música e comportamento) e demonstrar esse conhecimento. *Hipster* parece ser o sujeito moderno/alternativo ao extremo, de uma forma que chega a parecer *caricata*, considerada *fake*[89] ou forçada pelos demais. A casa noturna Glória é considerada o reduto dos *hipsters* para os/as meus/minhas interlocutores/as: os/as frequentadores/as deste espaço são considerados/as fashionistas ao extremo, de modo a deixar as outras pessoas receosas quanto seu próprio modo de vestir, daí vem os vários relatos sobre o incômodo com esta "balada". É interessante notar a lógica de pertencimento e/ou distanciamento que opera nos ambiente de sociabilidade noturna juvenil: meus/minhas interlocutores se sentem a vontade na *Funhouse* e para os/as jovens que vão à *Delicious* sem necessariamente ter o estilo dominante nesta festa, eles/elas ocupam o lugar que os/as frequentadores do Glória possuem no seu discurso.

Além das roupas, a música também exerce um grande destaque para se definir alguém enquanto *hipster*: a pesquisa de bandas novas, as quais poucas pessoas conheçam, numa tentativa de fazer parte de uma *vanguarda* musical é citada por Gabriel ao se referir a Marcos, o qual era considerado *viciado* em *MySpace*[90]. Para Gabriel esta foi uma fase *hipster* de Marcos. Entretanto, é interessante notar que enquanto Gabriel diz que Marcos teve uma fase meio *hipster*, essa é uma categoria com a qual o próprio Marcos não se identifica. Mesmo quando fala dessa sua época em que passava muito tempo no *MySpace* procurando novas bandas, sua narrativa é sobre o quanto sempre fora interessado por música.

Como já foi dito, as referências ao *hipster* é sempre uma referência ao outro e esses discursos costumam ser irônicos. Para estes/as jovens, no fundo, o *hipster* é alguém que *"não tem muita noção do ridículo"* (Marcos, 22 anos). Há um perfil no

[89] Falsa.

[90] Rede social na qual é possível compartilhar fotos, músicas e textos através do perfil do usuário. Durante algum tempo foi considerada a rede social mais popular do mundo, mas tem perdido espaço para outras plataformas, tais como o *Facebook*.

Twitter[91] chamado "Tipos de *hipster*", no qual seu/sua autor/a publica várias frases irônicas sobre o estilo:

> Em #UmMundosemHipsters, a Amelie Poulain seria interpretada pela Megan Fox.
>
> Em #UmMundoSemHipsters apenas o Popeye teria uma tatuagem de âncora.
>
> Em #UmMundosemHipsters, não existiria a profissão blogueiro/analista de social media.
>
> Em #UmMundosemHipsters, Moleskine[92] custaria o mesmo que um caderninho da Tilibra.
>
> Em #UmMundosemHipsters Starbucks custaria R$ 2,50, venderia coxinha creme e teria comercial na Alpha FM.
>
> Em #UmMundosemHipsters, cupcake ainda chamaria bebezinho.
>
> Em #UmMundosemHipsters, usar camiseta velha e furada seria coisa de mendigo.
>
> Em #UmMundoSemHipsters, as camisas xadrez iam continuar sendo só de festa junina.

A partir das entrevistas, da análise etnográfica e do acompanhamento dos perfis desses/as jovens nas redes sociais, pude perceber que todos/as têm atitudes e preferências que consideram *hipster* nos outros/as, seja o compartilhamento de uma nova banda *incrível* descoberta há pouco tempo, seja fotografias tiradas em câmera analógicas e com filtros diferentes, seja vestuário e acessórios com motivos considerados *hipsters* (tais como bigodes e triângulos, por exemplo). Ou seja, em certa

[91] Rede social que permite ao usuário enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos. Todas as atualizações devem ter no máximo 140 caracteres (os *tweets*), ou seja, é uma forma de comunicação rápida.

[92] Marca de cadernos de notas produzidos por uma empresa italiana. Umas das características que distinguem estes cadernos são cantos arredondados, uma tira de elástico para mantê-lo fechado (ou aberto em determinada página) e uma lombada costurada que permite que ela permaneça plana (a 180 graus) enquanto aberto. A Moleskine voltou à moda em nossos dias após as descrições feitas pelo escritor Bruce Chatwin dos cadernos de notas que usou.

medida, para pessoas de fora da cena (como eu) todos/as meus interlocutores poderiam ser classificados enquanto *hipsters*.

3.2 Intersecções e Tensores Libidinais

Nesta pesquisa considero as intersecções entre os diversos marcadores sociais da diferença a partir dos postulados de Anne McClintock (2003) e Avtar Brah (2006) e procuro, assim como Simões et all. (2010) refletir sobre os modos e condições em que as diferenças, que informam e constroem representações de hierarquia e discriminação, são agenciadas por determinados sujeitos em campos específicos de relações:

> *"a marcação da diferença é um componente chave em qualquer sistema classificatório. Assim pessoas, lugares, objetos e comportamentos ganham sentido – vale dizer, são socialmente produzidos – por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório. É importante distinguir entre a lógica interna que articula categorias em sistemas classificatórios e os processos de classificação propriamente ditos"* (Simões et. all.,p.40).

Ou seja, uma coisa é a estrutura desse sistema classificatório, as coisas recorrentes, e de certo modo hegemônicas; outra coisa é esse sistema classificatório em funcionamento, através das disputas dos indivíduos por legitimar seu modo de classificar. Embora seja fundamental entender a estrutura do sistema, é esta operação, através da agência dos sujeitos, que me proponho a discutir. Para tanto, é importante prestar atenção às categorias utilizadas a fim de refletir sobre possíveis mudanças e deslocamentos nos sistemas classificatórios. Não obstante, é preciso estar atento às especificidades de cada contexto, pois as relações de poder e contingências locais estão fortemente articuladas com as formas de diferenciação existentes.

Para Anne McClintock (2003) os diversos marcadores sociais da diferença (tais como gênero, sexualidade, "raça", classe e idade) são articulados, uma vez que não são campos isolados de experiência ou simplesmente justapostos. Eles existem através da relação de possuem com cada um dos outros.

A partir da pesquisa de campo e das entrevistas com os/as frequentadores/as da festa *Delicious* pode-se perceber que há vários marcadores agindo ao mesmo tempo nas relações desses/as jovens. Neste momento, gostaria de me deter sobre a questão da

“cor”/“raça”, pois há dados interessantes, para em seguida analisar como este marcador se relaciona com os outros na construção de sujeitos desejáveis (ou não). Assim como as categorias de classificação que dizem respeito à sexualidade, as categorias de “raça”/ “cor” utilizadas neste trabalho também foram autoatribuídas pelos sujeitos no momento da entrevista. Ao longo da análise estas categorias estarão grifadas com aspas. Sigo, assim como Moutinho (2004) a sugestão de Peter Fry (1996) que ressalta que a noção de “raça” e seus termos correlatos devem, como outras categorias classificatórias, ser compreendidos como construções locais, históricas e culturalmente determinadas.

Tal como Guimarães (2011) entendo que “cor”, no Brasil, é mais do que “cor” da pele. Em nossa classificação, a textura do cabelo, assim como o formato do nariz e lábios, além de traços culturais, são elementos fundamentais na definição de “cor”. Segundo este mesmo autor, o termo “cor” é o mais utilizado, e é justamente o movimento social de jovens “pretos” – sobretudo no hip hop – que buscam recuperar o termo “raça”, numa tentativa de valorização dos aspectos da cultura “negra”.

Para a análise dos dados coletado nesta pesquisa, é o fenotípico (isto é, a aparência) que me oferece um bom caminho, uma vez que são estes traços que são articulados nas falas dos/as entrevistados/as e nas observações etnográficas. Oracy Nogueira (2007) postula que no Brasil opera o preconceito de marca (em contraposição ao preconceito de origem, que seria vigente nos Estado Unidos), que se dá justamente em relação à aparência, a fisionomia e aos gestos, os quais seriam articulados para definir quem é “branco” e quem é “negro”. Porém a aparência pode ser percebida como algo dado, portanto imutável, de modo que aqui opero com a ideia de estética (Azevedo, 1975), que pode ser construída e manipulada pelos sujeitos de diferentes maneiras de modo a encobrir ou destacar determinados atributos (Simões et.all, 2010; Moutinho, 2004).

Como já comentei anteriormente os/as frequentadores/as da *Delicious* são bastante “brancos/as” e a partir das entrevistas podem-se fazer interessantes discussões: em geral, não eles/as se sentem atraídos por pessoas mais “escuras”, e os/as mais “escuros/as” já tiveram problemas em aceitar a própria “cor”,

> “Olha eu já tive há um tempo atrás um certo problema com relação a minha cor, tipo <u>uma fase meio de negação por preconceito</u>, sabe? Eu

> não sei se por causa dos outros, acho que mais por mim mesmo... Minha família tem uma coisa meio estranha com essa coisa de raça... (...) O meu pai também tem um pouco de preconceito... Quando tem uma pessoa mais branca na família, tipo a namorada do meu irmão, ele fala: 'ah, a Gabriela, tão branquinha, não sei o quê...', ou então quando tem uma pessoa mais morena ele chama de pretinho... Eu não gostava da minha cor..." (entrevista com Antônio, 24 anos, gay – grifos meus).

Assim como Antônio, André também se apresenta como "moreno", mas gostaria de ser "branco", pois acha esteticamente mais bonito. Além deles, Caetano e Marina também se consideram "morenos". Leandro é o único a utilizar a categoria "pardo" ao falar sobre si. Aline, Adriana, Gabriel, Marcos, Manuela, Andressa e Amanda se apresentam como "brancos/as", embora a última ressalte que "*fico morena quando tomo sol"*.

Gostaria de destacar o caso de Andressa: se levarmos em conta a estética, a mesma poderia ser classificada como "mulata" ou "negra", pois tem a "cor" da pele mais "escura" e cabelos bastante cacheados. Vale ressaltar que, no momento da entrevista, seu cabelo estava curto devido a prática de alisá-los com produtos químicos:

> "Eu fiquei muito tempo fazendo relaxamento e escova progressiva, mas nunca ficava do jeito que eu queria, nunca ficava legal... Aí teve uma vez que eu fiz, que parecia que tava dando certo, mas meu cabelo começou a cair... Foi horrível, eu cortei meu cabelo curtinho porque ele tava caindo... Eu fiquei muito, muito mal... E depois que ele começou a cair, tirou toda a parte da frente, mas como eu cortei bem curto não deu para perceber tanto...".

Quando eu perguntei com qual categoria se definiria no que diz respeito à "cor"/"raça", ela respondeu: *"Branca, sou branca"*[93].

Andressa frequenta regularmente a *Delicious* há pelo menos dois anos. Durante todo esse tempo nunca *ficou* com ninguém na festa e também nunca foi abordada por

[93] Também gostaria de citar este episódio do ponto de vista metodológico, pois fiquei tão surpresa com sua resposta que não consegui mais abordar diretamente o assunto "cor"/"raça" durante a entrevista. Vale a pena refletir sobre como o/a pesquisador/a também classifica e define os sujeitos de pesquisa.

nenhum garoto ou garota, tampouco abordou alguém. Num ambiente no qual a "branquitude" é bastante valorizada, Andressa não é vista enquanto uma parceira em potencial para os/as demais frequentadores/as. Sua tentativa estética de "branqueamento", através da frequência em locais "brancos", estilo de vestir parecido com os dos/as frequentadores/as destes locais, mas sobretudo o alisamento dos cabelos, não surte os efeitos esperados de torná-la um sujeito desejável.

Entre os/as entrevistados/as, apenas Leandro e Adriana já tiveram algum tipo de relacionamento afetivo/sexual com pessoas que consideram "mais escuras":

> "A cor da pele não interfere (nos relacionamentos afetivo-sexuais)... A Maria (ex-namorada) mesmo, o pai dela é um negão de 1.80m, a mãe dela é branca e ela nasceu mulata, mais puxado para o negro... A cor da pele tanto faz... Só não pode ter o cabelo muito feio, aquela chapinha mal feita..." (Entrevista com Leandro, 22 anos, não usa nenhuma categoria de identidade sexual – parênteses meus)

> "Cor da pele não tem diferença, mas eu tendo a ficar com caras mais branquinhos... Não tem diferença a priori, mas se eu for ver a maioria dos caras que eu fiquei são brancos... Fiquei pouquíssimas vezes com negros... Porque para mim é muito esse estereótipo de roqueirozinho britânico (risos)... É o tipo que me atrai mais à princípio, mas não que eu não vá me interessar por outras pessoas... Mas eu também acho lindo um cara negro com um cabelo meio black, nossa, eu acho demais, de verdade... Tem que ser estiloso, eu acho demais, eu acho incrível..." (Entrevista com Adriana, 22 anos, bissexual – grifos meus).

É importante ressaltar que embora já tenham tido experiências com pessoas as quais consideram "negras", o cabelo aparece como uma característica importante para despertar o interesse: para Leandro a menina não pode ter o cabelo *"muito feio, aquela chapinha mal feita..."*, Maria, a ex-namorada que ele cita neste trecho da entrevista tinha o cabelo *black*. Adriana também acha bonito o cabelo *black power*. Do mesmo modo que nesta cena; o cabelo aparece como um fator fundamental em diversos outros trabalhos (Fry [2002], Moutinho [2004], Simões et all. [2010], Perilo [2012]), nos mais variados contextos, quando falamos sobre "cor"/"raça". Entretanto, há importantes

diferenciações: enquanto os/as frequentadores/as da Delicious preferem cabelos *black power* – mais comuns numa juventude de classe média, que visa através de sua atitude e estilo afirmar uma identidade "negra" positivada – os jovens que frequentam a casa noturna Sambarylove (Simões et all, 2010), por exemplo, preferem meninas que tenham "cabelo bom", ou seja, alisados. E as próprias meninas também valorizam o cabelo que passou por métodos químicos de alisamento. Os adjetivos utilizados para definir os tipos de cabelo dizem muito: cabelo "bom" X cabelo "ruim". É neste ponto que os marcadores de classe social e "raça" se articulam: a "chapinha mal feita" e o "cabelo ruim" são elementos ligados a jovens "negras" de camadas mais baixas.

Os outros entrevistados, embora não tenham afirmado que preferem se relacionar com pessoas "brancas", nunca tiveram experiências com pessoas de pele mais "escura", e muitos/as deles/as dizem que não veem pessoas "negras" nos ambientes de sociabilidade que frequentam. O estereótipo que mais chama atenção desses/as jovens para o estabelecimento de parcerias afetivo/sexuais é do/a roqueiro/a *indie* britânico/a, ou seja, "branco/a" e *estiloso*.

> "As pessoas que eu acho bonita sempre são branquinhas, é incrível, sempre quem me atrai são branquinhos, eu acho que é porque aqui já tem cor demais (Marina é "morena")... Pode ser de cabelo claro ou escuro, mas a pele tem que ser mais clara que a minha, bem branquinha, bem branquinha, transparente... Não gosto de cabelo arrepiado, tem que ser mais largadinho... Uma barbinha por fazer, mas não barbudo por favor, que eu odeio barba, sem barba, bem bebezinho também é legal, mas por fazer é a melhor.... Camisa xadrez, calça jeans e um tênis" (Entrevista com Marina, 22 anos, heterossexual – parenteses e grifos meus).

> "(...) Sempre peguei meninos branquinhos mesmo...Tem que ter uma cara de quem gosta de rock, é isso..." (Entrevista com Amanda, 20 anos, heterossexual).

Neste contexto há uma hierarquia de valores estéticos, e no caso da "raça" existem certas combinações que são consideradas bem sucedidas, tais como a pele "negra" com um cabelo *black power*, e combinações que não são apreciadas, tais como a pele "negra" e a tentativa de alisamento dos cabelos. O valor máximo aqui é o

estereótipo do roqueiro britânico e todas as outras combinações são avaliadas a partir deste ideal. É importante destacar que o próprio estilo musical – o *indie rock* – já traz um corte de classe social em si mesmo: grande parte das músicas são cantadas em inglês, e neste fato já se estabelece uma clivagem entre quem entende a letra (e sabe cantá-la) e quem não entende. A clivagem de classe social é, na maioria das vezes, acompanhada da clivagem de "raça", uma vez que no Brasil os "negros" têm uma renda inferior aos "brancos", portanto menos acesso a um certo tipo de capital cultura, do qual a língua inglesa faz parte.

Pedi que os/as entrevistados/as me descrevessem como seria uma pessoa a qual achariam bonita e teriam interesse em ter alguma relação afetivo/sexual. A barba é uma unanimidade entre as garotas e os garotos homossexuais. Entretanto, não pode ser uma barba muito grande, deve ser uma *barba por fazer*, levemente desleixada. O garoto ideal é aquele que é "branco", tem um cabelo meio bagunçado, e se veste de um modo *alternativo*: calças justas, camiseta de banda, camisa xadrez e no pé usa All Star ou Vans[94].

> "Eu imagino bem, mas não sei como descrever... Tem que ser meio estilosinho, sabe? São pessoas que se vestem... Os alternativozinhos roqueiros da Funhouse rola... Calça jeans justa, eu odeio calça jeans larga, mesmo pra homem... Camisetas legais, de banda, com desenhos e ideias legais... Camisa xadrez... Cabelo não cumprido, não precisa ser muito curto... Aqueles meio bagunçadinhos... Tem uns cortes muito legais que o pessoal está usando, meio raspado.. Eu adoro cabelo estiloso... Adoro maxilar bem grande (risos)... Nariz relativamente grande, pra frente (risos)... Não sei, imagina o Nick Valensi do Strokes, é bem assim (risos)... Barba pode ter, mas sempre aquela por fazer, muito grande não... Bigode também, nada muito grande... Meu ex namorado tinha barba e bigode... É engraçado que eu tendo a me atrair por meninos que tendem a ser gays, é o tipo de cara que me chama atenção... Eles se vestem melhor, se fossem héteros seriam eles!" (Entrevista com Adriana, 22 anos, bissexual).

[94] Marca de vestuário e calçados estaduniense. Iniciou suas atividades na década de 1960 com foco nos skatistas. Nos anos 1980 virou símbolo da geração punk e a partir do anos 2000, com reedição de diversos modelos, tornou-se objeto de desejo dos modernos.

Foto 18: Cartaz que circulou entre os perfis dos/as entrevistados/as nas redes sociais.

Os garotos que chamam atenção são aqueles que possuem uma masculidade suave: devem ter *cara de homem*, mas não podem ser *"toscos que gostam de micareta"*. Esse tipo de masculinidade deve ser associada a alguns traços de sensibilidade.

> "(...) Tem que ter cara de homem! Acho bacana aquelas camisas xadrez, com uma camiseta branca por dentro, aquelas golas V também, se não for muito grande e o cara não tiver muito cara de gay também fica legal, mas fica mais legal se o cara tiver uma tatuagem no peito, que aparece... Tatuagem também é bem importante (...)" (Entrevista com Manuela, 22 anos, heterossexual – grifos meus).

O ideal esperado é o garoto que não esconda seus sentimentos, que respeite uma relação igualitária, onde a garota possui os mesmos direitos e deveres, mas que ao mesmo tempo a proteja, tenha alguns traços mais "rudes". Assim, pode-se supor que a preferência pela barba por fazer venha dessa busca pelo equilíbrio entre sensibilidade e uma certa "brutalidade". Pode-se imaginar que este equilíbrio não é facilmente conquistado e quanto os garotos ficam numa "corda bamba" a fim de corresponder às expectativas femininas. A diferença entre um garoto com *cara de homem* e um com

cara de gay muitas vezes pode ser estabelecida por um só gesto errado que o menino faça. A construção do gênero pode acontecer através de várias tecnologias (De Laurettis, 1994), e o estilo pode ser considerado como uma delas. A tensão existente entre *cara de homem* e *cara de gay* mostra como é difícil o manejo exato de todas as variáveis que estão em jogo quando se fala numa performance de gênero desejável. São pequenas nuances que irão definir o local social atribuído ao sujeito, o que torna a fronteira entre o aqui e o lá é bastante difusa.

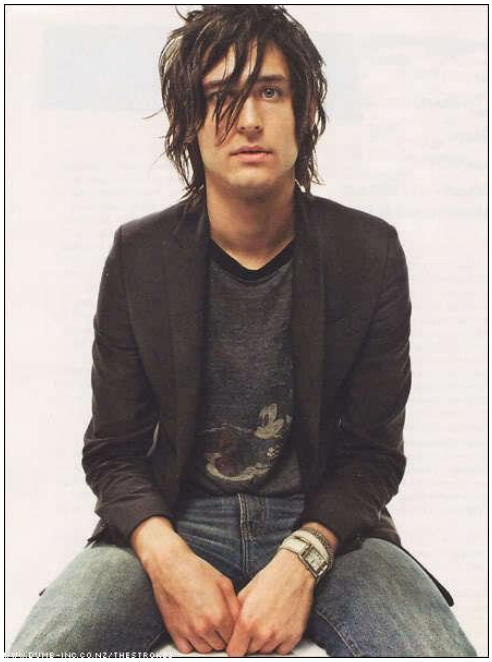


Foto 19: Nick Valensi, guitarrista da banda The Strokes. Um dos modelos de beleza nesta cena (crédito: site oficial da banda).

Já uma garota, para chamar atenção neste contexto deve ser "branca", magra, "feminina", *moderninha*, além de ter cabelos escuros e lisos. Este é o tipo de ideal para os/as jovens que se relacionam com meninas. Garotas "brancas" com cabelos escuros, batons vermelhos e tatuagens à mostra fazem sucesso. Shortinho com meia calça e botinhas de cano baixo e sem salto ou calça skinny com uma blusa mais comprida são as vestimentas preferidas.

A partir destes elementos, os sujeitos tentam organizar o acaso, e a "máquina da paquera" torna-se na verdade "máquina de cálculo", a qual opera através de detalhes tais como olhar, roupas, estilo, a fim de que no final eles/as possam se envolver com alguém mais parecido possível com si mesmo/a.

Com relação a classe social, embora a maioria tenha dito que isto não é levado em conta na hora de se relacionar com alguém, há situações em que a diferença social é sentida e rechaçada por alguns/mas deles/as. Antônio, por exemplo, já se relacionou com homens mais velhos que são funcionários públicos de alto escalão em Brasília, tendo, portanto, um alto poder aquisitivo. Esse fato fazia com que Antônio se sentisse mal, uma vez que *"(...) eu não queria ninguém bancando nada para mim e ele não queria mudar o estilo de vida dele..."*. A situação inversa também já ocorreu: ele já se relacionou com garotos mais novos, que não trabalhavam e moravam com os pais, de modo que não podiam sair todos os finais de semana.

> "(...) Então eu acho que o nível social em relação a dinheiro faz a diferença sim! A maioria dos caras que eu fiquei tinha uma coisa semelhante a minha: estudava, trabalhava, tinha seu dinheiro, mas não era rico... Tinha como se bancar e fazer algumas coisas bacanas... Mas quando a diferença é muita, é impossível você alcançar o nível do cara... E quando o cara tem muito menos você também não consegue trazer ele pra cá... Você tem que ir pra casa dele que é lá na zona dos infernos, e o pai dele está lá, a mãe dele está lá... Então atrapalha sim..." (Entrevista com Antônio, 24 anos, gay).

Manuela também acha importante que os parceiros tenham um nível econômico parecido. Ela já ficou com alguns garotos que moram na zona leste da capital paulista e isso trouxe algumas dificuldades:

> "(...) é sempre muito chato porque você fala: 'ah, vamos ao lugar tal' e ele fala: 'ah não, é muito caro!'... Que nem, eu faço ESPM e as festas de lá são sempre open bar... As festas são muito boas, pelo open bar, só que é tipo 'cem pau' para entrar... Mas eu fico pensando: 'pô, se eu fosse beber tudo que eu vou beber naquela festa numa balada normal, eu gasto muito mais de cem pau' e aí eu vou... E os caras sempre falando que é caro... Isso é muito chato... Mas não que eu vá deixar de ficar com cara porque ele é mais pobre, mas você vai deixar de fazer muita coisa... Não quero um cara rico porque eu também não sou rica, não tem necessidade.... mas um cara que consiga fazer e pagar as mesmas coisas que você e não tenha problemas com isso..." (Entrevista com Manuela, 22 anos, heterossexual).

É importante destacar que, muitas vezes, essas diferenças de nível econômico são mais sentidas quando o mais desfavorecido é o garoto. Aline, que se apresenta enquanto lésbica, mas que já teve alguns *ficantes*, tem opiniões diferentes sobre este assunto de acordo com o "sexo" do/a parceiro/a. Ela diz que gosta de *cortejar a mulher*, já com relação aos homens, gostaria de alguém que fosse *bem resolvido* financeiramente:

> "Não tem nenhum problema se ela ganhar muito a mais ou muito a menos... Só é importante que ela tenha um pouco de perspectiva e que ela sobreviva... Eu gosto muito de cortejar uma mulher, de dar as coisas e 'tals', mas eu quero que minha mulher seja independente, seja com muito ou pouco... Agora com relação aos homens, eu gosto de cara bem resolvido, até no sentido financeiro... Com cara eu sou mais preconceituosa... Eu não ia pagar a conta dele, nem a pau, sabe? Nem a pau mesmo! E também não vou deixar ele vir me pegar em casa de bicicleta, ele tem que ter o carro dele... Eu tenho o meu carro! Então não vou andar nem de moto!" .

Para esses/as jovens embora a questão do poder aquisitivo seja importante, não é somente disso que se trata. Eles/as têm muitos projetos de vida e um/a parceiro/a ideal também deve tê-los. Juntamente com a faculdade, muitos deles/as possuem projetos paralelos: bandas musicais, projetos fotográficos, sites na internet, projetos artísticos... A perspectiva de "*dar certo na vida"*, tornar-se independente dos pais, *"trilhar seu próprio caminho"* é organizadora de suas escolhas atuais. Caetano foi categórico ao falar sobre isso:

> "Tem que ser estudado, ou estar estudando... Ter um projeto de vida... Senão não rola... Eu namorava um cara que trabalhava de telemarketing e nem tinha planos... Não dá! Não tem como! Tem que ter papo, planos... Classe social também influencia, mas é mais essa questão dos planos, porque na verdade eu adoro periferia... Adoro falar que passei o final de semana em São Mateus[95], em lugares diferentes... Mas meu namorado está fazendo história, eu já estou tentando 'fazer ele' mudar para o design... Dois na educação não rola (Caetano trabalha como supervisor numa ONG que oferece cursos

[95] Bairro localizado no extremo leste da cidade de São Paulo.

> para adolescentes internos da Fundação Casa)... Se a gente quer casar, construir uma coisa juntos, não rola!" (parênteses meus).

Completando este raciocínio, alguns/mas dos/as jovens que estão solteiros/as justificaram esta situação com o argumento de que estão focados/as na vida profissional e em seus projetos pessoais. Todos eles/as estão submetidos a pressões sociais para que se tornem sujeitos viáveis no interior de sua classe e geração e essas pressões também expressam-se no âmbito da afetividade, da sexualidade e do gênero (Facchini, 2008).

Uma vez estabelecido quem é o sujeito desejável, pode-se estipular quais os roteiros sexuais (Gagnon, 2006) socialmente aceitáveis na cena em que se está inserido/a. Esses roteiros são manipuláveis pelos sujeitos, porém possuem certos limites. No contexto pesquisado, as garotas possuem maior poder de manipulação (a princípio podem *ficar* com garotos e garotas), porém em algum momento terão de definir de quem (ou do quê) gostam *mesmo*.

Ainda pensando acerca das formações de parcerias afetivo/sexuais, indaguei aos/às entrevistados/as sobre o "tipo" de pessoa com a qual não se relacionariam. Mais uma vez foi delimitada fronteiras entre os grupos: *reggareiros/as*, *funkeiros/as*, *sertanejos/as*, *"dançarinos/as de axé"* e *pagodeiros/as* são citados/as constantemente. O gosto musical de uma pessoa é percebido como o *"pacote completo"* em que estilo e atitudes são acionados para a criação de estereótipos. Entre as meninas também apareceu o *"bombado de academia"*.

> "(...) eu não ficaria com um malhado, bombado de academia, jamais! Eu nunca me imagino com um cara com o cabelo espetado de gel, de regata, forte, usando um nike shox com doze molas, de bermuda... É o tipo de cara que eu não consigo imaginar...Tipo um cara hetero demais... Não rola... Tipo: 'Quero sair catar várias mulheres'. Esse estereótipo muito machista: 'Ai eu sou fortão, foda', aí não dá, eu não consigo... É uma questão de dignidade!" (Entrevista com Adriana, 22 anos, bissexual).

As categorias classificatórias atribuídas a si e aos outros são articuladas com os marcadores sociais da diferença a fim de criar distanciamentos e aproximações no que diz respeito às relações afetivo-sexuais. Desse modo sujeitos desejáveis são

constituídos. É necessário enfatizar que deseja-se o que é socialmente desejável, mas os sujeitos desejáveis mudam contextualmente. Na *Funhouse* os sujeitos com um estilo *rocker britânico* estão no topo da hierarquia; no Sambarylove, por exemplo, este sujeito seria rechaçado. Perlongher (2008) utiliza a ideia de tensores libidinais, os quais orientariam os sujeitos na busca por corpos e prazeres. "Configura-se assim, uma massa instável de referências 'identificatórias', um campo de forças atravessado por tensões, por vetores de circulação que buscam orientar o sujeito no emaranhado dos corpos" (p. 248). Diferenças de gênero, classe, idade e cor seriam articuladas neste sentido.

3.3 "Um ponto fora da curva": André

Como já dito anteriormente, André é o único entrevistado que não frequenta a festa *Delicious*, embora confirme sua presença no evento através do *facebook*, ferramenta através da qual cheguei até ele. Morador da cidade de Guarulhos, estudante do curso de análise de sistema na FATEC, mora com os pais e divide o quarto com seu irmão mais novo. Sua entrevista é bastante interessante, uma vez que pode ser analisada como um contraponto em relação às demais: o desejo de André é ser da cena *indie* rock/moderna, e ele faz várias tentativas neste sentido, entretanto as mesmas não são bem sucedidas. A partir disso é possível visualizar a operação do sistema classificatório vigente neste contexto. A entrada de André no grupo não é possível, uma vez que o manejo das possibilidades que ele tem para este fim, não é adequado.

Durante toda entrevista André procurou ressaltar que embora sua apresentação pessoal esteja mais ligada ao estilo *hardcore* prefere o estilo *indie rock*. É interessante comentar que tive dificuldades em reconhecê-lo no local onde combinamos de nos encontrar (Espaço Itaú de Cinema, na própria Rua Augusta), pois antes disso havíamos nos comunicado via *facebook* e em suas fotos nessa rede social, André aparece com estilo *indie rock* – não há nenhuma foto de corpo inteiro, mas nas fotos de perfil ele usava óculos grandes de grau, modelo wayfarer da Ray Ban (que é um item clássico neste estilo moderno/alternativo/*indie*), estava com barba por fazer e seu piercing na boca não era aparente. Era esta pessoa que eu estava esperando. Pessoalmente ele estava vestido com calça jeans larga e rasgada, tinha os cabelos cumpridos e meio alaranjados,

usava botinha pretas, colete jeans com tachas por cima de uma camiseta preta com estampa de desenhos japoneses.

A dificuldade financeira é um fator importante em sua vida: como não estava trabalhando no momento da entrevista, pois fora demitido de seu último emprego, junta as moedas que encontra pela casa durante a semana a fim de pagar a passagem de ônibus de Guarulhos até a Rua Augusta. Lá, André se junta com seus *"amigos do hardcore"* e vão até o Extra da Avenida Brigadeiro Luis Antônio, onde os amigos compram bebidas e ele, que não bebe, compra bolachas para comer durante a madrugada.

Na maioria das vezes eles não entram em nenhuma "balada". Ficam perambulando pela rua, sobretudo pelas redondezas do *Outs* e do Inferno. André, porém fica quase todos os finais de semana no lado de fora da *Funhouse*, observando a movimentação dos/as frequentadores/as. É importante ressaltar que essa prática não é comum no entorno da casa noturna. Muitas vezes ele fica sozinho dando voltas pelo quarteirão em que se encontra a *Funhouse*, pois seus *"amigos do hardcore"* não vão junto, uma vez que não se identificam com o estilo dessa casa noturna. André diz que gostaria muito de ir à *Delicious*, mas no momento da entrevista não tinha roupas apropriadas, pois fora assaltado:

> "Antes de eu ser roubado, meu estilo era indie rock, mas agora o que me sobrou são roupas de hardcore e de anime... Eu estava voltando para casa, era para eu descer num ponto que é mais seguro, mas o motorista não parou e eu desci num ponto que tinha uma favelinha, aí me roubaram uma mochila que tinha camiseta, skate, fone de ouvido... E como eu não estava trabalhando, eu não pude comprar outras, mas na época meu estilo estava meio indie rock, camisa xadrez, óculos grande... Mas aí eu comecei a usar as roupas que tinha em casa e como meus amigos são do rock não tem problema.... Assim, eu gosto de rock e tal, mas eu prefiro o estilo indie... Porque assim, o rock é um estilo mais 1980, 1990... O indie é um estilo mais moderno, e eu prefiro, eu sempre tento ter coisas com mais modernidade... Eu ando mais com pessoal do rock, mas prefiro muito mais o indie... Tenho amigos indie, mas são bem menos..."

As pessoas que frequentam a Rua Augusta, sobretudo as ligadas à cena *indie*/alternativa, exercem um grande fascínio em André, que as considera *estudadas* e *ricas*. A comparação é feita em relação a Guarulhos, que é considerada uma cidade que não possui muitas tribos, *"só emos e pagodeiros"*. Sua fala demarca bem as fronteiras entre o nós (nesse caso, jovens ligados ao *hardcore*, moradores de cidades da Grande São Paulo, com um poder aquisitivo menor) e o eles (jovens com estilo *indie*, com maior nível de estudo e poder aquisitivo maior). As meninas que frequentam a Augusta também são mais bonitas que as meninas de Guarulhos:

> "Lá (em Guarulhos) se a gente ia numa balada, por exemplo, de 400 pessoas teriam umas 15 meninas bonitas, já aqui de 400 meninas vão ter pelo menos umas 200 bonitas, então o que acontece... Tipo, lá se você pegar uma menina bonita vão falar: 'Nossa você foi foda!'... Aqui todas as meninas que você pega tendem a ser bonitas... Então quando eu comecei a vir para cá e mostrei as fotos das meninas que eu pegava para os meus amigos de lá, eles falavam: 'Nossa mano, você só chega nas minas fodas' e eu falava: 'Ah, não é assim, todas as meninas de lá são fodas'" (parênteses meus).

Para André e seus amigos que moram em Guarulhos, as meninas da Augusta são *fodas*, ou seja, além de bonitas ("brancas", com cabelos escuros e lisos) são *estilosas*, se vestem de uma forma moderna, não gostam de pagode e têm um repertório cultural mais ampliado. A fim de se tornar um sujeito desejável na cena em que pretende se inserir, André rechaça qualquer traço ou característica que o relacione com elementos não valorizados neste contexto. Neste sentido, ele produz uma barreira entre si mesmo e diversos grupos:

> "Eu não me identifico com o pessoal do reggae, com o pessoal do pagode e do funk... Sem zoeira, todo mundo que eu conheci do reggae usa maconha e acha que a vida deve ser mais relax e blá blá blá.... Já o pessoal do pagode, os que eu conheci, não que sejam todos, geralmente é um pessoal que gosta de churrasco na laje, usa orkut, umas coisas assim... E do funk, eu conheci pouca gente, mas dá a impressão de que as meninas são muito, muito promíscuas... Meus amigos que já foram no funk disseram que elas têm relações sexuais no meio da balada, eu acho isso uma coisa meio louca..."

Gostar de *"churrasco na laje"* e usar *orkut*[96] são elementos discriminatórios no discurso de André. Numa tentativa de diferenciação, ele rejeita atributos relacionados a estratos mais baixos da população, do qual sua própria família faz parte. O interessante, do ponto de vista analítico, na história de André não é apenas a forma como ele tenta se diferenciar de outros grupos, mas sim como a diferença do outro (no caso os adeptos do estilo *indie rock*) o produz enquanto sujeito que pode (e quer) operar certas marcas que possui e que não são valorizadas na cena na qual pretende se inserir, de modo a tentar uma aproximação com este local social almejado. Ou seja, André está tentando fazer algo a partir daquilo que foi feito dele (Facchini, 2008).

Para constituição de parcerias afetivo/sexuais, André tem o mesmo gosto dos outros garotos entrevistados: meninas que tenha estilo *indie rock*, usem óculos com armações grandes, camisa xadrez, seja branca e tenha o cabelo escuro. A diferença de classe social também foi comentada, a partir de seu projeto de ascensão:

> "Eu não gostaria de namorar uma menina que fosse de uma classe social muito diferente... Eu sou classe baixa, mas pelo meu estudo e pelo o que eu pretendo estudar eu acho que facilmente eu chego na classe média, e se bobear acho que até classe alta e tal... Que nem eu te falei, meu último salário era R$1.080,00, a base de salário de um formado é uns R$3.000,00... Então eu não gostaria de namorar uma menina que ganhasse vinte mil reais e nem uma que ganhasse... É que menina que ganha menos é meio que comum... É que depende muito... Se você gostar, não vai importar... Mas tem menina que você percebe que é interesseira, mas se ela não fosse, eu não me importaria...".

A menina *interesseira* e *promíscua*, *"que já deu em cima de todos meus amigos"*, é aquela com quem André não se relacionaria. E apesar das meninas da Augusta serem *fodas*, ele acha que não as namoraria, uma vez que elas são muito *atiradas*:

> "Eu tenho muitos amigos que têm banda e muitas das meninas que *pagam pau*[97] para mim é pelas pessoas que eu conheço... Eu conheço muita gente, por exemplo, o segurança lá do Inferno pediu para eu

[96] Rede social filiada ao Google, criada em 2004. Era a rede social mais popular do Brasil, mas no início de 2012 perdeu este posto para o Facebook.
[97] Gíria comum entre os jovens, quer dizer algo como "se interessam".

> adicionar ele (no facebook), então eu conheço bastante gente... Seria por essa famazinha, por eu ser popular e pelos meus amigos terem banda que as meninas se aproximam...".

Conhecer pessoas que fazem parte de bandas e os seguranças das casas noturnas dá a André a impressão de ser "famoso" e "popular" na noite, de modo que as meninas "pagariam pau" para ele por conta disso. Na entrevista ele comentou com orgulho o episódio no qual depois de uma balada adicionou 14 pessoas no *facebook* num só dia, ou seja, para ele isto é a prova de que sim, é *famoso* e *popular*. Resta saber se essas meninas são as que frequentam a cena *indie rock*. Me parece que não, uma vez que através das entrevistas e do trabalho etnográfico, posso afirmar que esse tipo de conhecimento não traz reconhecimento nesta cena específica. Na cena *indie rock*, para ser "alguém" na noite é preciso sim conhecer pessoas e estar antenado com o estilo, porém as pessoas chaves neste contexto são os DJs e *promoters* das festas e casas noturnas e não integrantes de bandas (uma vez que são raras as festas neste formato) e seguranças do estabelecimentos.

André também demonstra que não consegue instrumentalizar todas as nuances do estilo *indie rock*, há vários detalhes que ele não percebe. Como já dito anteriormente, este estilo é um tanto quanto "cifrado" para quem está de fora, e eu mesma tive algumas dificuldades inciais para apreender certos aspectos desta cena. É necessário um certo investimento (tanto no que diz respeito ao tempo e disposição quanto a questões financeiras) e capital cultural compreender o que está jogo quando se pretender inserir-se nestes ambientes. Certamente as roupas que André usa, sua estratégia de ficar no lado de fora da *Funhouse* e suas opiniões no que diz respeito a moralidade sexual não permitem que ele seja incluído (reconhecido) neste estilo.

Em sua tentativa de mobilidade entre diferentes grupos e estilos, André se vê entre dois mundos e duas moralidades: de um lado, o que vive em Guarulhos, numa moralidade mais tradicional, que o faz achar que as meninas da Augusta, embora sejam *fodas* são *promíscuas* e *atiradas*, de modo que não seriam meninas para namorar. E de outro a cena noturna, na qual tem contatos com outros discursos e tenta se inserir de alguma forma. É um processo tenso, paradoxal e que ainda exigirá um certo manejo de todas as referências com as quais tem que lidar.

O importante a destacar é que André tem a possibilidade de ter esse projeto de mobilidade social: é possível (embora com todo o esforço que tenha que fazer) sua circulação de Guarulhos até o Centro de São Paulo semanalmente. Existe um campo de possibilidades (Velho, 2003) a partir do qual há espaço para formulação de projetos. Parece que sua tentativa de ascensão não está ligada somente ao estilo *indie rock*, uma vez que ele não é um aficcionado do mesmo e inclusive se veste de outra maneira e escuta outros tipos de músicas. O mais importante neste caso é a mobilidade social que pretende. Ele vê os jovens do estilo *indie rock* como mais *ricos* e *estudados*, sendo com eles que deseja se identificar, assim, pode-se compará-lo com um *quase moderno* (França, 2010).

***

Considerações Finais:

O processo de pesquisa pode estender-se indefinidamente... É bastante difícil definir o momento de parar, pois sempre há algo para ler ou uma dúvida etnográfica para averiguar. O/a pesquisador/a raramente está satisfeito com o que tem em mãos, mas os prazos correm e numa tarde qualquer é preciso sentenciar: "É com este material que finalizarei a pesquisa", por mais dolorido que isso possa ser.

Aqui chego ao final de uma jornada acadêmica, deliciosa e dolorida, como as jornadas transformadoras devem ser. A pesquisa que aqui se "encerra" não se pretende acabada, pelo contrário, é apenas uma pequena tentativa exploratória de algo que ainda pode render muitas outras questões.

Desde a iniciação científica, em 2010 venho me dedicando a questões relacionadas à juventude(s), gênero e sexualidade(s). Primeiro, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada num ambiente escolar, com meninas e meninos entre 14 e 19 anos. Agora, em ambientes de sociabilidade noturna, com jovens entre 18 e 24 anos. Campos variados, questões variadas, experiências variadas... O que não muda é a força como essas vivências me atingiram enquanto ser humano e foram fundamentais para a formação de ideais para vida. Estar aberta às descobertas, aos encontros que a pesquisa possibilita e ser afetada (Fravet-Saada, 2005) por tudo isso, usufruindo do crescimento que isso causa. Acredito ser algo que poucas profissões podem oferecer.

A ideia inicial desta pesquisa era fazer uma comparação a partir do marcador de classe social a fim de entender como se daria a articulação entre estilo e sexualidade em diferentes ambientes de sociabilidade. Ao iniciar o trabalho de campo, a comparação mostrou-se inviável, de modo que me concentrei em um único estilo, o *indie rock*. Com isso, o objetivo da pesquisa passou a ser a forma como ocorre a articulação entre sexualidade, gênero e estilo neste contexto, a fim de perceber como são construídas as parcerias afetivo-sexuais e os sujeitos desejáveis. Além disso, procurei demonstrar como há tensões (ainda que veladas) entre as diferentes "identidades" sexuais nesta cena.

Meus/minhas interlocutores/as faziam questão de afirmar sobre o quanto eram *modernos* e *alternativos*. Estes termos, porém, são polissêmicos e usados por diversas gerações nos discursos de diferenciação contra o *mainstream*. A ideia que desejam

passar é de uma cultura alternativa, no caso o *indie rock*, que está "ameaçada" e da qual eles/elas seriam os/as guardiões/ãs. Isso fica mais nítido no discurso sobre as festas de *indie rock* e o quanto a noite está sendo tomada por festas *pop*. Ao mesmo tempo em que falam sobre uma cultura "ameaçada", ou seja, prestes a se esvaecer a qualquer momento, a linguagem deste estilo é de difícil acesso para os que estão de fora, como vimos no exemplo de André. A lógica parece ser a seguinte: pensa-se o estilo como certa forma de resistência ao *pop/mainstream* e ao mesmo tempo não há interesse em que mais pessoas possam ter acesso a ele, pois caso isso acontecesse o discurso de diferenciação, muito importante nesta cena, perderia o sentido.

Durante toda a dissertação procurei demonstrar o quanto a articulação entre estilo e sexualidade é importante nesta cena, de modo que certa moralidade sexual compõe o estilo desses jovens, o que se torna um grande vetor de tensão. O estilo aparece então como uma grande arena de exercício da agência e do manejo de convenções sociais (Facchini, 2008).

Se de um lado há o discurso de uma convivência pacífica entre as diferentes sexualidades nos ambiente de sociabilidade noturnos da cena *indie rock*[98], uma vez que para ser *moderno* não seria possível ser preconceituoso, por outro lado, os insultos e deboches existem e também estão presentes nas falas de meus/minhas interlocutores/as. É preciso que os/as heterossexuais afirmem (e reafirmem) que a diferença existe, pois ainda vivem numa sociedade que é basicamente heteronormativa (principalmente fora da cena). É necessário ser um sujeito viável de sua classe e "raça", e para tal é quase indispensável ser heterossexual. Essa contingência abre o caminho retórico para que as pessoas se vejam enquanto *hetero mesmo*, *gay mesmo* ou *lésbica mesmo*. O *mesmo* torna-se fundamental como uma maneira de reafirmar uma "identidade" sexual.

Assim como no trabalho de Moutinho (2006), o convívio mostrou-se como algo importante no decorrer da pesquisa. Porém neste contexto é o convívio que possibilita que as diferenças sejam produzidas e colocadas em discurso, sobretudo no que diz respeito às experiências afetivo/sexuais. A sociabilidade entre iguais é outro fator muito importante para a construção de sujeitos viáveis.

[98] É preciso esclarecer que estas sexualidades diferentes é basicamente formada por heterossexuais, bissexuais e homossexuais – gays e lésbicas – , não há travestis, crossdressers ou transexuais nestes ambientes

A partir de toda a discussão pode-se afirmar que nesta cena é o estilo que articula todas as outras diferenças construídas através dos discursos dos/as jovens. As trajetórias sexuais, as performances de gênero e as moralidades presentes neste contexto são lidas a partir da vivência dos/as meus/minhas interlocutores/as enquanto jovens *modernos/alternativos*.

Pode-se perceber que há um conjunto de códigos, posturas, valores e significados que são tensos e contraditórios entre si. Eles/elas estão sempre numa corda bamba, tentando manter-se dentro de uma leitura adequada (para os outros, mas também para si mesmos/as). Não podem *"perder a classe"*, não podem parecer *coxinhas*, os meninos não podem parecer gays. Minha intenção não foi mostrar se é a estrutura ou a agência que dominam a vivência destes/as jovens num sistema classificatório que está sempre em disputa, mas sim como eles/elas lidam com tudo isso, como constroem o que chamei de discurso sobre si.

Esta pesquisa etnográfica mostra o quanto as relações entre as diferentes "identidades" sexuais são tensas e contraditórias no Brasil contemporâneo. Se houve grandes avanços, muitos desafios ainda persistem se realmente quisermos conquistar uma sociedade igualitária no que diz respeito às questões de sexualidade e gênero.

Bibliografia:

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*, São Paulo, Ed. Scritta, 1994.

ALMEIDA, Elmir de. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In: SPOSITO, Marília Pontes. *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)* – vol. 2. Belo Horizonte, Ed. Argvenentvm, 2009.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Quando o Metro era um palácio: salas de cinema e modernização em São Paulo. In: *Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP*, São Paulo, n. 5/6, pp. 87-116, 1997.

_____. Janela para o mundo: representações do público sobre o circuito de cinema em São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP e Fapesp, 2000.

_____. *Telenovela, consumo e gênero: "muitas mais coisas"*. Bauru, EDUSC, 2003.

_____; SZWAKO, José (orgs.). *Diferenças, Igualdade*, São Paulo, Berlendis e Vertecchia, 2009.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de século, 1995

_____. Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: *Anuário Antropológico/95*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, pp. 161-189, 1996.

ARÁN, Márcia. PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.28, pp.129-147, 2007.

ARIÈS, Philipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1991.

AZEVEDO, Thales. *Democracia racial*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.

BARBOSA, Bruno Cesar. *Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010 (Dissertação de Mestrado).

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n.19 (2), pp. 548-559, 2011.

BERGAMO, Alexandre. *A experiência do status: roupa e moda na trama social*. São Paulo, Ed. Unesp, 2007.

BONZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org). *Família e Sexualidade*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

BORELLI, Silvia H. S., FREIRE FILHO, João (org.). *Culturas juvenis no século XXI*, São Paulo, Ed. EDUC, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1983.

_____. O camponês e o seu corpo. In: *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, n.26, pp. 83-92, 2006.

_____. "Gosto de classes e estilo de vida". In: *A Distinção – Crítica social do julgamento*. São Paulo, EDUSP, 2007.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.26, pp. 329-376, 2006.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia luz... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2010 (Tese de Doutorado).

BROOKS, David. *Bubos no paraíso: A nova classe alta e como chegou lá*. Rio de Janeiro, Editota Rocco, 2012.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 1999.

_____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2010.

CARRARA, Sérgio; LACERDA, Paula. Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Precido. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, UNICAMP, vol.28, 2007, p. 375-405.

CARVALHO, Marília Pinto de; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. “Jovens, sexualidade e gênero”. In: SPOSITO, Marília Pontes. *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)* – vol.1. Belo Horizonte, Ed. Argvenentvm, 2009.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoa. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.16, pp. 13-30, 2001.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina R. (orgs). *Juventude e contemporaneidade – Coleção Educação para todos*. Brasília, Ministério da Educação e Secretaria Nacional de Juventude, 2007.

DEBERT, Guita Grin. *A reivenção da velhice*. São Paulo, Edusp e Fapesp, 1999.

_____. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, UFRGS, n.34, p. 49-70, 2010.

DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

DÍAZ – BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARO, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres Dissidentes*, Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2009.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaios sobre noções de poluição e tabu*. Lisboa, Edições 70, 1976.

_____. O mundo dos bens, vinte anos depois. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.28, pp. 17-32, 2007.

_____; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens*. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 2004.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2008 (Tese de Doutorado).

_____. "Não faz mal pensar que não se está só": estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, UNICAMP, vol.36, pp. 117-153, 2011.

FAUSTO – STERLING, Ane. Dualismos em duelo. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, UNICAMP, vol.17/18, pp. 9-79, 2001/02.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e Pós-modernismo*, São Paulo, Studio Nobel, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade vol. 1: A vontade de saber*, São Paulo, Edições Graal, 2007.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e Pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006 (Dissertação de Mestrado).

_____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2010 (Tese de Doutorado).

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981.

FRAVET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: Cadernos de Campo, n.13, São Paulo, USP, pp.155-161, 2005.

FRÚGOLI JR, Heitor; SKLAIR, Jessica. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. In: Cuardernos de Antropología Social, n.30, Buenos Aires, UBA, pp. 119-136, 2009.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

_____. Estética e política: Relações entre "raça", publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.

_____. Diferenças, desigualdade e discriminação. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de (org.). *Antropologia e Direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos*, Brasília/ Rio de Janeiro/ Blumenau, ABA/ Laced/ Nova Letra, 2012.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: Ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2006.

GASPAR, Samantha dos S. Gentrification: processo global, especificidades locais? In.: *Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, n.6, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010.

GROPPO, Luís Antonio. A condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. In: *Ultima Década*, Valparaíso, nº33, pp. 11-26, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. As elites de cor e os estudos de relações raciais. In: *Revista Tempo Social*, São Paulo, vol.8, n.2, pp. 67-82, 1996.

_____. Raça, cor, cor da pele e etnia. In: *Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP*, São Paulo, n. 20, pp. 265-271, 2011.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London, Routledge, 1979.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs). *Sexualidades brasileiras*, Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1996.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.* Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

_____. Entre as tramas da sexualidade brasileira. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n.14 (1), pp. 43-59, 2006.

_____ (et al.- org). *O Aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Garamond e Fiocruz, 2006.

KNUDSEN, Patrícia P. P. Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 18 (1), pp. 161-170, 2010.

KULICK, Don. *Travesti: Sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.

LEITÃO, Débora Krischke. À flor da pele: um estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, vol.5, n. 10, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol.17, n.49, 2002.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, vol. 17, n.2, pp. 173 – 205, 2005.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). *Karl Mannheim – Coleção Grande Cientistas Sociais*. São Paulo, Ed. Ática, 1982.

MCCLINTOCK, Anne. Couro Imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.20, pp.07-85, 2003.

MECCIA, Ernesto. La sociedad de los espejos rotos: Apuntes para una sociologia de la gaycidad. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n.8, pp.131 – 148, 2011.

MEINERZ, Nádia E. *Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005 (Dissertação de Mestrado).

_____. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S (orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis, Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2007.

MONTEIRO, Simone. CECCHETTO, Fátima. Cor, gênero e classe: dinâmicas da discriminação entre jovens de grupos populares cariocas. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 32, pp.301-329, 2009.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge, 1997. (Tradução para fins didáticos de Júlio de Assis Simões "Compreendendo sexo e gênero").

_____. Fantasias de Poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.14, pp. 13-44, 2000.

MOUTINHO, Laura. *Razão, cor e desejo*, São Paulo, Editora da Unesp, 2004.

_____. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homo)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.14 (1), pp.103-116, 2006.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. In: *Revista Tempo Social*, São Paulo, vol.19, n.1, pp. 287-308, 2007.

NOLETO, Rafael da Silva. O que é que uma diva tem? Cantoras brasileiras, vozes, corpos e poderes vistos por entendidos. In.: *Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP*, São Paulo, n. 21, pp. 45-63, 2012.

OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006 (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a Reinvenção do corpo. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.27, pp. 469-477, 2006.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. In: *Mana*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol.12 (1), pp. 179-206, 2006.

PERILO, Marcelo de Paula P. *Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2012 (Dissertação de Mestrado).

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê*, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: *Sociedade e Cultura*, vol.11, n.2, pp. 263-274, 2006.

PLUMMER, Kenneth. O tornar-se gay: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino. In: HART, John; RICHARDSON, Diane (orgs.). *Teoria e Prática da Homossexualidade*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

POLLAK, Michel. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÈS, Philippe et al. *Sexualidades Ocidentais*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

PRADO, Marco Aurélio M.; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.

PRINS, Baukje. MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n.10 (1), pp.155-167, 2002.

PUCCINELLI, Bruno. *Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na "rua gay" de São Paulo*. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2013 (Dissertação de Mestrado).

RIETH, Flávia. "A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens". In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol.8 – n.17, pp. 77-91, 2002.

ROCHA, Ane Talita S. O prazer como o local do 'não dito': discursos e relações juvenis sobre sexualidade(s) e gênero. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *7º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero – Programa Mulher e Ciência*. Brasília, 2012.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a radical theory os the potitics of sexuality. In: NARDI, P. M.; SCHNEIDER, B. E. (ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*, New York, Routledge, 1998.

SÁ, Simone Pereira de. GARSON, Marcelo. WALTENBERG, Lucas. Música eletrônica e rock entre ruídos e riffs: gêneros músicais em tempos de hibridismo. In: BORELLI, Silvia H. S., FREIRE FILHO, João (org.). *Culturas juvenis no século XXI*, São Paulo, Ed. EDUC, 2008.

SCALCO, Lucia Mury; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, Universidade de São Paulo, vol.53 (1), pp. 321-359, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n.16 (2), pp. 05-22, 1990.

_____. O enigma da igualdade. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n.13 (1), pp. 11-30, 2005.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: *Mana*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 11 (2), 2005, p. 577- 591.

SIMÕES, Júlio. Homossexualidade masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana.; GREGORI, Maria Filomena.; CARRARA, Sérgio (orgs.). *Sexualidades e saberes: Convenções e Fronteiras*, Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

SIMÕES, Júlio.; FRANÇA, Isadora.; MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, UNICAMP, vol.35, 2010, p. 37-78.

VANCE, Carole: A antropologia redescobre a sexualidade – um comentário teórico in: *PHYSIS. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, pp.07-31, 1995.

VEGA, Alexandre Paulino. *Estilos e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: Uma análise da desconstrução de diferença entre jovens em São Paulo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008 (Dissertação de Mestrado).

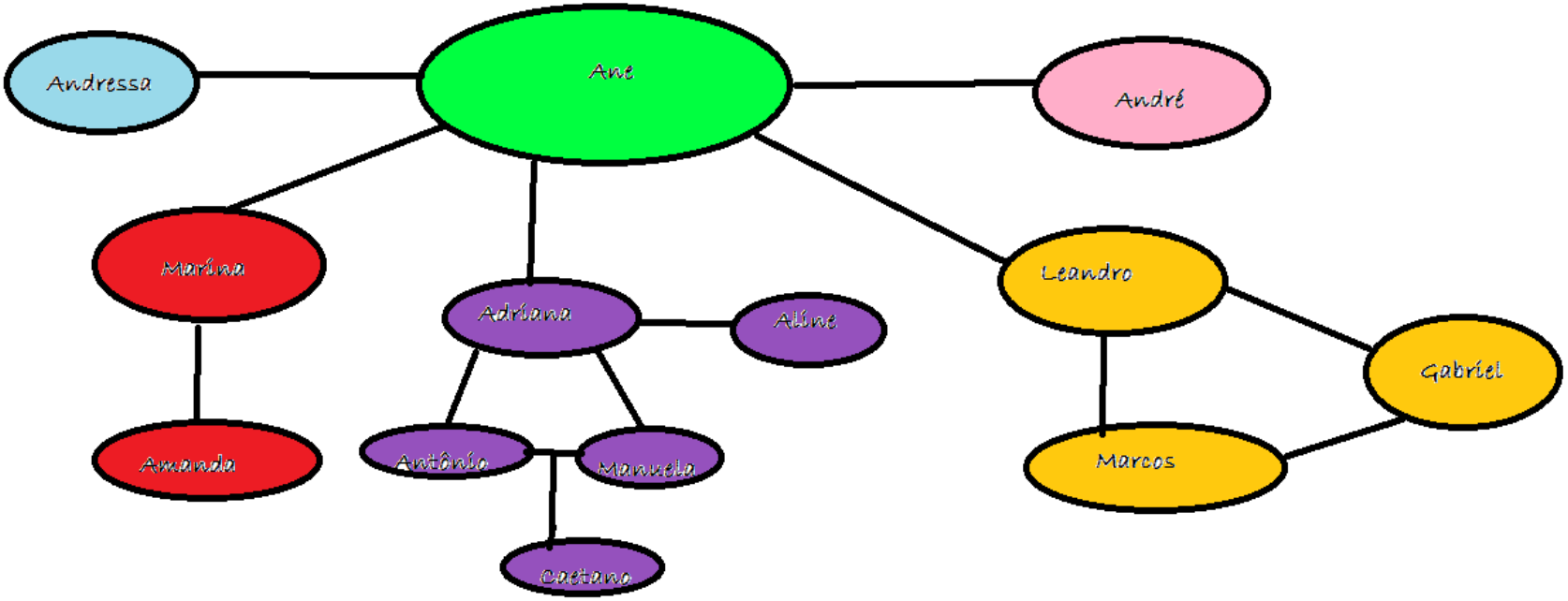
VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: *Projeto e Metamorfose: Antropologia e Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.

WACQUANT, Löic. Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

WEEKS, Jeffrey: O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado- pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

Anexo 1: Mapa da Rede de Entrevistados/as



Anexo 2: Quadro Descritivo do/as Entrevistados/as

Nome	Idade	Cidade/Bairro	Mora com...	Faculdade	Curso	Cor	Onde trabalha no momento	Idade do primeiro beijo	Já teve namoro "sério"	Idade na primeira relação sexual	Número de parceiros sexuais	Experiência com o mesmo "sexo"	Categoria com a qual se define
André	23	Guarulhos	Pais e um irmão	FATEC	Análise de sistemas	Moreno	Ajuda o pai	6 anos	Não	20 anos	3 meninas	Não	Heterossexual
Andressa	21	Pompeia	Mãe e irmãos	SENAC	Publicidade e Propaganda	Branca	Estágio numa empresa de eventos	13 anos	Não	21 anos	1 menino	Sim	"Aberta a novas possibilidades"
Marina	22	Jaraguá	Pais e um irmão	FMU	Design Gráfico	Morena	Estágio na Arcor do Brasil	13 anos	Sim	17 anos	5 meninos	Não	Heterossexual
Amanda	20	Pirituba	Pais, uma irmã e um irmão	Mackenzie	Publicidade e Propaganda	Branca	Estágio numa Agência	7 anos	Não	19 anos	2 meninos	Não	Heterossexual
Adriana	22	Vila Alpina	Pais, uma irmã e um irmão	USP	Ciências Sociais	Branca	Estágio num Museu	14 anos	Sim	18 anos	5 meninos e 4 meninas	Sim	Bissexual
Antônio	24	Cotia/Granja Viana	Pais, uma irmã e um irmão	SENAC	Multimídia	Morenos	Estágio na Produtora O2	9 anos	Sim	16 anos com menina, 18 anos com menino	70 homens e 2 mulheres	Sim	Gay
Manuela	22	Cotia/Granja Viana	Pais	ESPM	Publicidade e Propaganda	Branca	Estágio na Editora Globo	13 anos	Sim	17 anos	10 meninos	sim	Heterossexual
Aline	23	Santo André	Mãe e um irmão	Anhembi Morumbi	Rádio e TV	Branca	Sem emprego formal	14 anos	Sim	18 anos	5 meninas e 6 meninos	Sim	Lésbica
Caetano	24	Santana	Duas amigas	Faculdade Paulista de Artes	Artes Cênicas	Moreno	Numa ONG		Sim	15 anos com menina, 20 anos com menino	60 homens e 30 mulheres	Sim	Gay
Leandro	22	Paraíso	Mora em república	Mackenzie	Engenharia Civil	Pardo	Estágio numa Construtora	15 anos	Sim	19 anos	1 menina	Não	Não utiliza nenhuma categoria
Marcos	21	Morumbi	Pais	FMU	Publicidade	Branco	Numa	14 anos	Sim	17 anos	15 meninas	Não	Heterossexual

					e Propaganda		Agência						
Gabriel	23	Paraíso	Mora em república	Mackenzie	Engenharia Civil	Branco	Estágio numa Construtora	12 anos	Sim	14 anos	~ 70 meninas	Não	Heterossexual